

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESCRITA CRIATIVA

VITÓRIA DE ALMEIDA FONSECA

**HÁ UM SEGUNDO ERA PRESENTE: A CONSTRUÇÃO DO SER FEMININO E A IMAGEM DA
MÃE NATUREZA**

Porto Alegre

2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

VITÓRIA DE ALMEIDA FONSECA

**HÁ UM SEGUNDO ERA PRESENTE: A CONSTRUÇÃO DO SER FEMININO E
A IMAGEM DA MÃE NATUREZA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, na área de concentração em Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

O nascimento de uma escritora também é o nascimento de uma mulher. Obrigada, mãe. Agradeço por ter me proporcionado o privilégio de poder tomar a decisão de tornar-me escritora. Apesar de todas as dificuldades, especialmente aquelas relacionadas com o fato de sermos mulheres, você continua me apoiando, e por isso, sou humildemente grata.

Também agradeço à minha família: Maria (de quem decidi herdar o sobrenome com o qual me denomino escritora: Vozniak), Philemon (que não poderá ler este trabalho na forma escrita devido a um problema de visão, neste caso, solucionado com a minha leitura em voz alta), Irinéia (inspiração de força, luta, simplicidade e companhia), ao falecido e amado Dario (para quem já contei diversas vezes em sonho sobre a escolha de me tornar escritora).

Ao meu orientador, Norman Madarasz, o qual esteve presente nessa jornada que é ser escritora e mulher.

Ao Altair Martins, que me inspirou a não ser apenas uma leitora, mas também a ser uma escritora.

À Maria Carneiro, pela atenção, pelos estudos, pela força. Agradeço a leitura feita e as modificações propostas, todas de extrema importância para a melhoria do resultado.

Agradeço às minhas professoras mulheres as quais me encorajaram a ser escritora: Janaína Aguiar, que me inspirou a escrever meu primeiro livro infantil, com o título “A Menina e a Concha”, e me deu forças para concluir meu primeiro livro de poesia, também meu trabalho de conclusão na graduação em escrita criativa; Moema Vilela, que foi minha orientadora, presente em toda a concepção do livro “Todo Útero é uma Arma da Mãe Natureza”; Júlia Dantas, a qual me inspirou a continuar a pesquisa sobre mulheres que escrevem, resultando nesta dissertação.

Aos professores que estiveram presentes na minha trajetória na PUCRS, estimulando a escrita no Brasil. Um abraço (reviso esta dissertação em plena quarentena) para os professores de filosofia presentes no curso de Letras, em especial ao Ricardo Timm de Souza.

À minha turma de colegas e amigas, talvez a primeira formada apenas por mulheres na escrita criativa: Ângela Cuartas, Geysiane Andrade, Harini Kaneshiro, Juliana Maffeis, Marcia Bastilho e a agregada, e não menos importante, Manu. Também à Kali, uma amiga presente e dedicada. Que todas continuem escrevendo.

Aos meus amigos, os quais me ajudaram a superar esses dois anos: obrigada Ricieri Camatti, Luisa Saito, Amanda Sessim.

A criação deste trabalho também contou com a ajuda de David e Lynch, dois gatos irmãos com personalidades distintamente marcantes. Amo ambos de forma igual, como diz uma mãe na tentativa de não ter um favorito.

Ao Gustavo Colombini e os asteroides.

Agradeço novamente aos meus amigos do Psicodália, lugar no qual passei um dos melhores momentos da minha vida.

Agradeço profundamente à Lizete, pela ajuda com as tarefas domésticas as quais permitem com que eu tenha tempo para a escrita. Sua voz está sempre comigo.

À Capes, pelo apoio financeiro: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

Agradeço a todas as mulheres que tiveram a coragem de escrever e ser.

O romancista
– tal é seu mérito e seu risco –
está tremendamente exposto à vida.

(Virginia Woolf, 1926)

RESUMO

Esta dissertação está dividida em duas partes complementares. A primeira é o romance denominado “*Há um segundo era presente*”. A segunda parte é um ensaio sobre a criação do romance, assim como reflexões que envolvem a personagem mulher - o ser feminino - e a imagem da mãe natureza. O romance leva como título uma ideia de ser espaço-temporal, instabilidade e não-pertencimento: a humanidade não pertencente nem à cidade e nem à natureza. Tempo é deslocamento, assunto presente na obra através do olhar de três personagens: Sophia, Marília e Ana Clara (19, 24 e 29 anos). Juntas, elas formam um painel de passados, presentes e futuros que marcam um espectro prismático de vivência: o começo da jornada de uma é o início da jornada da outra. Sophia deseja largar sua vida em Porto Alegre para montar um ateliê de artes em São Paulo; Marília larga seu trabalho em São Paulo e deseja morar em um local no qual tenha mais contato com a natureza; e Ana é uma nômade que engravida e precisa decidir se deseja formar uma família em um local fixo ou se continua a vagar. A parte teórica possui o objetivo de analisar momentos importantes da trajetória da escrita do romance através de um diário de experiências pessoais. Com isso, pretendo trazer um conjunto de reflexões sobre o fazer literário, e mais pessoalmente, a construção do ser feminino através de algumas teorias, a maioria de mulheres, as quais se conectam com a feitura do texto ficcional, traçando o caminho percorrido durante a criação do romance, que possui influência tanto de acontecimentos pessoais quanto das teorias estudadas.

Palavras-chave: escrita criativa, romance, crítica feminista, crítica de processo, processo criativo.

RESUMEN

Esta disertación está dividida en dos partes complementarias. La primera es la novela que lleva el título "*Há um segundo era presente*". La segunda parte es un ensayo sobre la creación de la novela, así como reflexiones que involucran al personaje mujer -el ser femenino- y la imagen de la madre naturaleza. La novela lleva como título una idea de ser espaciotemporal, inestabilidad y no pertenencia: la humanidad no perteneciente ni la ciudad ni la naturaleza. El tiempo es desplazamiento, asunto presente en la obra a través de la mirada de tres personajes: Sophia, Marília y Ana Clara (19, 24 y 29 años). Juntas, ellas forman un panel de pasados, presentes y futuros que marcan un espectro prismático de vivencia: el comienzo de la jornada de una es el inicio de la jornada de la otra. Sophia desea soltar su vida en Porto Alegre para montar un taller de artes en São Paulo; María ancha su trabajo en São Paulo y desea vivir en un lugar al que ella tenga más contacto con la naturaleza; y Ana es una nómada que se embaraza y necesita decidir si quiere formar una familia en un lugar fijo o si continúa vagar. La parte teórica tiene el objetivo de analizar momentos importantes de la trayectoria de la escritura de la novela a través de un diario de experiencias personales. Con eso, pretendo traer un conjunto de reflexiones sobre el hacer literario, y más personalmente, la construcción del ser femenino a través de algunas teorías, la mayoría de las mujeres, que se conectan con la hechura del texto ficcional, trazando el camino recorrido durante la creación de la novela, que tiene influencia tanto de acontecimientos personales y de las teorías estudiadas.

Palabras clave: escritura creativa, romance, crítica feminista, crítica de proceso, proceso creativo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sexo dos autores.....	65
Figura 2 – Sexo das personagens.....	65
Figura 3 – Orientação sexual das personagens.....	66
Figura 4 – Manuscrito sobre as primeiras ideias de cenas da Sophia.....	84
Figura 5 – Desenhos que resumem a essência de cada personagem.....	91
Figura 6 – Ilustração da Daniele Stuani a qual inspirou posteriormente as personagens.....	92
Figura 7 – Manuscrito de criação do pai de Naoki.....	98
Figura 8 – Cafeteria em São Paulo a qual inspirou cenas de Marília.....	101
Figura 9 – Três cenas do filme “O Abraço da Serpente”.....	105
Figura 10 – Assinatura com a Mão.....	115
Figura 11 – Quadro de Referências para a criação de Sophia.....	143
Figura 12 – Quadro de Referências para a criação de Marília.....	152
Figura 13 – Quadro de Referências para a criação de Ana Clara.....	161

SUMÁRIO

1. HÁ UM SEGUNDO ERA PRESENTE.....	9
1.1.	9
1.2.....	22
1.3.....	35
1.4.....	42
1.5.....	50
2. A CRIAÇÃO E A MÃE.....	58
2.1 O Embrião.....	58
2.2 A Gestação.....	82
CONCLUSÃO.....	128
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS	
Anexo A – O primeiro texto escrito sobre o romance (13 de junho de 2017).....	138
Anexo B – Tabelas da Sinopse – Expansão da Sinopse (20 de junho de 2018).....	139
Anexo C – Criação da Personagem Sophia.....	143
Anexo D – Criação da Personagem Marília.....	152
Anexo E – Criação da Personagem Ana Clara.....	161

HÁ UM SEGUNDO ERA PRESENTE

“Tudo só é bonito no início. A não ser que você aprenda a ver beleza na decadência.” Sophia observa a frase escrita na parede do banheiro. Ao lado, um complemento: “Já reparou que só é diminutivo de sozinho?” Ela abre o zíper de sua mochila com estampa peruana, deixando por balançar o chaveiro de alpaca comprado em alguma loja qualquer de inutilidades, mas que deixava à mostra seu desejo de conhecer a América Latina. Então, com 19 anos, só havia viajado algumas vezes para seu condomínio na praia de Atlântida. Lá, ela também frequentava locais com pixos, alguns deles com seu apelido: Sô.

“Que demora!”

Sophia ouve algumas batidas na porta, que segura com a perna direita esticada, enquanto mantém a mochila aberta e passa a mão pelos cadernos, uma garrafa de água, um cachecol arco-íris e, finalmente, o estojo. Ao abri-lo, vira-se para ver se Isabela está se virando bem no malabarismo que é manter as duas pernas abertas e o máximo distantes possíveis da boca da privada. O assento, com as mais diversas misturas escatológicas, não era o lugar mais sujo dali. Com certeza era a parede.

“Gurias! Vamo se agilizar!”

Ao lado do que parece ser uma flor (chegando mais perto Sophia descobre ser um formato de mão pintado com sangue menstrual) há um espaço em branco. É ali que ela quer desenhar, se achasse a maldita caneta. Faz uns dias que quer deixar registrado a sua última descoberta artística: havia treinado no espelho o formato de sua vulva. Combinaria perfeitamente naquele local, mas ela só acha um lápis sem ponta. Ainda assim começa a rabiscar na tinta amarelada, que resulta apenas no desprendimento de uma lasca da cobertura da parede.

“Tem quantas aí dentro?”

Sophia começa a puxar a lasca e vê que há novos desenhos por debaixo daqueles. Ela olha o teto, tentando imaginar quantas mulheres já haviam escrito algo por ali. Tenta medir o espaço abrindo mais as pernas, calculando que o banheiro deveria medir uma Sophia deitada, um pouco encurvada, de comprimento, por duas Isabelas acoradas de largura. Mesmo com a amiga em pé, o local era apertado, pois havia um pequeno muro logo à frente do vaso, o que não era o suficiente para esconder todo o corpo de quem ali estivesse, gerando uma troca direta de olhares caso alguém abrisse a porta de supetão. Não que todos os banheiros de bares fossem assim, mas aquele implicava em você tivesse a ajuda de outra mulher, seja para segurar a porta do lado de dentro ou de guardiã desconhecida do lado de fora.

Sophia sente a mão de Isabela em seu ombro e curva um pouco as pernas para servir de sustentação. Vira o antebraço para trás, entregando a lasca para Isa, girando o pescoço para tentar observar a reação dela, na qual consiste em uma risada abafada seguida das sílabas: en-gra-ça-di-nha. Então, Sophia pega seu caderno, abre na folha de uma aula de Psiconeurobiologia, rasga-a e passa para Isabel, que faz algum comentário sobre ter gostado daquela disciplina.

Ela continua a folhear as páginas, pegando sua grade de currículo. Passa os dedos em cima do horário de Prática e Psicologia II. Faltavam poucos dias para voltar a frequentar aquilo. Sente alguém empurrar seu pé. Arranca mais uma página e devolve o caderno, fechando de vez o estojo e a mochila. Abre a porta do banheiro. De calças arreganhadas, Isabela solta um gritinho enquanto uma menina enfia a cabeça para dentro do banheiro, como se fosse um desses bichinhos na maçã, que toda criança – e uma parcela de adultos – sempre teve a esperança de ver ao dar a mordida inicial.

Sophia empurra a intrusa com o indicador, enquanto coloca a sua cabeça para fora da porta.

— Duas. — Responde, levantando o dedo médio para juntar-se ao indicador já em riste.

Sophia observa, já acostumada, a mudança abrupta dos ombros tensionados que começam a relaxar, a bochecha que cora e uma nova malícia que raspa nos dentes ao sair para dizer:

— Ah, tudo bem!

— Nós só estávamos preocupadas. Vai que precisavam de ajuda.

Ao passar por elas, entrega a folha do caderno, encarando-as com seus olhos cor de floresta. Isabel vem logo atrás, colocando as mãos em seus ombros, se aproximando de sua orelha para abafar seus comentários de ra-pi-di-nha-ein, e logo virando para trás para ver a reação da outra dupla, a qual acena agradecendo o papel.

— Tu podia ter anotado teu whats pra elas, né?

— Tô sem caneta.

Elas caminham reto, passando pela seção de trás, onde fica o corredor de mesas bambas, para quem chega por último ao bar. Esse espaço também acompanha uma estranha corrente de vento frio que entra no estabelecimento através de uma parede formada por diversos círculos de cimento abertos no meio, pintados de laranja, como uma estampa de poá furada, numa estranha tentativa de decoração de ambiente. Localizada bem aos fundos, a parede dava para o antigo fumódromo, fechado recentemente pela Anvisa. Agora, quem quisesse fumar, só na friaca ainda mais intensa do lado de fora, onde misturam-se todos os fumantes, bêbados de kit com suas sacolas do Zaffari da Lima e os diversos pedintes segurando velhos exemplares do Boca de Rua, de quem todos tentam desviar o olhar.

Sophia passa de frente para um cartaz com as opções de cervejas. Balança os dedos, percorrendo os números riscados com os novos valores ao lado da imagem de garrafas congeladas. Oito graus lá fora. Ela enfia as mãos no bolso,

trazendo de volta um maço de notas amassadas. Ainda não é suficiente. Enterra a mão de volta e vasculha em busca do toque gelado das moedas, que na verdade agora devem estar na mesma temperatura da ponta dos dedos.

“Tudo aumentou.”

Vai em direção ao balcão, lugar em que Isa está rodeando os copos à procura do menos sujo. Entrega o dinheiro e pede o de sempre.

— Tu nunca usa cartão? Bem mais fácil pra não ser assaltada.

— Foi troco do verde.

— Mas e se te assaltarem? Eu sempre ando com os 20 pila pros cara. É esconder o celular na peka e entregar o dinheiro.

A menção da palavra alvoroçou a junção de mesas em frente, que num unísono, batia na madeira.

“Quem que fica tomando Polar nesse frio?”

“Todo mundo?”

Sophia larga a garrafa na mesa.

“Sem camisinha?”

— Mais alguma pergunta?

As conversas paralelas param e os rostos rosados esbanjando sorrisos de canto seco voltam-se para Sophia, que permanece séria para o aumento da comicidade. Ela aproveita o momento para escanear o resto do bar, olhando por cima dos amigos. Nada chama muita atenção até chegar no rosto de Laura, que permanece num riso reto, contornado pela iluminação estática-azulada da tela do celular.

— Quando entra a tua parte?

Ouve-se um longo “U” que percorre a mesa entre mãos no ombro e olhares arregalados. Sophia baixa os olhos para a luva de dedos cortados e começa a tirar uma pequena lasca de gelo, que derrete ao primeiro toque.

— Laura, então tu já recebeu a minha?

Isabela puxa a garrafa para perto de si, servindo os amigos mais próximos, finalizando a roda em Sophia, que levanta os copos americanos cheios de espuma que se derramam em um brinde puxado de volta rapidamente para não deixar escapar nenhum vestígio de cerveja.

Laura continua a segurar o celular olhando para Sophia, que responde com um joinha, fazendo que a amiga revele um pequeno arco no fim da boca. Ela reconhece que esse é o máximo do sorriso de Laura, que volta a dedilhar a tela com suas unhas devidamente aparadas e adornadas com um adesivo dourado contornando a lúnula. Suas unhas também eram aparadas, com exceção de uma ponta do polegar da mão direita, que insistia em crescer em direção ao anular. Ela leva o dedo à boca, mordiscando a ponta com insistência.

“Se preparando pra noite, é?”

Responde com um sorriso. Tenta prestar atenção nas conversas. Isa empenha-se em levar Fê para dormir na casa dela. O aumento das passagens. Gabriel está de amassos com Lucca. Fechou aquele bar da esquina. Na próxima semana tem Lez. Então, começa a riscar “F” na mesa. Isa aproxima-se sorrateiramente, segurando-a.

— A Fê é minha, hein.

— Só porque eu deixo.

Isa larga o ombro de Sophia, e ela segue riscando na mesa “ORA TEMER”. As conversas continuam. A cerveja aumentou 1 pila. Tati ficou linda de cabelo raspado. Yuri tá traindo Jô com Alê. Alissa fica esquisita de vestido.

Aproveita que seus amigos estão distraídos, bebe o último gole e levanta-se, abrindo a mochila. Lança o cachecol arco-íris para o lado direito, fazendo com que rodopie no ar dando uma volta em seu pescoço e deslizando para baixo como uma folha seca jogada do alto de uma varanda por duas pequenas amigas curiosas. Contorna a entrada, passando pela fila do caixa e passa pela porta do bar, procurando um canto de parede para se encostar. Um movimento chama sua

atenção e ela vira o rosto para uma guria que passa seu cachecol entre os pescoços dela e de outra que se agarram para formar um abraço e dividir um cigarro. Um lugar estratégico para disfarçar o cheiro.

Sophia caminha até elas e se posiciona perto da parede enquanto mira de longe o poste em que deixou sua bicicleta para ver se ainda está lá. Um aglomerado de quadros coloridos e rodas amontoam-se e ela consegue enxergar alguém mexendo no U-Lock do tubo superior da sua bike. Seu coração acelera, mas não consegue se mover. Pensa em correr para chamar a ajuda de Isabela ou algum de seus amigos quando vê que as mãos que seguram a trava estão ajeitando outra magrela na sua. Então, relaxa os ombros, olha para os dois lados e ajeita o cabelo. A última vez que se sentiu assim foi quando colocou a mão no bolso da calça e achou que havia perdido o celular, quando ele na verdade estava dentro do bolso do casaco.

Sophia se agacha e forma um C com suas costas na parede. Larga a mochila entre a panturrilha e a parte interna da coxa e prende a alça no seu pé. Retira uma pochete e abre a parte da frente e pega um tablete de maconha, que vai desenrolando do filme plástico, liberando aquele aroma no ambiente e deixando rastros por onde encosta. Retira as luvas e dichava friccionando a ponta dos dedos, deixando o conteúdo cair na última dobra da linha do M da mão esquerda, catando e jogando fora os galhos e guardando as sementes no intuito de um dia ver se dão alguma fêmea. Embrulha o resto e guarda de volta, ao lado da Sedinha, que puxa com cuidado para sair apenas uma. Mede a quantidade e resolve rasgar com o dente uma ponta da seda e a posiciona por cima da mão esquerda, virando a mão em 180 graus, esfregando a palma para cair as últimas migalhas na mão direita.

Com a mão esquerda, rasga um retângulo da aba da Sedinha, dobra até formar um W e o enrola com o resto do papelão. Ajeita a piteira, pega sua carteirinha da PUCRS e lambe a seda, usando o cartão para prensá-la contra a

maconha, finalizando com umas ajeitadas com a pata da alpaca e uma torcidinha na ponta. Por fim, dá uma balançada de costume e coloca na boca, apertando contra os lábios para segurar enquanto procura o isqueiro branco jogado em algum canto da mochila, achando o Zippo que estava perdido por ali. Se levanta, passando a mão na bunda para tirar a sujeira num gesto em vão, encosta um dos pés contra a parede, deixando a mochila descansar na perna pendendo a alça por um dos ombros. Acende e puxa. Dá um peteleco de leve na ponta e puxa novamente, largando o isqueiro de volta.

— Dá um pega? — Sophia se vira em direção a voz e vê uma guria com alguns dreads enroscados pelo cabelo loiro que se desenrola de um coque e se espalha cobrindo um casaco de moletom marrom, que por sua vez cobre parte da calça de algodão preta com listras brancas.

— Rápida, hein?

— É que eu te vi de longe. Prendi a bicicleta na sua, tudo bem?

— Tudo bem, mas não vou ficar muito.

Sophia fica parada, olhando para ela, com o beque na mão.

— Já tá brisando, é?

Sophia ri e entrega o fino.

— É que tua calça ainda tá levantada.

A guria se abaixa, desdobra o lado direito da calça e o coloca para dentro da bota Chelsea de pano florida. Ao se levantar, estende o beque de volta.

— Prazer, Aviv. E tu?

— Sophia. Com P, H.

— Lindo, guria! O meu é viva ao contrário.

— Ah, bonito.

— E tu tá sozinha?

— Não, não. Quer dizer, sim. Não. Tô com um grupo de amigos lá dentro, nas mesas.

— E por que tá aqui fora?

— Vim pegar um ar. Fumar um pouco. Relaxar, sabe.

— Algum problema específico? Alguém lá de dentro?

Sophia passa o beque para Aviv, percorrendo o olhar pela rua e voltando para ela.

— Tô quase fazendo 20 e acho que ainda não sei o que fazer. Não gosto do meu curso. Quero ir embora. Sei lá, viajar. Conhecer outros lugares. Não quero decidir agora o que vou fazer para o resto da minha vida.

Aviv coloca a mão no ombro de Sophia e a mira nos olhos.

— Ah, guria, eu já tive 19. Acabei de voltar de uma viagem pela América Latina. Fiz todo um trajeto de bicicleta e... só agora reparei que seus olhos são verdes.

Sophia agarra o ombro de Aviv e as duas começam a se contorcer de risadinhas abafadas até que Sophia deixa escapar um grunhido e ambas vão caindo lentamente até o chão chacoalhando o corpo em gargalhadas contornadas pela fumaça volúvel que emana da boca. Quem olhasse de longe, talvez lembrasse de uma certa época da infância em que nos imaginávamos dragões, com labaredas invencíveis ao abrir da feroz mandíbula, ou quem sabe pequenos intelectuais de monóculo de dedos e fumantes de palitos salgados Stiksy.

As risadas começam a espaçar, terminando em pequenos “aiái”. Sophia passa o dedo no canto do olho, secando uma lágrima. Ambas continuam sentadas quando Aviv coloca a mão no joelho de Sophia.

— É isso. Tu ainda tem tempo. Não te estressa.

Sophia perde o olhar na multidão. O baseado apaga e ela tenta procurar pelo isqueiro. Aviv pega um fósforo, risca contra a parede e acende a brasa de volta, colocando no canto da boca, puxando a fumaça e a segurando.

— Sabe, você não deveria usar isqueiros. — Solta a fumaça e fica a observando.

— Por quê? — Sophia pega o fino de volta e puxa a última tragada.

— Pela poluição. Sabe, o plástico está literalmente matando os oceanos. — Sophia franze os olhos — Os peixes engolem todo esse plástico que a gente gera. Tipo, observa só essa galerinha. Estão agora segurando as sacolas do super junto com as garrafas *pets*, mais duas sacolas só para segurar a sacola de gelo que fica no chão. No fim da noite isso aqui vai ficar um lixão a céu aberto. E tudo vai escorrer para os esgotos.

— E o isqueiro?

— Ah, sim. É que a madeira é um material mais relacionado com a natureza, sabe. Até se deve acender os incensos com materiais similares pela energia. O fósforo foi inventado primeiro. É tudo um ciclo, sabe?

Sophia não quis dizer que na verdade era mais provável que o isqueiro tenha sido inventado antes, em blá blá que ano, na China. Depois, quando chegar em casa, também vai pensar no desmatamento de árvores das quais os fósforos são feitos. Não tem bem certeza de que são de madeira reflorestada. E mesmo assim, ela costuma usar sempre o mesmo isqueiro e recarregar o fluido. Ok, de vez em quando ela usa um isqueiro Bic, de emergência.

Sophia reconhece os resmungos frustrados de quem não conseguiu ficar com a Fê e olha Isabela sair do bar, chutando o ar como uma criança que foi descoberta e não conseguiu esconder um saco de doces no meio das outras compras no carrinho do super.

— Vam...Vamos indo.

— Bebeu o resto da garrafa?

Isa aponta um V com os dedos e mete a língua no meio.

— Tu tá bêbada.

— E tu tá chapada!

Sophia olha para Aviv, que permanece agarrada na ponta, tentando tirar o máximo de baforadas possíveis.

— Sim, vamos. Te espero na esquina da Joaquim Nabuco.

Isabela segue seu caminho cambaleando e abrindo espaço entre os grupos de pessoas que circundam suas bebidas como guardiões etílicos que juntos formam uma corrente de proteção que deve permanecer circular e unida, podendo ter seu encanto quebrado ao menor esbarrão.

— Então, a gente podia continuar essa conversa. Tô sem caneta e o celular deixei em casa, mas eu posso pedir uma emprestada, tenho caderno. Me passa teu whats?

— Podemos sim, mas sem celular. Eu nem uso mais. Tudo é melhor ao vivo, né. Deixa que eu te procuro. A vida vai mostrar o caminho.

Na brisa, Sophia acha aquelas palavras tão bonitas. “A vida vai mostrar o caminho”, repete para si. Fica segurando um riso chapado no rosto.

— Eu te acompanho. Deixa eu pegar minha chave.

Aviv caminha na frente, enquanto Sophia fica observando o ondular das mechas loiras que contrastam com o tom escuro dos dreads. Sophia começa a ajeitar a mochila, e puxa os cordões das alças para que fique bem colada ao corpo. Levanta e dobra a perna da calça direita e a amarra com um cordão rosa de sapato. Enrola firme o cachecol arco-íris e o passa por dentro de sua blusa. Calça de volta as luvas enquanto Aviv traz de volta sua bike de quadro State Bicycle de cor irreconhecível pela quantidade de adesivos colados. Tranca o U-Lock em um dos passantes e se despede com um beijo na bochecha, logo pegando impulso no pedal e desviando do aglomerado para avistar Isa e seu quadro verde que dá uma última volta e acompanha sua pedalada.

Pedalam subindo a Joaquim Nabuco, viram na João Alfredo e seguem pela Miguel Teixeira para pegar a Aureliano de Figueiredo Pinto e no final da rótula continuar pela Edvaldo Pereira Paiva até desembocar na Padre Cacique onde se despedem com um uivo, Isa seguindo por ela e Sophia dobrando na Diário de Notícias.

O vento dava a sensação de estar cortando seu rosto e dedos e já não sentia quase nada abaixo do joelho direito. Toda vez que passa pelo Jockey Club, quando já deveria estar cansada, acelera as pedaladas e vez ou outra solta as mãos fechando os olhos, sentindo a adrenalina percorrer seu corpo extasiado. Nos dias de chuva, chegava a dar voltas pelo retorno, repetindo o mesmo trajeto até ofegar.

Chega na Wenceslau Escobar em alta velocidade, dobra a direita na Guaraum, dobra mais uma vez, trava os pedais para frear e continua o resto a pé, observando as luzes acesas ou apagadas das casas dos amigos. Já frequentou todas as residências da rua, que num sincronismo místico de alinhamentos uterinos, ou quem sabe por um boom econômico, todos os primogênitos nasceram entre 1995 e 1997.

Encosta a bicicleta no vaso de cerâmica contendo espadas de São Jorge, que fica na frente da coluna que divisa sua casa da vizinha. Não sabe dizer a quem pertence aquela planta, pois é a única de ambas as casas. Nunca houve outro vaso, apenas aquele, que não combina com a decoração de nenhum dos dois lugares. Quase meia noite e Sophia fica observando o vaso. Talvez não queira passar novamente pela placa de vende-se colada no portão de grades cinzas.

Tudo de noite parece cinza, mas a casa de dois andares é de um amarelo claro, com duas listras brancas: uma logo acima do segundo portão da garagem de madeira escura e a outra logo abaixo do segundo telhado com estilo japonês de telha lusa. A arquitetura mistura diversos estilos que acabam combinando, como a forma reta do primeiro telhado com o formato abalado do segundo, ou os janelões retos dos quartos de cima com os janelões arredondados do andar de baixo que levam à sala. O jardim da área da frente é composto de um L formado por pedras de rio devidamente posicionadas. Ao lado, um arbusto de loureiro faz sombra para a grama seca em forma de lua. Um caminho de granito leva à piscina no jardim dos fundos. Uma kaizuka acompanha o final de uma pequena escada de granito que leva à porta principal.

De longe, Sophia observa as cortinas da sala fechadas. Resolve então clicar no controle, abre o portão da garagem e fecha os olhos, como se isso fosse diminuir o barulho causado. Ela, à noite, os rangidos e o barulho da respiração. Clica novamente no botão antes que o portão termine de abrir e dê o seu estrondo final, balançando as grades. Pega a magrela e entra, deixando o portão atrás de si começar a fechar. Desdobra a calça lentamente e segura a o chaveiro enquanto abre a porta da garagem. Entra no pequeno espaço ao lado da Mercedes Benz C200 de 2012, ainda sem nenhum arranhão. Levanta a bicicleta e a guarda no suporte de madeira na parede quando escuta passos na cozinha.

Se correr vai fazer barulho e pode dar tempo de chegar antes que ela na escadaria principal e se trancar no quarto, mas vai ter que ficar ouvindo ela bater ou gritar na sua porta. Se caminhar devagar pode até conseguir chegar ao quarto, e ela vai demorar a perceber a bicicleta na parede, mas se for pega no meio do caminho. Bom, não sabe muito bem o que imaginar se for pega no meio do caminho.

A língua seca se agita no céu da boca. Cerveja, beque, frio. A combinação escolhe o caminho. Abre a porta e entra na sala, pisando nos tapetes de pele para amaciar o som. Os galopes dos cavalos no quadro da parede acompanham a quietude de Sophia. As cabeças equinas espalhadas no cômodo não se mexem para acompanhar o movimento. Nenhum cílio toca o outro. A sombra que escolta Sophia transpassa a paisagem escura até se acomodar atrás dela.

— Onde tu estava? — O grito reverbera na imensidão da casa.

— Só vim buscar um copo d'água.

Lígia passa a mão no rosto para tirar uma mecha desgrenhada da frente dos olhos e deixa um rastro de rímel com a ponta dos dedos. Arrasta seu salto 12 pelo piso de mármore enquanto equilibra o líquido acobreado no copo de cristal. Lígia se encontra em sua própria embarcação como uma sobrevivente em meio a uma tempestade que no balanço do convés se equilibra na balaustrada mais próxima. Ela chega aos ouvidos e nariz de Sophia.

— Eu te liguei!

— Não levei o celular. Perdi a hora.

— Eu fico preocupada!

— Tu só fica preocupada que eu chegue na hora para eu cuidar do Lucas e tu poder ficar livre para beber!

— E não era exatamente isso que tu estava fazendo na rua? Bebendo?

— Se tu bebesse menos quem sabe sobrava mais dinheiro que o pai manda e o Lucas já teria encontrado uma cura.

— Tu... Não sabe de dinheiro... Tu bebe do mesmo dinheiro que eu!

— Exatamente. Mas eu tenho 19 e tu 41.

Sophia vira o rosto e deixa o vislumbre de uma gota translúcida que agita a maré de cobre. Em suas mãos se balança outra tempestade, que ela agita ao subir as escadarias e entrar em seu quarto. Larga o copo na escrivaninha. Relaxa ao ouvir o clique da chave girando 90 graus. Joga a mochila no chão e faz o mesmo com seu corpo na colcha colorida da cama. Estende os braços e alonga as pernas usando os pés para tirar as botas. Desenrola o cachecol e tira o casaco. Abre a gaveta da escrivaninha ao lado da cama e retira seu kit sobrevivência.

Gosta de ver a fumaça subir lentamente e tomar forma como as nuvens. Dentro de casa, com a janela fechada, entreabre a boca e deixa fluir enquanto vê coelhos, árvores e pássaros que se desmancham ao encostar na viga do teto de madeira. Os olhos pesam e o corpo suaviza os movimentos da cabeça em direção ao travesseiro. Em seus últimos deslocamentos leva o copo à boca, inundando o terreno árido. A mão se retrai e a íris é tomada de uma escuridão que reflete a presença vítrea. As duas pálpebras se aproximam enjaulando a fluidez do espectro translúcido.

São 15h46. Marília não pode buscar seu quarto café da tarde, então se abstém a olhar a curvatura na janela formada pelas gotas de chuva. A estampa aquosa lembra uma técnica de marmorização que toma formas únicas, como as digitais, os flocos de neve e os impulsos do batimento cardíaco. A gota é uma singularidade em meio a tantas formas de água que se desmancham e se tornam uma massa fluida para logo se metamorfosearem em minuciosas nascentes. Deve ser assim mesmo que nascem rios. De pingos insistentes ou despreocupados. Das lágrimas de trabalhadoras do 13º andar de um prédio tão cinza quanto o céu.

“Preciso desse job pronto pras 16h.”

São 15h47. No reflexo da palma de Marília cabe todo o horizonte dentilhado de prédios. Ela desloca a mão encaixando os dedos nos desníveis formado pelos edifícios. Se coloca os dedos na frente, eles se transformam em construções com base estrutural de ossos, paredes de carne e janelas de pele. Se coloca os dedos de cima, cria uma cidade margeada de epiderme. Onde começa Marília e onde termina a cidade?

“Não perde o deadline que já tenho outro briefing.”

São 15h48. O vidro que está na sua frente não é uma barreira. Ele deixa a cidade entrar, mas não deixa Marília sair. As ondas sonoras não são inteiramente interrompidas e o ar continua a propagar buzinas, alarmes e ruídos. O que se fala ali dentro não aparenta afetar quem está lá fora.

“Já começaram o brain pro slogan do case?”

Marília volta o olhar para o reflexo da tela. O cursor continua a piscar na página em branco que duplica seu rosto travado. A linha da boca forma uma reta precisa. Os olhos ocos se afundam na carne que desliza escura como se caísse em direção ao poço que materializa a sombra do globo ocular. Prédios espelhados.

Pensa nos vidros que duplicam e fragmentam a cidade, cortam os corpos criando troncos deformados, braços e pernas copiados e colados como se os membros resolvessem se multiplicar e sair sem dono pelas ruas. Com pessoas chamam de sociedade. Com células chamam de câncer.

Dedos deslizam ao encontro do ombro de Marília. O toque eletriza sua pele e percorre sua espinha com leves tremores. Num sobressalto, Marília vira o rosto em direção à colega, que toca três vezes em sua orelha. As duas passam um tempo em silêncio, se encarando. O toque. A orelha. Três vezes.

— Marília, os fones.

Esquece disso com frequência. Não quer que saibam que são poucas as vezes que escuta música e a verdadeira função deles é abafar a conversa dos colegas ao mesmo tempo que permite ouvir alguma fofoca que a envolva. Na maior parte das vezes os mantém na orelha para parecer ocupada. Abaixa a tela, clica na barra de espaço para fingir pausar uma música e retira apenas o fone do lado esquerdo.

— São 16h. O cliente não para de ligar. Cadê o card?

— O DC ainda não aprovou.

— Dois dias pra um simples cartão! Dois dias!

— Sabe como eles são exigentes.

— Dois dias! Dois dias!

— Eu tenho novas opções.

— E acha que eles vão aprovar?

— Não sei.

— Tá, seguinte. Se você quebrar um galho pra mim eu consigo mais prazo.

— Ok.

— Continua fazendo que eu já volto.

Le Vité. Mais um complexo de moradias com nome besta. Le Vité. O que é para ser isso? A vida? Em que língua? Levitar? Leve? Light? Sempre a mesma

coisa. Um nome pomposo em língua estrangeira sem significado algum para um condomínio de luxo. Pelo menos esse não chamou de vila. Ou será que é Vila Le Vité? Resolve reler o PIT e para na metade. Não acredita que faz dois dias que está tentando escrever um cartão de inauguração de um condomínio. “Prepare-se para o primeiro momento especial de sua vida. Os outros também vão ser por aqui.” Especial. Ele não é mais especial do que os outros. A não ser que faça o proprietário levitar, aí vai ser mais especial que os outros.

É possível que tenha sido ela mesmo que criou o nome, pois são muitos os condomínios de luxo que precisam ser nomeados e apesar de parecer uma tarefa muito importante, é ela quem a faz vez ou outra. Não precisa ser um gênio para procurar alguns sinônimos de lazer, vida e alegria em outras línguas. Inclusive, ainda deve ter guardada em algum lugar uma lista para misturar as palavras ou trocar alguma letra para parecer mais chique. Bella Morada. Cristalinnna. Diamanty’s. Esse último parece nome de motel. Se bem que os nomes das agências costumam ser um pouco isso. Não tão diretamente, mas nomes de gente chique. Sobrenome de famílias poderosas. Gente que certamente tem dinheiro não apenas para morar num condomínio de luxo, mas possuir um prédio inteiro de funcionários que trabalham sonhando em um dia morar em algum. A maioria mora num kitnet. Marília mora num kitnet.

Seu apartamento é não muito maior que o tamanho de uma das salas de reuniões. Talvez um pouco maior. Só um pouco. A própria agência parece um condomínio de luxo. Se juntasse todas as salas de reuniões ficaria com o tamanho aproximado de um condomínio como o seu. Daqueles antigos, sem elevador e garagem, mas com uma boa estrutura de encanamento. Jovem nem liga pra isso. Ainda mais um comentário vindo de alguém que chama eles de jovens.

O que ajuda a dar essa ideia de grandeza é o fato de que as paredes do seu andar na agência são feitas de vidro, com exceção da cozinha e dos banheiros. Dá para ver de tudo. Ou seja, você vê seu chefe e seu chefe vê você. Ambos tentando

esconder suas entradas de 15 em 15 minutos para checar as redes sociais por quanto tempo der até que alguém venha pedir uma opinião, um job ou alguma outra coisa que não é do seu interesse naquele momento.

A agitação do local é o suficiente para deixar qualquer um ansioso. No mínimo a metade dos funcionários ficam de pé caminhando pelos corredores formados pelas divisões dos setores de atendimento, planejamento, financeiro, criação e o canto obscuro dos revisores, freelancers e os ainda não tão desenvolvidos social media. Haviam demitido o RH. Se você tiver um problema, terá que resolver direto com o chefe e na maioria das vezes isso quer dizer que o problema vai continuar sendo apenas seu.

Ninguém ali dava muita atenção para os outros funcionários. Por isso, o pessoal da limpeza e da copa é o que mais sabe de tudo. A invisibilidade que Marília tanto queria não foi algo pelo qual eles pediram. Enquanto algumas querem sair de casa, outras só querem voltar.

Alguém grita que acabou o café e Marília tem a certeza que isso foi algum tipo de ajuda, ainda que não saiba dizer se de origem divina ou até mesmo apenas do destino, mas o importante é que é ajuda e ela se levanta com vontade pela primeira vez no dia, ainda que seja 16h12. Ela não precisa tomar mais uma xícara, mas os seus colegas sim. É uma gentileza. Sim, é um ato de gentileza parar o seu trabalho tão importante para ir até a cozinha e preparar o café enquanto seus colegas estavam compenetrados em campanhas que vão mudar a vida de milhares de pessoas.

Ela atravessa o corredor em passos curtos e rápidos enquanto desvia de novos possíveis trabalhos pois quem está de pé é presa fácil naquele ambiente, que por uma grande ironia, e vamos dizer aqui que não tem nada de destino dessa vez, possui um nome que remete a isso e enquanto pensa em nomes e mais nomes e mais nomes e selva Marília colide o rosto em uma das folhas de bananeiras no meio do caminho. Selva, savana, clima tropical. As pessoas acham que tudo que é

verde e planta pertencem ao mesmo lugar. Estampas exóticas. Estampas meio Rio, sabe? Se tem banana é Brasil. E se tem café é São Paulo, e de preferência dentro da caneca de publicitários.

Marília acaba de passar uma vergonha que por sua sorte, agora é sorte ou destino ou se a gente continuar a pensar nisso chegamos a lugar algum a não ser a loucura, ninguém reparou. Mas ela notou que a folha era outra e que se fosse mesmo outra isso quer dizer que é verdade o boato de que o gasto com a troca e manutenção apenas das flores na agência dão por mês o que ela receberia em cerca de 5 anos de trabalho. Então Marília se vê passando por aquela folha nova de bananeira e a maneira como a folha encosta em seu rosto é suave como o roçar de mãos.

As pessoas ainda são obstáculos e a velocidade dos passos não pode diminuir. Marília sabe dar passadas de gente ocupada e levanta o pescoço num gesto contrário ao meneio de cabeça. Continua assim olhando o nada para que seu olho não escape e chame atenção indesejada, passando reto pela fila da impressora. Claro, a impressora. Podia ter pegado alguns rascunhos velhos como se fosse levar novos títulos para o diretor de criação dizer que eles são todos uma grande bosta. Bom, depende do diretor de criação. Alguns não dizem nada e isso às vezes é bem pior. Mas agora já passou e não tem como voltar atrás e segue o primeiro plano pois ainda nada deu errado ainda que tudo possa dar errado mesmo que se faça tudo certo e no mundo não se tem garantia de nada pois nem se os mortos nos respondem se existe a morte como ela pode realmente existir?

Não tenha calma Marília pois se não te engolem inteira e sobra nem seu all star 36. Então ela encontra a parede branca e dobra mais um conjunto de salas de reuniões e chega na copa. Ali sua presença é notada a cada gesto. Uma cozinha de portas transparentes, olhares vigilantes e ouvidos atentos. São sempre elas e elas sabem de tudo. Assim que as enxerga, Marília esboça um sorriso de canto de

lábio como cumprimento. A chefe responde com um sorriso, seguido pelos olás das outras em sua volta.

— Não sabia que vocês ainda estavam aqui...

— Nosso turno termina às 16h, mas o patrão disse que hoje tem reunião importante e vão nos pagar a mais.

— Pô, Graça, pelo menos te pagam pela hora extra, né.

— Mas seus pais ajudam com as contas, não?

— Ainda sim...

— Marília... Tem falado com eles?

— Mas como vai a Neninha?

— Minha neta é um amor. Tem que ver só, fala que é uma beleza. Me deixa mostrar.

Graça retira do bolso do avental um Lumia 630 na cor amarela e lança a tela em direção ao rosto de Marília, que não sabe se pode pegar o celular na mão para ver melhor o vídeo, ou se apenas fica parada no lugar que está enquanto cerra os olhos numa tentativa de escutar melhor as primeiras frases da neta mais extraordinário do mundo. Neninha balbucia o que escuta na tv e corre pela sala, balançando os corações na ponta das cordas da jaqueta. O vídeo para na cena em que ela tenta tirar o sapatinho do pé puxando o velcro. Marília fica atenta ao barulho tão comum da infância.

— Viu que a menina encorpou? Ficou que nem você. É mais bonito assim.

O grupo de mulheres concorda e Serena começa a contar da vez que usou uma cinta modeladora quando é interrompida por duas atendimentos que chegam perguntando sobre o café.

— Qual deles?

— O do presidente, da visita e o nosso.

— O das visitas acabou. Pego do chefe ou do de vocês?

— Pega do presidente que esse cliente é importante.

Graça se vira para buscar os potes enquanto Serena liga a chaleira elétrica e o grupo se dispersa em seus afazeres. Marília pega a xícara lavada mais próxima e observa o movimento enquanto seca o utensílio com a manga do blusão, o que só faz espalhar a água.

— Eu vim cobrar o favor.

— Mas já? Eu nem terminei o...

— Deixa o card. Deixa o card. Depois eu vejo isso.

— O favor. Dá tempo de eu tomar meu café?

— Claro que não. Olha teus braços. Estão tremendo.

A outra atendimento, que Marília não se lembra bem, se aproxima dela. Será que trocavam elas como trocavam as plantas? Tão parecidas. O cabelo liso e comprido. Os saltos, as saias, aquele ambiente que parece não mudar desde os anos 60. Ou 50. Aquele da série lenta.

— Mas está frio hoje. E o ar está ligado.

— Essa é a que sobrou?

— Sim. Vamos com ela.

— Eu empresto uma roupa melhor.

— Não vai caber, deixa assim.

— Passa uma maquiagem. Olha as olheiras. Eu tenho ali na gaveta.

— Parecer cansada dá a impressão que trabalha duro. O cliente gosta.

— Um batonzinho nude...

— É apresentação do que? Ou melhor, de quem?

— Marília, é importante. Eu preciso que você apresente. O pessoal está fora, com outro cliente. E o resto da criação pegou uma concorrência. É conta grande.

— Sim, prometi e vou fazer. Mas o que é?

— É uma campanha importante. Um dos maiores clientes.

— Marília. A verdade é que a gente não faz a menor ideia do que criaram. Só sabemos que foi aprovado até pelo presidente. Vai lá e apresenta como se fosse algo maravilhoso. Genial. Inovador. Essas coisas.

As atendimentos entregam para ela folhas com diversas informações sobre a campanha, desde o PIT inicial até a pesquisa do planejamento, o primeiro conceito, o PIT da refação, o novo conceito, e assim por diante. O calhamaço fica ali, pendendo na mão de Marília entre as pontas dos dedos para fora do blusão. Seu olhar percorre a lombada de papéis que em cerca de 20 minutos não servirão para mais nada. Quantas árvores já recebeu como forma de mais trabalhos que vão gerar páginas de revistas, folhetos semanais, flyers, cards e tudo que é nome de peça publicitária não traduzida. Tirando uma ou outra pessoa que cria colagens, quem mais aproveita tudo isso? Para aonde vai todo o esforço?

— Pensa nisso como uma oportunidade. Olha só, sua chance de conhecer um dos top 5 da agência. Dono de conta grande é sempre bom saber seu rosto.

Graça volta segurando a bandeja prateada com as xícaras que não podem ir ao micro-ondas. Então era mesmo um cliente grande. Tudo ali era grande. Prédio grande. Andar grande. Cadeira grande. Tudo menos o salário dos funcionários.

— Pronta?

— Não.

— Hahaha. Viu, vai funcionar. Só não exagera nas piadas. Lembra do curso. Piada inicial pra quebrar o clima. Depois outra no slide 7. Tá, você sabe.

— Com licença. Os cafés estão prontos.

A segunda atendimento lixa a unha numa cena que Marília só tinha visto em filmes. Ah, então é assim que se mantém sempre arrumada. Claro. Manutenção no tempo livre. Maquiagem no trânsito. Retoque no espelho do elevador.

— Gente, vamos!

As atendimentos caminham com grande agilidade, mantendo a frente como dois cavalos diante de uma charrete inglesa, em pose de bailarinas. Graça vem

logo atrás, equilibrando a bandeja que deveria custar mais que o salário mensal das duas juntas. Ou quem sabe até das quatro. Um calafrio percorre Marília que, com o olhar alerta para Graça, imagina a bandeja cair levando ao chão as xícaras e o café quente. O reflexo prateado tonteia sua visão. Se vê cercada das paredes de vidro que espelham fragmentos da realidade. Uma tontura começa no topo de sua cabeça e vai se espalhando pelo tronco até descer bambeando suas pernas. Ácido sobe do seu estômago e temendo vomitar, engole em seco. Fecha os olhos e continua caminhando em direção a sala de reunião, seguindo o som dos passos de suas colegas.

Ao abrir os olhos, está diante de uma mesa retangular. Uma luz surge em sua direção, fazendo com que tenha que levar a mão aos olhos. Dá um passo para a esquerda e enxerga um pequeno projetor. A atendimento termina de angular o aparelho e olha em sua direção antes de sair da sala e fechar a porta. Uma das paredes da sala tem as cortinas abaixadas até a metade. Seus olhos se esforçam para se adaptar a pouca luz do ambiente. Ainda enxergando pequenos flashes coloridos, Marília fica parada, observando Graça terminar de servir o café e sair da sala.

Um garoto, e isso é forma de dizer pois deveria ter mais ou menos a sua idade, é o único que não está olhando diretamente para ela. Ele circunda a borda dourada da xícara com o indicador. Todos ali usam terno, então não sabe dizer quem é o dono da companhia, e certamente aquele rapaz era o filho que estava ali para aprender, ou pelo menos aparentar estar aprendendo algo sobre marketing e gerenciamento de empresa. Alguém ao lado dele está com uma caneta na mão. Sim, deve ser algum secretário, planner, algo assim. É para ele que ela decide olhar enquanto larga em cima da mesa os papéis que recebeu sobre a apresentação.

— Como vocês podem ver...

E assim Marília passa para o primeiro slide, que contém o logo da empresa. É uma conta de cosméticos. É uma conta gigante. Pelo menos não é de banco. Pelo menos não é de banco. Imagina se fosse conta de banco. Mas é de cosméticos. Mas pelo menos a de banco ela até que entende um pouco. Não que não saiba o que é uma base e um delineador. Mas também não entende muito mais que isso. Fica lá, na frente do espelho, tentando fazer com que o traço de um lado fique igual ao outro. É pra se botar no currículo quem sabe fazer um olho de gatinho.

Toda a atenção da sala está nela, com exceção do garoto, que continua a olhar para a xícara. Ela passa para o segundo slide, que contém um vídeo e a atenção se volta para ele. Marília se debruça com o ombro na parede de vidro que é composta pelas janelas. Ela não sabe quanto tempo o vídeo vai durar, mas pelo menos ele parece distrair o cliente. Marília aproveita o momento para olhar os papéis, para ver se há algo ali que pode ajudar. Ela não precisava entender nada daquilo, só repetir o que estava escrito e fazer com que as pessoas ali presentes achassem todos aqueles números interessantes. É possível que o próprio cliente só preste mesmo atenção no final, onde há uma previsão de alcance do público.

O vídeo continua, com closes de olhos verdes, azuis e castanhos maquiados de azul turquesa. O nome da sombra se chama “céu de verão”. A publicidade é sempre irônica. Certamente o tom não é inspirado no céu paulistano. Era inverno e já se fala na campanha de verão. É sempre assim. Você não via muito o tempo passando, pois em abril se fazia a campanha de natal e no natal se jantava pizza como em todos os outros dias que se ficava até mais tarde.

- Tem até negra. Pensaram bem na campanha.
- É bom que escolheram uma com traços mais finos.
- O que vende é isso agora.

Marília continua em silêncio. Nunca se acostumou. Não é possível que alguém algum dia se acostume a isso. Marília clica para o próximo slide. Não pode. Não é possível que isso seja normal. Ou é ela quem não é normal?

— As cores dessa temporada foram pensadas através de um planejamento pautado por um trabalho intenso de pesquisa.

Slide 3.

Slide 4.

Slide 5.

— E assim chegamos a um resultado inovador que mistura as tendências para trazer o melhor do verão. Na linha 1 temos essas cores...

Banners. Vídeos de 30s. Cards para Facebook. Mais vídeos.

Ainda bem que as colocaram diversas peças na apresentação. Marília não deveria se contentar com isso. Com esse ainda bem que. Não tinha nada de bom naquilo. Então ela se aproxima novamente da parede e observa o entorno. A janela de outro prédio pode até refletir seu corpo, mas não é ela. Não é Marília que está ali. Ela se observa tão triste. Tão abatida. Quem é essa menina? Não consegue reconhecer que é isso que se tornou. Não é ela. Não pode ser. Olha para o prédio ao lado. Outra Marília. Outra pessoa. Está cercada por uma redoma de vidro como um inseto acuado. Como uma aranha que adentra um apartamento guiada pelo zunir de moscas frescas que sobrevoam as frutas compradas na feira da semana passada. Duas maçãs, um cacho de banana, uma laranja. Natureza morta. E as moscas sobrevoam o doce pútrido do aroma da decomposição que infesta a casa dos esquecidos e dos que correm pois é quarta-feira novamente e o despertador tocou no horário de sempre e você acordou e pensou que talvez pudesse ter sol hoje mas não porque você o aproveitaria mas sim porque tem que pensar em qual roupa colocar pois no trabalho tem aquele arzinho gelado e é quarta-feira e você não quer se gripar em pleno inverno pois tem que sair de casa para trabalhar mas bem que seria bom ficar só uns dias na cama mas você mora sozinha e quem iria fazer as compras e cozinhar uma sopa e limpar os banheiros e dar água para as plantas e pagar as contas e descer o lixo de todos os alimentos que você combinou com a sua nutricionista que iria comer sim e que iria melhorar de saúde pois só se

alimentaria de orgânicos mas nunca lhe avisaram que eles estragam mais rápido e que nem sempre você terá vontade de ir até a feira e lavar e descascar e cortar e então você no início se sentiria bem e acharia lindo ter uma cesta de frutas bem no meio da sala mas rapidamente elas iriam ganhar outras cores e odores que você desconhece e que vão atrair moscas que por sua vez são o alimento preferido de aranhas e assim você descobrirá o bioma de sua própria casa que até então você achava que era formado apenas pelo seu corpo e alguns cactos esporádicos e então você se depara com aquele inseto de oito patinhas que você captura com um copo que retira da louça suja para olhar no fundo dos oito olhos daquela aranha e se perguntar: o que eu fiz da minha vida?

Como retornar para dentro do vidro? Por que retornar ao lugar onde já se esteve? Por que os vivos gostam de se enterrar na terra que nasceram? O ambiente é sufocante e Marília abre a janela, inspirando longamente um ar denso e fuliginoso que adentra seus pulmões abrindo um gélido caminho pelos bronquíolos inchados de oxigênio. O vento não corta seu rosto, apenas passa por ela como cidadãos atrasados que caminham rumo ao metrô. Havia pessoas nos outros prédios e ninguém a olhava. Não é a primeira vez que ela abre aquela janela.

A vista é a de sempre. Horizonte, cor cinza, reflexos. As nuvens pouco se movem pois vivem em outro tempo. Então ela se aproxima da mesa, desconecta o projetor e se debruça no parapeito, abrindo os braços. Sente como se nem o ar a quisesse e o vento a soprasse de volta. As cortinas são levantadas e as folhas se amontoam pela sala, são pássaros assustados com a iminência de se tornarem presas.

Dezenas de olhos atentos surgem pelos cantos e arestas. Não há silêncio e ouve-se o ar a engolir. Todos observam a queda. Os segundos se alongam junto dos metros que constituem os 13 andares até o solo.

“O projetor foi tão caro.”

“Alguém vê se ele se machucou.”

“Ouvi dizer que veio da Itália. O CEO vai ficar puto.”

“Mais de mil reais jogados pela janela. Que desperdício.”

“Desconto do salário!”

“Duvido que ela trabalhe aqui depois disso.”

“Sempre a achei esquisita. Alguma coisa de ruim iria acontecer.”

São Paulo, julho de 2016. Faz 14 graus lá fora. O vento é de 16.74km/h. São 16h52min de uma quarta-feira. Está nublado. Dizem que vai chover dia sim dia não. Um objeto que está em queda livre pode atingir, com a resistência do ar, sua velocidade terminal em cerca de 200km/h (valor para um homem caindo na posição de barriga para baixo). A velocidade depende de diversos fatores, como a massa, o coeficiente de arrasto e a área relativa da superfície, se a queda for de uma altitude de 2 mil pés ou 600m. Um andar corresponde a cerca de 3,75m. 13 X 3,75 é igual a 48,75m. Tem gente que arredondaria para 50. Em algum lugar da internet pode se ler que uma defenestração só é eficaz a partir do oitavo andar. O corpo médio de uma mulher brasileira mede 1,60m e pesa 63kg.

Caindo.

Caindo.

Caindo.

Sentiu um sopro percorrer suas pernas, passando por entre os dedos e alisando sua pele. O ar levantou seus cabelos, sussurrando algo que atçou seus ouvidos, como árvores que fofocam pela brisa, cercadas pela luz do sol, mareando o chão com as sombras de suas copas. Seus pés formigaram inquietos acompanhando suas coxas que raspam uma na outra, friccionando seus pelos em ruídos de folhas secas. O ar rodopia à sua volta, transpassa por entre as frestas de seu corpo e balança seus braços. Uma lufada mais forte lança seu torso para baixo, enroscando suas mechas pelo rosto, que permanece de olhos fechados.

“Ana. O que você consegue sentir?”

Uma ventania a puxa para baixo e não há possibilidade de se segurar. Sequer consegue se debater ou se virar para o lado, pois não possui controle sobre o que está acontecendo. Não sente o peso do corpo, apenas dos olhos cerrados. Agora já não sabe se eles estão fechados ou se não há nada para enxergar. Nunca teve medo do escuro, e sempre gostou de deixar seus olhos se acostumarem com a falta de luz. Enxergar os contornos da matéria, localizar o espaço através da distância das sombras. Imaginar que cada vão é habitado, que os vultos são as formas do que existe, do que é, de certa forma, ainda presente.

“Ana. O que você consegue ver?”

Tenta apertar os olhos, mas percebe que eles continuam não se movendo. A escuridão não passa e sente apenas que desce, que desliza dentro da noite, que seus membros são arremessados por uma força maior. Sente cada vez mais cansaço, mas acha que não deve se entregar. Nada de bom acontece com um corpo que pende solto no ar. Sua respiração acelera e começa a sentir o coração bater cada vez mais rápido. Um arrepio faz endurecer os músculos, tencioná-los para

dentro, como se quisesse proteger cada parte exposta, cada célula, cada órgão, cada estrutura que forma o seu ser.

“Ana. Mova-se.”

Num impulso, joga seu braço direito em um vãos, movendo seu corpo para o mesmo lado, esperando tocar algo que não está lá. Acorda num sobressalto ao tocar o colchão que ainda possui as formas de alguém que havia dormido ali. Em sua memória corporal, ainda está abraçada em Samuel. Sua mão passeia pelas dobras do chão da barraca. Não há mais calor humano, apenas o sol atravessando o pano verde que a separa, momentaneamente, do resto do mundo. É incrível como apenas alguns metros de tecido podem fazer isso.

Ana Clara curva as costas para frente, e na tentativa de levantar-se rápido demais, ainda não acostumada com o fato de ter regressado, volta a se deitar. O torpor faz sua cabeça girar, ainda que agora ela compreenda onde se encontra. Não tem medo de alturas. Não entende por que sonhou que estava caindo. Pensa que talvez tudo tivesse se passado mais rápido do que a sensação. Talvez fosse apenas o movimento falso de se virar e não encontrar nada para se encostar.

Dessa vez foi levantando-se aos poucos, aspirando o ar lentamente, tentando absorver o seu entorno. Acordar de sonhos é sempre confuso, e às vezes, um tanto insatisfatório. Gosta da vida, mas dormir sempre é um conforto. Separar-se da carne, andar por lugares que só você conhece e pode estar. Tem gente que não quer voltar, e Ana acha que entende isso. E entender não é o mesmo que ser. Ela entende quem passa a vida toda ao lado de alguém que não ama. Ela entende disso como entende de quem gosta de banhos quentes, café frio ou qualquer outro modo de vida que não é o seu. Ela chama isso de empatia, de algo que ela não entende como tantos outros não a possuem. Talvez Ana acha que sabe demais sobre isso.

Ela se senta e tenta lembrar do dia anterior. Gosta de ter tudo claro na vida, de guardar todos os acontecimentos, como se tivesse algum controle sobre a sua

própria existência. Não quer esquecer nem das coisas ruins, pois acredita que tudo possui um sentido, e que pode achar algo bom até nos piores acontecimentos. Não é sobre deus que fala. É algo interior, algo maior do que si mesma e que flui entre os seres. Algo como uma energia cósmica, esses papos sobre sermos dos mesmos átomos que as estrelas. Há uma certa beleza nisso, e nem tudo precisa ser verdade para ser apreciado.

Ela amarra sua canga na cintura, abre o zíper da barraca e caminha alguns passos adiante, quando pequenos braços cercam suas pernas. Agarra a criança pela cintura e traz ao colo. Uma colega vem correndo em sua direção.

— Ele está atrapalhando?

Ana encara o menino, que sorri de volta, num gesto inocente de carinho. Seus olhos são grandes demais para o tamanho do rosto. Duas abóbadas celestes a miram de volta. Se encarar por tempo demais, todo azul se torna marítimo, do mesmo mar que afunda embarcações inteiras e que refresca os banhistas desocupados no verão.

— Não se preocupe.

A criança então se aninha, rodeando seus seios e descansando a cabeça em seu peito. Ana ainda não se sente confortável. Nesse instante, a mulher pega o menino de volta, sem reclamação de nenhuma das partes. Ele parece não perceber a troca e logo cai no sono.

— Ele gosta muito daqui. É como se toda mulher fosse sua mãe.

Mãe. Faz muito tempo que não fala com ela. Em uma última troca de mensagens, falaram sobre saudade, o tempo e as vontades. Sua mãe sempre diz que ama muito seu pai, que ainda são felizes. Seu pai sempre diz que ama sua mãe, e que tudo é possível. Estranha não sentir falsidade nas palavras deles. Não herdou o otimismo de seu pai e nem o bom humor de sua mãe. Talvez ansiasse que a natureza fosse além da genética. Que além do cabelo escuro, ela herdasse o amor

de seus pais. Que suas células carregassem algo além de DNA. Que seu sangue carregue algo além de hemoglobina e outros materiais biológicos.

O dia continua frio. Ana se senta na grama ao lado de um dos tapetes e permanece em posição de lótus por alguns instantes. Então, passa a mão pelo chão e retira algumas pedras e cascalhos, abrindo sua canga de mandalas na área que agora considera mais apropriada para o exercício. Gosta de observar as imagens que se formam na ondulação do tecido ao planar até a superfície do solo. Escolheu essa estampa em uma de suas viagens mais recentes, antes de conhecer Samuel. Na verdade, ela o conhece há pouco tempo. Os dois logo se deram bem, conversaram sobre a liberdade do amor, relacionamentos antigos e novas viagens, separados. Ambos já estiveram em vários lugares em comum, mas nunca juntos. Foi justamente ali que se viram pela primeira vez e combinaram de ser, por enquanto, a última. Três semanas vividas em cada detalhe, com a troca constante de carinhos e conversas sobre as experiências anteriores. Samuel falava demais sobre a sua vida. Pouco perguntava sobre a dela.

Ajeita novamente os cantos do tapete e volta para a posição de Rāja Padmāsana. Ela se concentra em seu Pranayama, escolhendo a Bhastrika. Inspira fundo pelas narinas, deixando o ar penetrar seu corpo. Agora, é ela quem recobre o controle das partículas de oxigênio. Sente seu diafragma se mover para baixo, permitindo que seus pulmões se expandam, forçando o abdômen para fora como a raiz de uma árvore que descobre novos horizontes para se firmar. Sente o peito se ampliar e as clavículas ascenderem. Então, expira rapidamente e deixa esvaziar, recolhendo o abdômen até a quase completa falta de ar.

Seu corpo dança na alternância dos movimentos de expansão e retração. Uma válvula pulsante. É possível que quem olhe de fora possa observar o coração de Ana pulsar. Assim, quase saindo do corpo. Acha curiosa essa centralidade das coisas no coração. Não apenas das coisas, mas das ideias. Da vida. E neste caso,

ela também está falando de amor. Neste exato momento da sua vida ela tem muitas compreensões sobre o isso.

Levanta-se e prepara-se para o Tadasana. Firma o corpo, colocando suas mãos em ângulo reto, apontando-a para baixo, coluna alongada. Equilibra o peso com os pés paralelos e ergue todos os dedos do chão, impulsionando e segurando. Uma montanha. Volta para a posição original e solta os ombros, afastando-os das orelhas, e abrindo um espaço na parte superior das omoplatas. A consciência. A cada novo exercício descobre fragmentos de seu corpo. Anatomia viva.

O visível é sustentado pelo que não se vê. Do que adianta saber o nome do que não sentimos? Quando criança lhe diziam que existem partes do corpo não nomeadas, como aquela dobrinha atrás do joelho. Ana pode percorrer a lisura das coxas, passar pelo joelho, chegar ao topo e contornar a rótula. Qualquer um pode sentir a dobra. Ali, logo atrás da patela: a fração entre a tíbia e o fêmur. Ana Clara sabe nomear: é a fossa poplítea.

Ciente, expande o ar, forçando o ventre contra a coluna. Junta os dedos das mãos e alonga-os para baixo. Todos os movimentos realizados de olhos fechados. Com os braços paralelos ao corpo, inspira elevando-os ao céu. Ao expirar, flexiona os joelhos como se sentasse no ar, agarrando-se por uma linha imaginária entre as palmas pressionadas da mão. Uma cadeira que não existe é formada por trinta segundos. Regressa ao Tadasana para começar outra postura.

Posiciona as mãos na cintura e projeta o corpo à frente, agora, como se fosse uma mesa. Direciona os ombros para trás e se foca na respiração, imprimindo no corpo as sensações exteriores e expelindo todas as interiores. Uma troca com o ambiente. A sua volta, as árvores respiram, farfalham as copas e se insinuam para o vento. O tronco, firme, é capa para um rio de seiva. Tudo que está ao seu redor também pode ser ela. Há algo ali. Abre os olhos e volta a sentir um torpor. Uma falha na conexão.

Fecha os olhos com força. Prende a barriga para prosseguir na posição. A natureza é repleta de olhares. Começa a suar e um calafrio percorre sua espinha. Abre os olhos e tudo parece continuar ali. As cores da manta só se movem se ela assim o desejar, jogando umas contra as outras, girando as mandalas em círculos caóticos e gerando, assim, novas formas. Contorce o rosto. A invasão é interior. É seu corpo que pede um intervalo. Está ali a temporalidade dos órgãos. Tudo que é vivo reflete. Ecoa. Emana. Vibra.

O amor é sentir a necessidade de estar ao lado de outra pessoa?

“O amor é querer compartilhar?”

É preciso que se compartilhe?

Ardha uttanasana. Até hoje acha esses nomes engraçados, pois foi seu pai quem lhe ensinou. Ele falava com um sotaque indiano que não existia, pois nunca havia estado na Índia. Talvez tivesse aprendido com um guru, mas nunca perguntou isso. A única coisa que ele e um guru teriam em comum era um suposto bigode bem cuidado, com cera natural e tudo. Esboça um sorriso de canto. Percorre a penugem que cobre sua boca e alisa os dedos um contra o outro, refazendo o gesto que antes era na frente de seu pai, para ver a mãe gargalhar, enquanto seu Dilan franzia o rosto, transformando as pontas dos bigodes em dois arcos idênticos.

Ardha uttanasana. Não consegue continuar pois é inundada por estímulos de todos os tipos. Memórias da infância e de aulas de ioga. A brisa fresca e o peso do seu corpo achatando a grama rala. O ruído característico de um local aberto cercado por árvores e plantas e pequenos animais. Por fim, uma manhã enfastiosa. Não acontece muita coisa. Já leu ou ouviu em algum lugar que nada é sempre a mesma coisa. Isso de que nunca se vive o mesmo e que as coisas sempre são diferentes pois não se pode repetir o que já passou. Mas tudo parece igual. O mesmo verde. A mesma casa amarela. A mesma lagoa azul.

Resolve levantar e levar apenas a canga. Caminha lentamente a passos zonzos. Apesar da baixa temperatura, sente escorrer gotas de suor pelas têmporas. Continua o trajeto contornando a lagoa até a parte própria para banho, longe da vista das crianças. Não são todos os pais que concordam com a naturalização da nudez e Ana concorda com a liberdade do não. Começa a descolar a legging da coxa puxando-a para baixo e termina de tirar com os pés, num chute final para o lado fazendo da calça um amontoado. Junta ao montinho a camisa e a calcinha de algodão cru que caem no chão seco. Avança água adentro até o nível da cintura e impulsiona um pequeno mergulho. Nada empurrando os braços para trás, seus cabelos negros como Boiruna que se contrai e disfare o bote, volta a se retesar e ataca novamente.

A água salgada de seu corpo se desprende pelo toque ameno da água doce. Ondulações na região do púbis geram uma parada brusca e ela emerge a cabeça procurando o fundo da lagoa com pés. Estica um dos braços e abana as mãos entre as coxas, mas a presença é insistente. Acelera as braçadas até chegar ao ponto onde mergulhou. Olha para ambos os lados e para trás. Volta sua visão para frente. De pernas entreabertas, desliza a mão direita para baixo até chegar no monte de vênus. Fecha os olhos. Sua respiração acelera. O contato do ar gélido arreperia seus pelos. Ana agarra o intruso e puxa para fora da água, punho acirrado. Aquilo não deveria estar ali. Não quer abrir os olhos. Então permanece assim, de volta a escuridão das vistas cerradas. Um grito ecoa.

tenta enfiar a meia que insiste em não entrar e fica presa no dedão esbugalhando o rosto do gatinho pois está ao contrário e não precisa dela na verdade o corpo cambaleia para a frente mas pisa com o outro pé nu e salta na direção da porta do quarto a maçaneta é uma merda que já deveria ter trocado e essa bosta não gira e tudo escapa das mãos e dos pés joga o ombro num balanço violento o trinco destrava e a madeira range mas os gritos são mais altos e vai dar tempo sim acelera a passada pelo corredor que sempre parece gigante e dois segundos são como minutos e foda-se a relatividade do tempo agora abre a porta e não acredito que não tem ninguém e os gritos ecoam nos ouvidos feito tambor de guerra rasga o ar em direção a escada pula de dois em dois e três moleques estão rindo na cozinha.

— Lucas!

Rodrigo, Nicolas, Henrique e Lucas desfazem a rodinha e se viram para encarar Sophia.

— O que tão fazendo?

— Conversando, ué. — Rodrigo se aproxima, tomando a frente do grupo.

— Vocês me... vocês...

— Nós te acordamos? Não foi de propósito.

— Para de ser frouxo. — Rodrigo se vira para Henrique.

— É meu, para de ser frouxinho. — Nicolas se junta a Rodrigo.

— Parem vocês! Parem de falar merda!

— Cala a boca você, mana! Tamo falando de futebol. Nada a ver contigo.

— Que cena ridícula!

Todos se viram para olhar Lígia entrar no ambiente carregando uma taça de suco verde entre os dedos.

— É manhã e você já está brigando com o seu irmão, Sophia! Deixa ele e os amigos. É coisa de guri. — Ela se aproxima, diminuindo a voz. — Deixa ele ter amigos.

Sophia abaixa a cabeça num movimento de tapar a visão lateral de seus olhos com a ondulação do cabelo castanho. Entre as mechas é possível ver o reflexo cintilante do cetim do robe de sua mãe contra a luz matinal.

— Nós já vamos indo, tia.

Henrique abana e tem sua mão derrubada em um gesto brusco de Rodrigo, que sorri de canto ao caminhar para fora da cozinha acompanhado por Nicolas. Henrique pega uma sacola da Nike e coloca nas costas de Lucas que se mexe no ritmo de alguma música do Fifa 14. Sophia levanta a cabeça, passa reto enquanto Lucas acena para Lúcia, que permanece com a mesma expressão.

Ambas ficam em silêncio enquanto Sophia abre a porta da geladeira e percorre o olhar pelos produtos. Encara um leite de soja. 54 calorias. 0,2g de gorduras saturadas. 6g de carboidratos. 3,3g de proteínas. 0,6g de fibra alimentar. Tudo isso para no final ter um gosto de suco de papelão adoçado.

— Não tem o leite de arroz que eu pedi?

— Tu pediu leite vegetal.

— Sim, mas eu só tomo o de arroz.

— Então da próxima vez tu escreve isso na lista de compras. Fica na tua frente, nesse bloquinho do lado da geladeira. Grudado na frente é brega. Risca a pintura.

— Falando em pintura...

Sophia pega um suco de laranja integral da geladeira, senta-se na mesa e derrama seu conteúdo em uma xícara já servida de granola integral com as passas de uva retiradas uma a uma. Sua mãe continua a mexer na taça de suco verde que ainda está pela metade.

— Eu gostaria de retomar aquele assunto. Do ateliê, sabe?

— Eu sei. Mas falemos sobre isso depois. Tu não pode se atrasar hoje. Lembra do que combinamos? Hoje é dia de consulta do Lucas, depois das tuas aulas.

— Mãe, tu sabe que horas minhas aulas terminam?

— Por favor, Sophia.

Ela deixa a xícara cheia na mesa e se levanta derrubando a colher no chão.

— Vai desperdiçar comida?

— Estou atrasada, lembra?

Lígia abre e fecha a boca e acaba por focar seu olhar em sua taça. Sophia aperta o passo até sair da cozinha, subindo de dois em dois degraus até o meio da escada e passa a subir mais devagar. Entra em seu quarto, observa a porta rachada e a deixa encostada. Vai até uma pilha de roupas jogadas no chão, tira o pijama e joga por cima, vasculha as roupas de baixo, cheira a axila de uma camiseta de manga comprida e a virilha de uma calça capri e as veste. Pega um perfume da cômoda, borrifa por várias regiões do corpo e se cobre com o cachecol arco-íris. Procura por um par de meias de cores iguais, mas acaba por preferir uma amarela no pé esquerdo e uma vermelha no direito. Por fim, agarra a mochila e joga nas costas, deixando-a pendurada por apenas uma das alças. Volta a descer a escada fazendo barulho, passa pela cozinha e escreve leite de arroz, seguido de PORTA DE MADEIRA na lista de compras, em letras garrafais, e corre para as escadas que dão para garagem sem se despedir de sua mãe.

Acostumada com a falta de luz no ambiente, esquecia de ligar a luz. Tateia até achar seu U-Lock e enfia ele na mochila. Agarra a bicicleta e a move devagar, sem encostar as rodas no piso até sair pelo portão e chegar no carro. Seu irmão havia pegado o modelo branco e sobrou o prata de novo. A bike começa a pesar em seus braços e no momento de pedir ajuda percebe que não sabe o nome do motorista. Na verdade, não sabe diferenciar um do outro. Seus braços começam a

escorrer suor e seus músculos estão travados. Qual o nome? Qual a letra inicial? Ela sempre pega o mesmo ou eles mudam? Com quem ela convive diariamente?

— Senhorita Sophia!

É o seu nome. E o dele?

— Deixa eu ajudar — ele diz com a voz baixa, chegando mais perto e sussurra: — Dona Lúcia não pode saber, né? Pode deixar comigo.

O motorista arranja a bicicleta no porta malas, colocando uma coberta e sacolas de compras vazias por cima, dá a volta e abre a porta para ela entrar. Não consegue nem ouvir a tranca e já vê que ele já se encontra no banco da frente e liga o carro.

— Tu sempre chama de senhorita?

— Senhorita Sophia.

— Hm. E minha mãe?

— Eu só dirijo para a senhorita e o jovem Lucas. É o combinado. Mas já que tocou no assunto, posso fazer uma pergunta?

— Além dessa? — O motorista sorri.

— Na verdade, algumas, se não for incômodo.

— Pode fazer.

— Bom, elas têm ligação, é como se fossem uma.

— Diga...

— O Seu Sérgio foi demitido, né. A Dona Helena também. E bem, apesar do combinado, vez ou outra tenho dirigido para a Senhora Lúcia. Não é fofoca, viu. É que sabe como estão as coisas...

— Não entendi.

— Tenho mó orgulho de trabalhar para as senhoras, sua família. O uniforme é lindão, arrumado. Fiz até curso para saber esse tal de senhora isso e senhorita aquilo, muito chique. Mas eu tenho que sustentar minha família, minha namorada. A gente quer ter um Júnior, entende?

— Essas questões de aumenta são com a minha mãe.

— Desculpa, mas se fosse isso eu já teria conversado com a Senhora Lígia. Veja só, eu ganho mais aqui do que ganharia nesses novos aplicativos, entende?

— Então o que falta?

— O salário, Senhorita.

O dia hoje está ensolarado. Ele deve pegar a Diário de Notícias, visto que nesses dias Sophia pedia sempre para ir pelo caminho mais longo, vista para a Orla. Ela se indaga se ele ouviu sua conversa com a mãe, os gritos. O quanto eles ouviam? Dava para ouvir algo fora da casa? Eles deviam saber. Nem ela sabia que sobre os outros funcionários, e de nome mesmo só Helena. Então faltam 32 minutos para chegar na PUCRS. É como se essa conversa se repetisse por mais trinta e duas vezes. Ela e?

— Desculpa, não posso ajudar. E não sei se entendo.

— Que isso, Senhorita Sophia. Só para ver né, se tinha alguma ideia. Mas a Senhora sempre é solícita, anda dando muitos presentes para minha família. Tudo bem, viu?

— Vamos pela Nonoai, por favor.

— Sim, Senhorita.

— E me chama de Sophia, tá?

Ela coloca os fones no ouvido. Não quer ouvir a resposta. Não quer ouvir nada. Aumenta o som da música até soar como ruídos estranhos. Aperta o botão para abrir a janela. Não funciona. Sua raiva é dirigida para aqueles 2cm de plástico prateado que mais parecem a merda de uma aeronave abatida. Que coisa mais esquisita aquilo. E não funciona. Nada funciona. Ela afunda o dedo no botão na esperança de que seu ódio seja transformado em eletricidade ou sei lá como carros funcionam e que isso faça com que a porcaria da janela se abra. Ela observa que o olhar do motorista se volta para ela e num movimentar de braços dele a janela

se abre. Ele deve estar sorrindo. Não quer sentir raiva desse sorriso. Ele um dia vai ser pai.

O vento que invade o interior do carro vai de encontro direto a seu rosto, trazendo consigo uma mistura de aromas urbanos: a fumaça dos carros pagos em 48x com juros, a essência distante de árvores regionais sem podas apropriadas, a proliferação fora de época de algas na água que foi inconsistentemente negado pelos órgãos responsáveis. Tudo isso é sinônimo da pequena liberdade que Sophia desfruta ao sentir que trava uma luta contra a matéria, que ocupa aquele espaço e tempo que se movimenta em direção a algo. Agora esse algo é a PUCRS e ela pede para ele para antes, pega a bike e continua o rápido trajeto até pela Avenida Ipiranga até a entrada principal.

— Andando sem capacete, gata?

Sophia avista de seu espelho Isabela acelerar a pedalada e mesmo de longe já escuta as fofocas do fim de semana, mesmo que elas tenham vivido praticamente todo ele juntas. Guardam as bicicletas no local de sempre. Sobem pelas mesmas escadas, evitando o elevador cheio com as mesmas pessoas de sempre. Clima de volta às aulas sem a animação da novidade. Quem sabe em algum intervalo elas pudessem conhecer as calouras, puxar um papo ou apenas observar de canto.

Acompanhando os passos da colega, ela entra na sala que ainda não decorou o número para ter uma disciplina que não decorou nem o crédito, nem o título, o horário ou o nome do professor. Abre o caderno em uma página em branco e começa a traçar com uma caneta amarela riscos que demoram sete minutos para compor uma forma oval. Fica parada diante da imagem que criou. Levanta a cabeça e observa as anotações no quadro. As letras tomam as formas de palavras e números e a voz da professora a chama para aquele lugar, naquela hora e antes que perceba os colegas começam a se levantarem. Ela pega o caderno, devolve para a mochila e desce as escadas correndo acompanhada por Isabela.

— Sophia, aonde você está indo? Não vamos dar uma xeca-da nas novatas?

— Ah, sim.

— Tu tá bem distraída hoje, né? Pensando em algo específico. Ou alguém?

Eu te vi com a Aviv no fim de semana.

— Guria, eu tenho outra aula agora.

— Sim, eu também.

— Não é isso. Depois a gente conversa. Dá uma conferida por nós aí e me manda um whats de noite.

— Mas tu sempre chama atenção, é melhor de dupla.

O tempo é relativo. Não sabe por que tem pensado nisso. Einstein e essas matemáticas. Continua a caminhar enquanto passa na frente do prédio 10, aquele da Física e Aerocoisas. Segura o guidão de sua bicicleta com força. Sente sua visão lateral ser puxada para algo ou alguém. Sua direção é em frente, o reto, o avanço. A linha. Os cortes de linhas que em alta velocidade juntam-se como o galopar da primeira imagem cinematográfica.

Está na frente do Ateliê Livre. Está diante de senhoras que conversam distante. Está diante do barro. Move as mãos pelas dobras e entrâncias. Forma uma bola. Uma barriga. Um seio. Desmancha a massa e retorna à desuniformidade. Observa as variações materiais, a intercalação de vozes e o roçar das mãos. Acaricia o barro nos toques finais e afunda o dedo em movimentos regulares. É como se afundasse o crânio na volta da falta da moleira. É hora de buscar seu irmão.

As mãos voltam a agarrar o guidão com ferocidade. A fricção da luva nas mãos gera umidade fria. O girar da roda e a paisagem se desfazendo num borrão impressionista. Uma máquina biológica exala fumaça ao mover com passadas essa estrutura metálica que dobra ruas sobe calçadas ultrapassa sinais pessoas atravessa espaços e perde de vista o vislumbre louro seu olhar fura bloqueios e mira aquele pequeno ponto dourado que pela luz alaranjada se eclipsa e se esvai

através do labiríntico trânsito da tarde e se não fosse esse sol e se não fossem os espelhos e se não fossem esses reflexos ela conseguiria alcançar aquilo que ela quer aquela certeza o clarão amarelo dos fios de cabelo e só mais uma volta para conseguir acelerar e passar essa merda de fila de carros que não andam e essa moto bem no meio de tudo e o capacete afundado no topo os braços rígidos o calor do asfalto ela se afastando a luz se aproximando

O rosto para baixo desvia da luz que entra e sai pela janela feito interior de farol. A velocidade média de um vagão do metrô de São Paulo pode chegar a 87km/h nas linhas 1, 2 e 3 e 80km/h nas linhas 4 e 5. Do lado de dentro, os olhos pesam e os pescoços se curvam e os joelhos se dobram e as colunas entortam e o clarão dourado penetra o ambiente como se buscasse enquadrar ou fotografar aquela cena. Os passageiros. Aquele corpo.

Marília levanta o rosto para observar a reta amarela. Pode fazer a baldeação na Consolação, mas permanece sentada. Continua a olhar para seu colo, suas coxas amassadas no abrigo cinza que se amontoam no topo seus tênis. Roupas esportivas são vestimenta de grande parte da população sedentária. Tossidos abafados e fungadas esporádicas se juntam a voz estridente que anuncia as estações, e logo são substituídos pelo roçar dos tecidos sintéticos das jaquetas que se raspam na movimentação interna.

Talvez devesse mesmo ter saído antes e caminhado, mas prefere seguir uma rota interna saindo do vagão, entrando em outro, repetindo o olhar para baixo, a luz, as tosses, as jaquetas e então agarra a sacola com que carrega os pedaços que sobraram do projetor e desce na Estação Liberdade. É dia de semana, talvez no sábado ou domingo tenha mais movimento. Esperava entrar em um outro mundo. Quem sabe algumas cerejeiras, ou até o pouco azul do céu que se enxerga ser mais vívido, sei lá. Mas Marília desce na Liberdade e caminha pela saída da estação e tudo continua o mesmo cinza e o inverno já é meio cinza e as cidades já são meio cinza e dia meio nublado já é meio cinza e São Paulo é muito cinza e ela caminha por essas lajotas cor de terra rodeadas por outras cinzas e olha sua calça de moletom cinza cinza cinza e sobe os degraus cinza e a fumaça na sua frente é cinza e ela se aproxima de uma pessoa e então o branco um vazio e só consegue

pedir um cigarro que guarda no bolso e ela não fuma e sente aquele tabaco enrolado em papel branco se debater no bolso antes vazio e agora é vermelho e o sangue acelera em suas veias o coração bombeia as pernas bamboleiam e ela já passou nessa rua antes dobra a esquerda de volta o vermelho as letras e os sinais e o pare por favor pare Marília pare só um pouquinho e então ela entra em um estabelecimento e senta de frente para o balcão as mãos cambaleantes se fixam nas imagens e ela aponta e sorri e então se agarra na sacola e deita a cabeça na tábua gelada.

Sente sua respiração ir formando um círculo de gotículas que circundam sua boca e que recuam até desaparecerem. Escuta o som de vozes distantes, risadas, talheres se batendo. Ergue a cabeça e observa as mesas postas, cadeiras vazias. É o primeiro momento que se encontra sozinha fora de casa. Uma televisão de tubo ligada em um canal japonês preenche o local com um som agradável complementado pelos barulhos advindos da cozinha.

Deixa a sacola em cima do balcão e volta a pegar um dos exemplares do cardápio emplastificado. Passa a mão pelas rugas formadas no plástico pelo uso dos clientes anteriores. Talvez famílias grandes, dessas que reajustam a constituição do lugar levantando mesas e adaptando cadeiras e os cantos são preenchidos e os caminhos formam um novo labirinto que os funcionários precisam reaprender suas entradas e esquinas e desvios.

Os caracteres escritos na sua frente pertencem a uma língua desconhecida e ainda assim a sensação é mais parecida de estar em casa do que seus últimos contatos com a língua portuguesa. Gostaria de enrolar a língua na pronúncia de algo, mas não sabe por onde começar. São imagens. Letras são imagens. Nunca havia pensado em si como uma pintora. Alguém que risca traços em uma folha em branco. Talvez tenha sido pela falta da folha em branco. Virou uma metáfora. Agora ela liga o computador e a folha é digital. Ela tecla em vez de rodear os

dedos e apertar a carne contra a madeira. É disso que senta falta. Desse outro contato. Da palavra contato não ser só um ícone na tela de um celular.

Um aroma desvela que seu prato deve estar vindo. Talvez reconheça alguma fragrância, algum tempero que já comeu antes, além dos saquinhos de glutamato que vêm junto com o miojo. A porta da cozinha se abre e Marília acompanha com os olhos o trajeto da refeição até ser colocada na sua frente. Ela meneia a cabeça e a atendente se senta em uma das mesas, observando o que se passa na televisão.

O bafo da tigela fumegante faz com que ela retire o casaco de moletom e largue amassado em cima da sua sacola. Fica ali, de rosto contra o vapor. Ao abrir os olhos, pega o hashi mais próximo na ponta dos dedos e escolhe uma porção de algo branco. Ovo? Tofu? Massa? O prato possui uma variedade de formas e sabores, como se soubessem que ela gostaria de provar de tudo um pouco e assim Marília vai saboreando cada mordida e apreciando a diferença das texturas e preenchendo o corpo de outras matérias até levantar a tigela e ingerir o caldo que desce cálido por sua garganta.

— Gostou do Oden?

— O que?

— O cozido.

— Ah...

— Sabe, é muito comum virem aqui sem saber o que pedir. Não precisa ter vergonha, pode perguntar. Todo mundo aqui fala português.

— Desculpa.

— Tudo bem. Espero que tenha gostado e volte mais vezes. Fazemos entrega também.

— Agora já sei o que pedir. Oden.

Marília se levanta, enrola o casaco no braço logo acima da sacola e caminha até o caixa. Deve ser bom saber o que pedir. Saber o que vai em um prato típico. Saber a origem. Saber o que seus avós comiam. O que vestiam. O que falavam. O

que faziam. O que sonhavam. A certeza de pertencer a algo. Algo que não seja apenas a exploração do outro. Não conhece a história do Japão, mas sabe que ouviu falar da Segunda Guerra Mundial e de Nagasaki e de Hiroshima mon amour. Vez ou outra pegou táxis pagos pela agência que demoravam para chegar ao local de empresas onde deveria ter reuniões e nesse tempo passava em frente à cartazes de seções de mostra de filmes franceses e japoneses.

Passa o valor no cartão de VR da empresa. Espera que eles se confundam e continuem depositando, visto que o RH é quem cuida disso e nem lembra quem foi a última pessoa quem ocupou esse cargo. Abre a porta e está de volta à rua. Fica parada e observa o aumento do número de pessoas que caminham pelo local, como se tivesse saído em um lugar diferente de antes. O corpo então se move e ela acompanha um tanto distante e atenta os passos de uma mulher como se fosse um felino que preenche com as patas traseiras o exato local em que pisou com as patas dianteiras. Ela muda o trajeto acompanhando a breve corrida de duas crianças e depois se demora acompanhando um casal de amigas que passam diante de uma vitrine que cativa seu olhar.

Um vidro a separa de mesas redondas acompanhadas de cadeiras coloridas que convidam para uma pausa e uma lenta visita pelas estantes ao fundo. Empurra a porta de madeira negra e é remetida a uma época passada pelo aroma do café tostado e o mofo das páginas amarelas que a invadem. Caminha até as prateleiras e se posta de lado. Observa ao redor, as pessoas conversando. O espaço entre as estantes é apertado demais para ela passar. Marília aperta a sacola e abaixa o olhar e caminha até uma mesa livre. Um homem está atendendo duas senhoras sentadas adiante. Marília percorre os dedos pelos sachês de açúcar e percebe pequenas mensagens escritas neles. Puxa um deles e lê: “Viva intensamente.”

Sente um calor subir para o seu rosto e avermelhar suas bochechas. “Viva intensamente”. Agarra alguns sachês e enfia no mesmo bolso que o cigarro agora torto. “Viva intensamente.” Quem foi que escreveu isso? Qual foi o seu colega

brilhante de profissão que criou isso? Num sachê de açúcar? Ela pega o primeiro livro que vê pela frente que a capa lhe agrada e avança até o balcão.

— Mais alguma coisa?

— Sim, por favor. Onde posso consertar um projetor? — Marília levanta a sacola.

— Seu Yamamoto é logo adiante, só dobrar a esquerda. Você é de Porto Alegre?

— Como você sabe?

— Não sei, perguntei por causa do autor. Ele é porto-alegrense.

Não quer ouvir falar de porto-alegrenses nem de açúcares motivacionais nem de livrarias tão pequenas que lhe causam vergonha do próprio corpo. Não quer sentir mais o cheiro do passado nem lembrar de agências e nem de cafés e esses cinzas que envolvem as pessoas em pequenas nuvens que fragmentam rostos e atravessam cabeças e penetram violentamente suas narinas pois ela não escolheu sentir aquilo e o constrangimento da corpulência da carne que lhe pertence e está exposta ao outro e se pergunta de quem é essa rua e esse medo de andar e essa vontade de se afastar dos outros e dos becos e o perigo que é ir até a esquina de dia.

A quatro portas da livraria se encontra aquele estabelecimento peculiar. Sem fachada, Marília jamais teria descoberto que ali é o local que ela procurava e na fuga de um passado recente ela se depara com um passado remoto. Um quadrado formado pelo acúmulo de modelos de rádios Mitsubishi Japan 8 Transitor, toca-fitas Mitsubishi RX 77, rádio cassete recorder Sanyo 9830K com sua cor prata brilhando, rádios portáteis Sanyo RP-1250 amontoados como uma grande colmeia, relógios de pulso Yazole dispostas em uma balcão de vidro reluzente, e diversos televisores de tubos, relógios de parede e outros objetos tecnológicos em ótimo estado.

Adentrando a loja Marília perde o olhar nos objetos. Apesar de ocupar um pequeno espaço daquela rua, o depósito é tão organizado e pensado em seus mínimos centímetros que seu corpo relaxa ao saber que não precisa se preocupar que vai derrubar ao transitar por ali.

— Quer um chá?

Ela se vira e encontra um senhorzinho sorrindo com os olhos e segurando uma xícara com as duas mãos, mirando em sua direção. Ela agradece e ele aproveita para pegar a sacola e colocar em cima da prateleira de vidro. Marília se deixa levar por essa efusão de acontecimentos e esse septuagenário habilidoso com um equilíbrio entre dinamismo e calma.

— Você é o tal Yamamoto?

— Seu Yamamoto. O único!

Ele começa a retirar uma por uma das peças do projetor, como se soubesse a ordem de encaixe daquele quebra-cabeça. Ela observa aquela cena como quem vê um arqueólogo desvendando artefatos raríssimos e raspando o pincel contra a areia desvela novas descobertas que não muitas pessoas além de um grupo específico de cientistas e insones vasculhadores de vídeos pelo Youtube vão se interessar. Seu Yamamoto contorna o balcão e entra para uma sala com a parede repleta de pequenas caixas de madeira.

Na sua ausência ela repara na foto de um gato alvo, focinho com pintinhas pretas e patas alaranjadas. A foto enquadrada por uma moldura branca evidencia a pelagem e a aura angelical do felino cuja boca parece estar sorrindo na mesma proporção que o dono faz com o olhar. Ele volta carregando pequenas sacolas de veludo reluzente nas cores vermelhão-sangue, amarelo-caramelo e verde-musgo.

— O seu projetor é do modelo Optoma HD28DSE. Minha sugestão é você deixar aqui o aparelho e eu vejo se consigo substituir as peças por outras de modelos diferentes, que funcionam, feito o monstro de Frankenstein. Caso não

consiga, você pode me deixar o que sobrou dele e eu consigo outro dos meus projetores em troca.

— Prefiro o que for mais barato.

— Pode passar aqui na próxima semana então, que eu lhe passo o orçamento mais barato que conseguir ou entrego um projetor novo.

— Você não prefere ligar? Mandar mensagem?

— Não uso celular e não tenho telefone. Ao vivo é melhor.

Marília acha a frase engraçada. Todos aqueles aparelhos e ele parece um tanto desfavorável a utilização dessa tecnologia. Ela larga a xícara vazia em cima do balcão e agradece. Suas mãos se desacostumam com a leveza da falta da sacola. Fica impresso na sua carne a inexistência.

— Sempre quis ter um animal em casa, mas meu apartamento é muito pequeno. Nunca ficava por ali e nenhum animal merece esse destino.

— Não são muitos que pensam no isolamento que causam ao outro.

— Obrigada pelo chá.

— A companhia é necessária. Talvez arranje outro, algum vai me procurar.

— Como é viver sem assim, sem ele?

— O amor dos animais caseiros nos dá de presente a concepção da morte.

O resquício das ervas da infusão manifesta um gosto amargo em sua boca. As mãos procuram o bolso do casaco e os dedos tamborilam pelo forro enquanto se prepara para o retorno ao apartamento e os pés se arrastam pelo chão e a cabeça acompanha o recorte das lajotas da pavimentação e talvez seja o sol se dirigindo cada vez mais ao Norte ou a sensação de voltar para espaços abertos e as pessoas que só olham para a frente e o nada ou mudança repentina de velocidade e a Terra se movimentando ao redor do sol a 29,7222 km por segundo a cada passo que ela dá e a Terra girando em seu próprio eixo a 416,66667 metros por segundo a cada passo que ela dá e a Terra se movimento a 27.777.778 centímetros por segundo e uma abelha batendo as asas 180 vezes por segundo se

chocando a 25 km por hora contra a sua cabeça e então as mãos se enroscam nos bolsos e o movimento instintivo de fechar os olhos e os as pálpebras assustadas se retraem e os cílios se agarram de medo formando uma barricada de pelos protetores contra o intruso que colide contra a grossa parede de pele formada pela sua testa que se enruga e o seu corpo que precisa parar repentinamente e mudar de direção do corpo da abelha que gira diversas vezes em 360 graus rodopiando as patas e as asas amolecendo e aquele ser em plena queda contra o asfalto e aquele pequeno corpo estirado no chão tombado naquela lajota fria e cinza e ela abre os olhos que retém uma lágrima e o susto se completa com o horror do zumbido das asas se digladiando e a carne que luta pelo movimento a vida se esvaindo e a visão dos outros corpos das companheiras abatidas e uma chuva de cadáveres pela avenida.

A CRIAÇÃO E A MÃE

O Embrião

Escrevo intercalando com a vida. Prefiro começar com uma afirmação para logo desenvolver as perguntas: até que parte consigo rastrear de onde nasceu a ideia do meu romance? E não apenas o meu, mas quando um romance começa a nascer? E a escritora? Se existem diferenças entre homens e mulheres, podem essas diferenças se refletirem na construção da personagem? E essas diferenças alimentam a imagem da qual temos sobre as mulheres na sociedade? Somando a essas indagações, também surge a questão da mulher na teoria. Quais são as mulheres que escrevem sobre a escrita? E quais as teóricas que existem de escrita criativa?

Essas perguntas surgem como a continuidade das indagações as quais permearam meu trabalho de conclusão de curso na graduação em escrita criativa, defendido em julho de 2018, durante meu primeiro semestre no mestrado. Intitulado *Útero no Plural - Reflexões sobre a Literatura de Autoria Feminina no Brasil*, foi composto de um ensaio – *Útero no Plural* – e um livro de poemas – *todo útero é uma arma da mãe natureza*. No trabalho, tratei da trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, partindo do século XIX, passando pelos ensaios da Virginia Woolf (*O Valor do Riso*, de 1905), estudos da Regina Dalcastagnè, Elódia Xavier, Lúcia Zolin, entre outras, levando a reflexões voltadas para a poesia, em especial ao livro *Um Útero é do Tamanho de um Punho* (2012), da Angélica Freitas e a imagem da mulher na sociedade patriarcal, e a representação de lésbicas, bissexuais e transexuais na literatura.

Para começar a pensar nessas questões, início tratando do conceito de mulher, trazendo uma das teóricas mais conhecidas sobre o assunto: Simone de Beauvoir. *O Segundo Sexo* (1949), sua obra filosófica mais famosa, é dividido em dois volumes. Na primeira parte de *Fatos e Mitos*, o primeiro volume, Beauvoir escreve 3 capítulos no qual reúne diversos estudos científicos que dissertam sobre o conceito de mulher através da biologia, psicologia e psicanálise, economia clássica, liberal e marxista. Na segunda e terceira parte ela passa pela história, trazendo reflexões acerca da figura feminina através das representações da mitologia indo-europeia e da literatura europeia, como a cosmogonia (assírio-babilônia) na qual o mar (Tamiat) é feminino; e italianas como Isara Nogara, Verônica Gambará, Gaspara Stampara, Vitória Colona e Lucrécia Tornabuoni,

sendo a maioria dela cortesãs que eram tratadas com admiração pelos homens¹, sendo Vitória amiga de Michelangelo.

Assim, percorre um profundo caminho com diversos dados e reflexões para chegar à conclusão da subordinação da fêmea em diversos aspectos da natureza e da sociedade/cultura. Conforme Beauvoir (2009, p. 102):

É essa ambivalência do Outro, da Mulher, que irá refletir-se na sua história²; permanecerá até os nossos dias submetida à vontade dos homens. Mas essa vontade é ambígua: através de uma anexação total, a mulher seria rebaixada ao nível de uma coisa; ora, o homem pretende revestir-se de sua própria dignidade o que conquista e possui; o Outro conserva, a seus olhos, um pouco de sua magia primitiva; como fazer da esposa ao mesmo tempo uma serva e uma companheira, eis um dos problemas que procurará resolver; sua atitude evoluirá através dos séculos, o que acarretará também uma evolução no destino feminino.

Na segunda parte da obra, *A Experiência Vivida*, Madarasz (2019) comenta que Simone de Beauvoir analisa a vida e o cotidiano da mulher na procura de uma realização plena do potencial de liberdade enquanto continua a construção da visão da Outra: “Literalmente *escrevendo* estas etapas, Beauvoir insere nas dobras da conceitualização o que era tão desconhecido que sequer podia ser descrito, pois faltavam conceitos e palavras para fazê-lo.”

Outro importante estudo sobre a conceituação da mulher é da filósofa Judith Butler, que em suas obras produziu uma crítica interna ao feminismo ao criticar a naturalização da identidade da mulher e a representação política do feminismo. Iniciando suas publicação sobre o assunto nos anos 90, a filósofa traz questões sobre a universalização do conceito de mulher em um momento histórico na qual a categoria de universalização é criticada, trazendo reflexões sobre a não estabilidade do conceito, ao questionar quem detém o poder de estabelecer o sujeito “mulher”, quem (e de que lugar) fala em nome do feminismo e quais as suas reivindicações.

¹ Vale notar que essa admiração pode não ser necessariamente tão positiva, visto que a admiração a uma mulher pode se dar por diversos fatores, sendo um deles possuir características vistas como masculinas como o poder, a criatividade, a liberdade, entre outros; a admiração pode ser platônica, como uma musa inspiradora e sem voz.; a admiração pode ser usada para diminuir as outras mulheres que não tem as mesmas oportunidades ou que não ocupam as mesmas tarefas, ou seja, a maneira como se admira uma pintora e não se admira uma costureira, ambas trabalhadoras do material em tecido. Outra questão é que uma mulher não precisa da admiração de um homem para ser importante ou destacada em sua área, como exemplo a utilização de expressões como “é uma Einstein de saias”, “ela é o novo Mozart”.

² Quando Beauvoir se refere à história é sobre a Ocidental. Em *O Segundo Sexo* ela explica que “A história da mulher no Oriente, nas Índias, na China foi, com efeito, a de uma longa e imutável escravidão. Da Idade Média aos nossos dias, focalizaremos o estudo na França, que é um caso típico.” p. 102

A identidade da “mulher” como sujeito único do feminismo mantém a estabilidade da estrutura da qual ela deseja se libertar, o poder da exclusão, ideia já presente no movimento anterior ao de Butler, mas o qual ela desenvolve com a premissa da desconstrução desse sujeito com a intenção não de rejeição ao movimento feminista, mas de desdobrar possibilidades as quais abarquem usos subversivos, ou seja, ações políticas voltadas para o fim das relações de hierarquia com foco não nas identidades, mas nos processos que as produzem e as mantêm. É abrir um espaço que combata essa matriz (heterossexual) a qual gera justamente a imobilização das identidades. A existência de uma identidade feminina pode excluir sujeitos que não se enquadram nas exigências dessa categoria (Butler, 2003, p.26):

(...) a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural implacável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.

É possível um feminismo sem o “Outro”? Se o movimento feminista declara um patriarcado agigantado e homogêneo como a única força opressora, ele se torna uma estrutura invencível ao não observar suas características histórico-culturais, alerta Butler (2003), e o cuidado com a análise de teorias as quais defendem a existência de um matriarcado como uma estrutura anterior ao patriarcado como se houvesse uma feminilidade ínsita. Butler (2003) continua a problemática ao questionar o movimento feminista sobre a limitação da criação do conceito de mulher, sobre essa identidade compartilhada entre todas, não permitindo a interseccionalidade de outras hierarquias como o racismo.

Redirecionando-me para outro gênero literário, neste trabalho parto para uma obra de maior volume, o romance, e sua criação em diversos aspectos. Durante a cadeira de Oficina de Criação I: Narrativa, do Assis Brasil, ao final de cada projeto ele pergunta: “Por que deve ser você a escrever esta obra?” Aqui cabem diversas respostas, e uma delas percebi ser o fato de que sou uma mulher que escreve, e isso converge para questões voltadas para as novas discussões acerca do feminismo e da literatura.

Para começar a tratar do assunto recorro aos estudos de Zahidé Lupinacci Muzart, importante pesquisadora na área de literatura produzida por mulheres brasileiras, com ênfase no

século XIX. Sua pesquisa resgatou diversas obras e suas autoras e conseguiu criar um ambiente acadêmico para a pesquisa na área. Seus estudos também contribuíram para a consolidação e a existência de uma crítica literária feminista no Brasil.

Muzart (2011) comenta que o interesse pelo estudo da mulher como sujeito histórico é recente, tendo, no ocidente, seu início na metade do século XX com o ganho do direito ao voto feminino. O gênero do romance percorreu um longo caminho pelas mãos de mulheres da sua criação até sua chegada no Brasil. Sandra Vasconcelos foi a principal pesquisadora no Projeto Temático FAPESP "Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX" e atua nas áreas de pesquisa sobre o romance brasileiro, romance inglês e relações Inglaterra-Brasil no século XIX. Vasconcelos (2002) traz outros dados sobre a época ao afirmar que, ao contrário das inglesas que começaram a publicar romances desde o século XVII, as brasileiras começaram a escrever romances apenas no século XIX. Ainda afirma que as brasileiras começaram pela poesia, no século XVIII, que seguiam o cânone da época (escritores franceses e ingleses), que escreviam obras com as temáticas do amor não correspondido, mortes e o tédio. O autor dá a entender que as mulheres começaram a escrever romances depois dos homens, mas no Brasil, eles também começaram a escrever romances apenas no séc. XIX, pois a própria ideia de romance, como conceito, surge apenas nessa época.

O fato mais importante com relação à escrita de mulheres no século XIX é mostrada por Constância Lima Duarte, importante pesquisadora brasileira na área de literatura de autoria feminina e crítica literária feminista tendo como principais obras publicadas *Nísia Floresta: vida e obra* (1995); *Mulheres em Letras – Antologia* (2008); *Mulheres de Minas: lutas e conquistas* (2008); *Escritoras do Rio Grande do Norte – Antologia* (2011); *A escritura no feminino* (2011); *Imprensa feminina e feminista no Brasil* (2016), entre diversas outras. Duarte (2003), comenta que até então não havia no Brasil escolas públicas as quais mulheres pudessem frequentar e o ensino se dava através escolas particulares e de conventos, os quais funcionavam de forma punitiva: “Nos seus primórdios, os conventos serviam para resolver o problema das mulheres desviantes. Insubmissas, elas escapavam às normas de conduta que lhes eram impostas por pais e maridos, devendo, então, redimir-se de seus pecados no claustro” (NUNES, 2000, p. 493). Apenas em 1827 surge a primeira legislação a qual autoriza a abertura de instituições de ensino público para mulheres, mas Silva (2009) afirma que pelo Código Civil, até 1916, as mulheres eram “menores

perpétuos sob Lei”, ou seja, submissas à vontade do homem da família, sendo ele marido, pai ou irmãos.

Muzart (2011) comenta que o motivo pelo qual as brasileiras começaram a escrever poesia antes de romances poderia ter sido o tempo necessário para a escrita, dizendo que um poema seria mais fácil de escrever entre as tarefas domésticas do que uma narrativa mais complexa, a qual envolve a criação de personagens, enredo e outras tarefas que são melhores realizadas num pensamento contínuo. Não concordo plenamente com a ideia, pois poemas podem envolver uma complexidade de criação semelhante a uma narrativa longa, mas compreendo que a escrita de textos pequenos e independentes pode ser considerada mais fácil do que se ater a escrita de uma obra contínua. Outra questão apresentada é a educação dada para as mulheres, pautadas pela moral e a religião, e o espaço, visto que nas famílias mais abastadas o escritório pertencia ao homem.

Conforme Muzart (2011, p. 25), sobre as brasileiras: “As escritoras do século XIX preocuparam-se com a divulgação de suas obras e muito lutaram para serem percebidas pelos críticos literários da época.” Durante esse século a literatura teve um papel de destaque e transformou-se em um acontecimento social pois havia respeito e admiração pelos escritores, que pela sua presença lotavam conferências literárias. Parte da vida cultural das classes mais altas, muitas mulheres eram leitoras e ouvintes, mas a figura do escritor é vista como profissão masculina. Apesar disso, nesta época temos exemplos como a Nísia Floresta, Maria Benedita Bormann e Inês Sabino, que encararam a literatura como profissão.

Sobre as primeiras temáticas presentes na escrita de mulheres brasileiras, temos um estudo de Lucia Castello Branco, escritora, ensaísta, acadêmica e autora brasileira de obras literárias como *A menina e a bolsa da menina* (2004), *A mendiga* (2005), *Preces para a amiga submersa* (2013) e teóricas como *A mulher escrita* (de 2004, criada em conjunto com Ruth Silviano Brandão, e utilizada nesta dissertação), *O que é escrita feminina* (1991) e *Chão de letras: as literaturas e a experiência da escrita* (2011). Branco (1991) confirma que os primeiros temas da escrita de brasileiras tratavam do que era considerado doméstico, como a maternidade, a casa, a infância, o corpo. Era raro ou quase não existiam mulheres escrevendo sobre as temáticas envolvendo negócios (como a manutenção de grandes fazendas até pequenos comércios), vida urbana, guerras e um mundo exterior ao eu. Era comum o uso da primeira pessoa, ideal para expressar a vida íntima, como nos diários. Confinadas em casa, era esse o tipo de expressão no qual encontraram para falar de suas fantasias e desejos.

Em 1929 Virginia Woolf escreveu um ensaio que ainda é clássico para se pensar o fazer literário: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (2014, p. 10). Woolf traz à tona a questão das condições sociais e materiais para se fazer literatura, ainda que a sua figura muitas vezes seja associada a questões de condições mentais e emocionais por causa do seu suicídio e a escrita de sua carta de despedida³. Pensando nas condições necessárias para se fazer literatura, ainda são muitos os obstáculos presentes.

Hoje não se pensa apenas nas mulheres (brancas) quando se trata do assunto das dificuldades para a escrita⁴, ainda mais no Brasil, no qual há uma reescrita da história e do cânone literário revelando autores negros e indígenas. Ainda assim, as escritoras continuam a lutar, agora, com novas questões demonstradas por Dalcastagnè (2001): “como ser universal sem ignorar as diferenças nas experiências de gênero, como se relacionar com tradições literárias as quais foram, quase por inteiro, estabelecidas por autores do sexo masculino?”

Estudos do gelbc (Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília) coordenado pela Regina Dalcastagnè⁵ trazem alguns resultados com um recorte que não demonstra a total realidade da escrita no Brasil, mas que ainda assim traz dados alarmantes. Em 43 anos, o perfil do romancista brasileiro publicado pelas grandes editoras não se modificou: homem, branco, hétero, de classe média e nascido no eixo Rio-São Paulo; mesmo perfil de seus

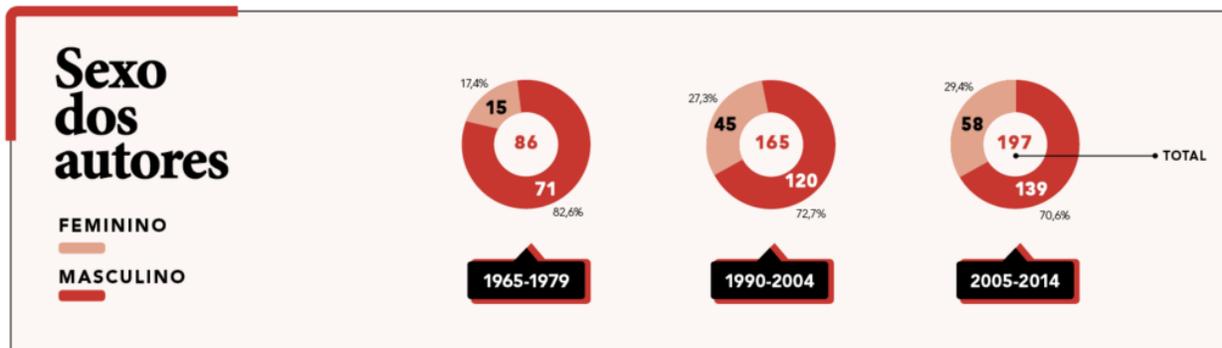
³ Percebo ser comum ligarem a escrita (prosa) de Virginia Woolf com os textos (líricos) de Sylvia Plath. O fato que as une é o de serem mulheres, escritoras e suicidas. Há muito mais na escrita e na vida dessas autoras que as suas doenças, mas há uma romantização mais forte das suas tristezas e mortes do que suas alegrias em vida. Por que existe tanto a visão de beleza no sofrimento? Acredito que haja uma falácia em relação a isso. Explico: muitas pessoas (incluindo artistas) acham que a arte provém da dor. Eu não escrevo quando sofro. Eu escrevo quando possuo condições para explorar sensações, quando estou me sentindo bem, produtiva, ativa. Pode ser que algumas situações de trauma, perda e dores gerem conteúdo para a produção de obras, mas a o sofrimento é debilitante. Não existe uma preocupação com a arte quando se sente fome, quando o corpo não quer se mover, quando a mente está embaralhada e confusa. Não faz bem para quem consome a arte e nem para quem produz arte acreditar e alimentar essa ideia. A arte é trabalho e é preciso de sustento, de vontade, de força para se estar apto a trabalhar.

⁴ Para uma mulher branca possuir a liberdade para escrever é comum que outra mulher, geralmente negra, ocupe o seu lugar com as tarefas domésticas. Agora que podemos ocupar determinados lugares percebemos que eles constituem parte de outra violência, e que também não é nosso lugar violentar o outro.

⁵ O estudo se iniciou em 2003, tendo a primeira parte publicada em 2005. A pesquisa analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Foram pesquisados os lançamentos das três maiores editoras do país: Record, Companhia das Letras e Rocco. Até o presente momento ainda não há a publicação total do estudo dos anos 2005-2014, que estava com o lançamento previsto para abril de 2018. Apenas foi publicado o estudo dos anos 1990-2004 e dados encontrados na reportagem da Revista Cult de fevereiro de 2018 (<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>). Acesso em 26 março 2018 e 9 agosto 2019.

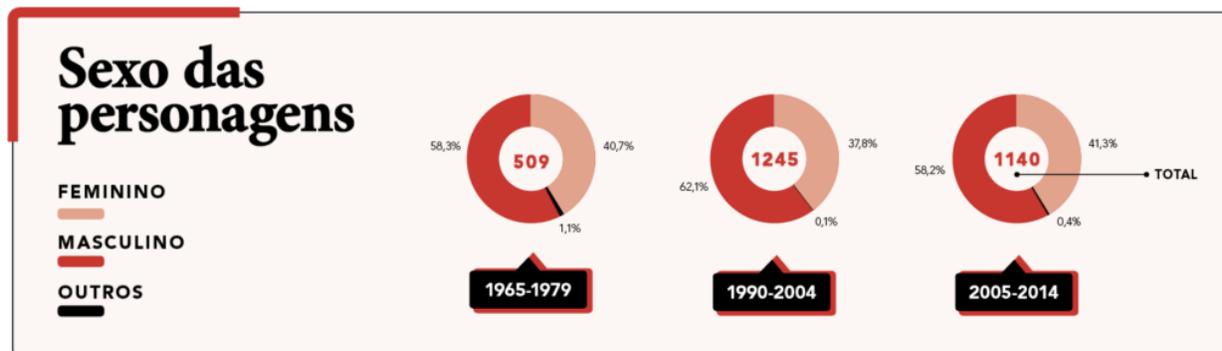
narradores, protagonistas e coadjuvantes. Apesar do aumento de 12% no aumento de romances escritos por mulheres, isso não produziu um aumento relevante de personagens mulheres.

Figura 1 – Sexo dos autores



Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico Revista CULT)

Figura 2 – Sexo das personagens



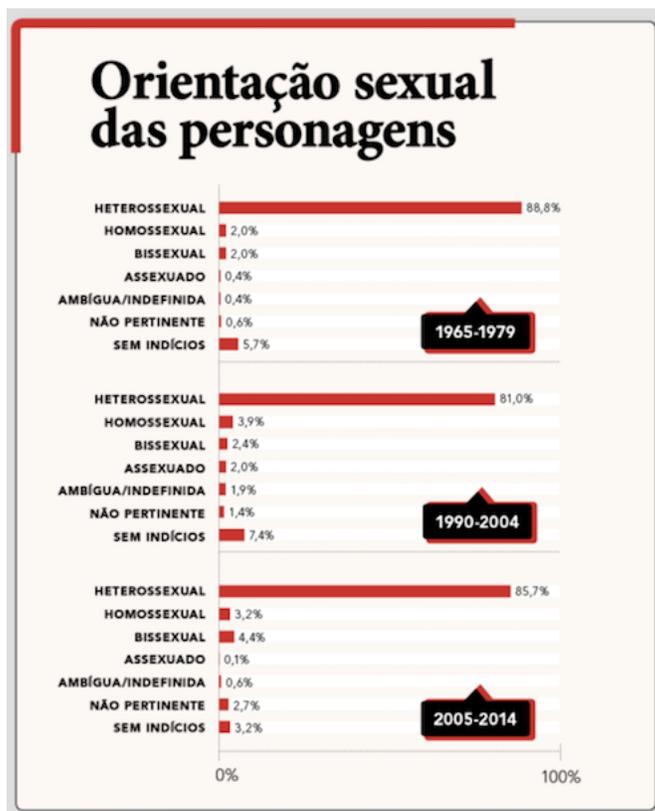
Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico Revista CULT)

Em uma reprodução e construção de imagens pautada pelo olhar masculino, a literatura está repleta de obras cuja vivência das mulheres é retratada por uma visão simplista e retrógrada, longe das pautas feministas. Nas poucas descrições, a mulher brasileira é descrita como relativamente magra, loira e com cabelos longos⁶. A maioria das personagens mulheres tem como suas ocupações principais dona-de-casa (25,1%), artista (10,2%), sem ocupação (9,6%), empregada doméstica (7,4%) e estudante (7,4%). Na questão da sexualidade, o quadro é um dos

⁶ “Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo”, in *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*, organizado por Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos Leal. Vinhedo: Horizonte, 2010.

piores. De 2005 - 2014, apenas 3,2% dos protagonistas são homossexuais, e 4,4% é bissexual (entre homens e mulheres).

Figura 3 – Orientação sexual das personagens



Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico Revista CULT)

A maior visibilidade de personagens masculinas se intensifica quando verificamos a sua posição na narrativa. Apesar de existirem cerca de 40% de personagens mulheres, elas ocupam cerca de 30% do protagonismo e narração, conforme podemos observar na tabela abaixo:

	protagonista	coadjuvante	narrador(a)	total
feminino	28,9%	41,5%	31,7%	37,8%
masculino	71,1%	58,3%	68,3%	62,1%
outro	-	0,1%	-	0,1%
total	100%	100%	100%	100%
	<i>n = 342</i>	<i>n = 893</i>	<i>n = 183</i>	<i>n = 1245</i>

Fonte: pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”

Para entender melhor essa informação, a pesquisa demonstra que a criação de personagens femininas está ligada ao sexo do autor. Ou seja, verificando as obras criadas por mulheres, 52% são personagens do sexo feminino, 64,1% são as protagonistas e 76,6% narradoras. Já para os homens, a criação é de 32,1% de personagens femininas, tendo 13,8% de protagonistas e 16,2% de narradoras.

A presença de mulheres na criação literária aumenta a visibilidade do sexo feminino nas obras, mas isso não quer dizer que seja apenas tarefa das mulheres aumentarem essa visibilidade e que homens não possam criar personagens femininas que condigam com a nossa realidade. Enquanto autoras tendem a criar metade de seus personagens masculinos, autores criam menos de um terço de personagens femininos, assim como protagonistas e narradores.

Existem algumas questões possíveis para esse resultado. A primeira é de que existe uma maior familiaridade da perspectiva dita masculina por parte das mulheres, as quais desde cedo são expostas a este tipo de conteúdo, tão presente no cânone. E aqui quando digo homem, é a visão predominante hétero, branca, classe média/alta, moradores de grandes cidades. Outra questão é que com o avanço das pautas feministas, os homens sintam-se inseguros ou deslegitimados para construir a perspectiva feminina. E vale lembrar aqui que essa perspectiva não é única e têm-se modificado até entre as próprias mulheres. Ou também pode ser que eles simplesmente não procurem se aprofundar no assunto e não procurem espontaneamente criações de mulheres. A predominância de personagens masculinos escritores (em primeiro lugar, com 8,5%) demonstra essa característica de debruçar-se sobre si mesmo e o ambiente familiar, neste caso, reforçado pelo cânone através desse ciclo de retroalimentação da perspectiva masculina.

A pesquisa também revela que o único tipo de relação na qual aparece na maioria das personagens femininas são as amorosas e familiares (90% entre mulheres, cerca de 75% entre os homens), dando continuidade a uma imagem antiga da mulher, voltada para a família e o lar, também demonstrada pela representação dominante do espaço físico da mulher nos romances: o doméstico.

De acordo com os dados do censo demográfico de 2010⁷ do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1950 somente 13,6% das mulheres estavam no mercado de trabalho em comparação com 80,8% dos homens. Após sessenta anos, as mulheres já são 49.9% e os

⁷ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=publicacoes>, acessado em 11 de agosto de 2019.

homens caíram para 67,1%. Esses dados não levam em consideração o trabalho informal, o qual tem diminuído entre as mulheres (em 2007 eram 59,2% e em 2016 é de 56%)⁸, e 73%⁹ a mais de tempo no qual as mulheres levam com trabalhos domésticos em relação aos homens.

Os dados verificam a continuidade da ausência da representação das mulheres no espaço urbano. Conforme a Dalcastagné (2005, pág. 43): “A personagem que caminha pela cidade é, via de regra, o homem.” A inter-relação entre geografia e gênero pode ser demonstrada através da divisão do espaço público e privado, ficando o espaço doméstico relegado à mulher (ALMEIDA¹⁰, 2015). Apesar do lar ser dito como um espaço feminino, também não é um local seguro para as mulheres, as quais com frequência sofrem violência doméstica, chegando ao número de 1 em cada 4 brasileiras no ano de 2018¹¹. Também é no lar que há, como dito anteriormente, a carga extra de trabalho doméstico, e uma carga a qual é pouco mencionada: a emocional. São as mulheres as responsáveis por cuidar de um amplo aspecto emocional da vida de todos, que vai desde o cuidado com os filhos e a figura do amor-materno (o qual vou detalhar mais adiante), como a lembrança de aniversários e datas festivas, entre outras relações.

Sandra Regina Goulart Almeida é uma pesquisadora das áreas de literatura contemporânea, literatura pós-colonial, literatura produzida por mulheres, crítica feminista e do espaço na literatura contemporânea. Foi uma das tradutoras para o português da obra *Pode o subalterno falar?* (1985) da Gayatri Chakravorty Spivak, relevante crítica e teórica indiana pela qual a obra citada é considerada um texto fundamental sobre os estudos de pós-colonialismo. Voltando ao espaço urbano, Almeida (2015) ainda comenta que a literatura contemporânea produzida por mulheres tem trazido o espaço e suas mobilidades como temática de alta relevância nas obras, e não apenas como um pano de fundo para o desenrolar da história. Assim, também se demonstra que o espaço é vivenciado de diferentes formas dependendo da classe social, etnia, nacionalidade, orientação sexual e gênero. Ainda que a mulher seja representada na rua, no subúrbio, deve-se saber que a mesma rua é experienciada como um lugar diferente para homens e mulheres, em especial para negras, indígenas e trans no Brasil e na América Latina.

⁸ <http://pdet.mte.gov.br/>, acessado em 12 de agosto de 2019.

⁹ <https://oglobo.globo.com/sociedade/mulheres-dedicam-73-mais-tempo-do-que-homens-afazer-domesticos-22462181> e <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>, acessados em 11 de agosto de 2019.

¹⁰ “Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea”, de Sandra Regina Goulart Almeida do livro *Espaço e Gênero na Literatura Brasileira Contemporânea*.

¹¹ <https://exame.abril.com.br/brasil/1-em-cada-4-mulheres-passou-por-violencia-em-2018-no-brasil-diz-pesquisa/>

Almeida (2015) também diz que as romancistas contemporâneas estão mudando da narrativa intimista e com forte teor autobiográfico para a abordagem de outras questões igualmente problemáticas e merecedoras de atenção como a presença da relação das mulheres no novo contexto sociocultural e geopolítico. Para Spivak (2000, p. 115), o feminismo do século XXI tem como um de seus maiores desafios estar atento não apenas às múltiplas experiências das mulheres, mas principalmente à diversidade de seus espaços de enunciação e pertença. Complementando a ideia, Dalcastagnè (2012, p.109-110) comenta que ocorre uma mudança do espaço da narrativa dos romances brasileiros, os quais migram do mundo rural e interiorano para as grandes cidades.

É no corpo da mulher que se confunde o público com o privado. A violência da cidade grande possui um fator adicional para as minorias. Quando tratamos de mulheres, há a violência sexual, a qual possui diversas formas do assédio verbal ao físico. Uma mulher sem a companhia de um homem na rua é considerada de uso público. A suposta proteção na companhia de um homem é apenas pela mulher agora ser considerada uma propriedade, e por isso, privada. O corpo é parte essencial da escrita. É através dele que experienciamos o mundo do qual vamos criar nossa escrita e é através dele que a passamos. O contato com o lápis ou a tecla. O olho diante da página em branco é o mesmo olho que presenciou um homem se masturbando na parada de ônibus. A cidade é a mesma, mas agora são outras realidades sobre ela que estão sendo vistas na literatura.

Dalcastagnè (2010) indica alguns temas importantes que merecem ser explorados e estão ausentes nos romances contemporâneos presentes nesse estudo, inclusive entre as autoras: aborto, problemas com fertilidade e violência doméstica. É mais comum nos romances escritos por mulheres o ataque à tabus relacionados à sexualidade feminina, o que já, de certa forma, explorado pelas grandes mídias. O que falta são representações como o “sentimento de perda causado por um aborto involuntário ou mesmo voluntário, bem como os riscos e o estigma que pesa sobre aquelas que passaram pela experiência, comum entre tantas mulheres.” Para os autores masculinos, o principal continua sendo a constituição de uma família (23,1%), sinalizando a permanência da mulher no espaço doméstico. Entre as autoras, as protagonistas sonham com tranquilidade (37%) e a constituição de uma família aparece ao lado da ascensão profissional, satisfação física e mudanças socioeconômicas.

Conforme Dalcastagnè (2010, pg. 47), é preciso:

Entender que as mulheres formam um grupo social específico, na medida em que a diferença de gênero estrutura experiências, expectativas, constrangimentos e trajetórias sociais, por outro lado a vivência feminina não é uma. Variáveis como raça, classe ou orientação sexual, entre outras, contribuem para gerar diferenciações importantes nas posições sociais das próprias mulheres – e elas, ao buscarem fazer suas próprias escolhas, ao aderirem a conjuntos de crenças e valores diversos, vão também perceber-se no mundo de maneiras diferenciadas. Os problemas e desafios que enfrentam são em parte comuns ao “ser mulher”, em parte específicos, em parte, até mesmo, opostos entre si. A riqueza desta condição feminina plural se estabelece exatamente na tensão entre unidade e diferença – o que pode gerar as contradições na representação feminina das personagens não-brancas, por exemplo.

Um aspecto interessante da pesquisa do gelbc (grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea) é que entre os autores mais jovens há mais espaço para personagens homossexuais e bissexuais. Isso pode demonstrar que, apesar de lentamente, mudanças em relação a representações mais realistas e aceitação está se modificando nas grandes editoras e premiações. O estudo demonstrou que 20,4% das personagens heterossexuais femininas são protagonistas e 11,5% narradoras em comparação com 40% das personagens homossexuais protagonistas e 20% narradoras; e 40% das personagens bissexuais protagonistas e 26,7% narradoras.

Dalcastagnè ainda comenta que ao observar os dados de 1965/1979 e 1990/2004 há um aumento no número de mulheres publicando, mas a maioria é branca. São 136 narradoras brancas e seis narradoras negras, demonstrando que faltam mulheres e homens negros como autores (2%) e como personagens (6%). Em comparação, a população qual se declara negra e/ou parda no Brasil representa 54,9%¹² do total, tendo em 4 anos um aumento de 14,9% de pessoas que passaram a se declarar negras. O racismo e o sexismo não é um problema que se encontra apenas na literatura, mas ela é uma das formas de se combater preconceitos.

Apesar de demonstrar dados preocupantes, a pesquisa de Dalcastagnè não aborda os dados de diversas outras editoras espalhadas pelo Brasil. Em uma matéria recente escrita por Bárbara Zarif (2019) ela comenta sobre o crescimento da representatividade de mulheres em editoras independentes. Zarif é autora da obra de poesia *Entre caos, linhas e devaneios*, publicada em 2019

¹² <https://g1.globo.com/economia/noticia/populacao-que-se-declara-preta-cresce-149-no-brasil-em-4-anos-aponta-ibge.ghtml>, acessado em 26 de agosto de 2019.

pelo selo Birrumba da editora Multifoco e idealizadora do *Declama, mulher!*, projeto de fomento à literatura de autoria de mulheres. No início da reportagem há uma seleção dos dados da quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Ibope em 2015. Disponibilizada para leitura através do Instituto Pró-Livro¹³, a pesquisa possui uma amostra variada na questão da escolaridade, com 33% com o Ensino Médio Completo, 25% com o Ensino Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano), 21% com o Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano), 13% em nível Superior e 8% não-alfabetizados ou que não frequentaram a escola formalmente. A amostra possui um total de 5012 pessoas entre 5 e 70 anos, com um total de 52% de mulheres e 48% de homens (não sabemos quais foram as perguntas para determinar o gênero).

Na pesquisa são considerados leitores aqueles que leram um livro nos últimos 3 meses, e entre esses leitores, os 4 gêneros mais lidos (podendo uma pessoa escolher mais de um gênero) são: Bíblia (42%), Religiosos (22%), Conto (22%), Romance (22%). Zarif (2019) se atém para os dados os quais mostram a influência das mulheres para a formação de leitores em que 67% disse que não houve ninguém que incentivasse a leitura na infância, e que os 33% que tiveram influência de alguém foi a mãe ou a representante feminina a principal responsável, seguido por educadores. Entre todas as mulheres entrevistadas, 59% são consideradas leitoras.

A reportagem traz diversas editoras as quais possuem preocupação em relação com a representatividade presente nos livros que publicam. O primeiro exemplo é de Débora Gil Pantaleão, que criou a editora Escaleras em 2018 com o objetivo focar na edição de autoras pertencentes às minorias, ainda que não restrinja publicações de homens. No momento, possui 8 obras de autoria de mulheres e três autores. Débora comenta sobre o assunto: "Quando somos mulheres nesse meio, a primeira coisa é duvidarem da gente e do nosso potencial artístico e profissional".

O segundo exemplo é de Carol Magalhães, criadora da Quintal Edições que possui em seu catálogo 28 obras de escritoras que exploram temáticas como a infância, o envelhecimento, a sensação de vazio, gordofobia, arquitetura, o corpo e o afeto, o erótico, agricultura, tarefas domésticas, meio ambiente, discriminações, fotografia, linguagem, filosofia e diversos outros assuntos que demonstram a diversidade de assuntos dos quais as mulheres desejam escrever.

¹³ PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil – 4ª edição**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em: 15 maio 2020.

Conforme Carol: "Essa é nossa grande preocupação. Mas dentro desse recorte queremos ter o maior número de representatividade. Temos negras e LGBTQTS publicadas e queremos que esse número cresça, bem como queremos ter no nosso catálogo outras minorias representadas".

Outro motivo relacionado à baixa publicação de mulheres é a temática das obras. Luciana Lhulier criou a editora Desdêmona em 2018 que publicou como primeiro projeto a coletânea *As coisas que as mulheres escrevem*, reunindo 63 autoras, e comenta sobre o assunto: "É esperado de mulheres que escrevem e publicam que seus textos sejam leves, doces, que falem de amenidades ou até de que falem dos homens". Hoje, a editora conta com mais 4 novos livros escritos por mulheres. Em nova entrevista¹⁴, Luciana comenta outros aspectos sobre os motivos da criação da editora:

"Pouca gente se dá conta do quanto o espaço da escrita e da publicação é um espaço de poder – o poder de falar com legitimidade. A ideia é, então, incentivar e legitimar a voz e a visão de mundo das mulheres na escrita (...) é essa voz sem fronteiras, multicolorida, multifacetada, dolorosamente profunda, muitas vezes, na simplicidade cortante do cotidiano, corajosa, maravilhosamente humana, que nós queremos publicar".

Outra maneira de publicação independente é a auto publicação através do auxílio de financiamento coletivo. Catarse, o primeiro site de *crowdfunding* brasileiro financiou até o momento¹⁵ 311.033 exemplares de obras arrecadando um total de R\$31.840.776. O site afirma ter 207.960 pessoas que apoiam no mínimo um projeto de publicação, com o intuito de mostrar que as pessoas as quais apoiam uma obra tendem a procurar por outras. Zafir (2019) continua a comentar sobre o assunto ao recolher informações sobre o Coletivo Mamoeira, criado em 2018 por mulheres entre 22 e 29 anos da cidade de São Paulo com o intuito de preparar, revisar textos e elaborar projetos para escritoras independentes. As colaboradoras Gabriela Zeppone, Paula Polydoro, Beatriz Takematsu, Raphaela Crispim, Camila dos Santos, Fabiana Silva, Jayana de Oliveira, Suellen Ciccoti e Graziela Drago comentam que são diversas as etapas compostas para um lançamento de obra financiada e que no meio de processos burocráticos as artistas podem

¹⁴ PIES, Nei Alberto. **As coisas que as mulheres escrevem**. Disponível em: <neipies.com/coisas-mulheres-escrevem/> Acesso em: 15 maio 2020.

¹⁵ CATARSE. Financiamento coletivo para publicações. Disponível em: <<https://crowdfunding.catarse.me/publicacoes>> Acesso em: 15 maio 2020.

acabar esquecendo da revisão textual, parte importante e essencial do processo, por isso o surgimento do coletivo.

São muitos os exemplos de editoras independentes que se preocupam em fortalecer a publicação de escritoras negras e LGBTQIA+ no Brasil. Criada na cidade de Brasília em 2015 por Bárbara Santos, socióloga diretora de KURINGA, espaço para o Teatro do Oprimido em Berlim, do grupo Madalena-Berlin e de Companhia Teatral *Together Internactional* e fundadora e diretora artística de uma rede de mulheres negras fazendo teatro com engajamento político, e Kika Santos, mulher trans e travesti periférica, performer e poeta. A editora Padê¹⁶ se diz um coletivo editorial voltado à publicação de livros artesanais com o total de 27 obras de autoras negras, periféricas, lésbicas, travestis, pessoas trans e bissexuais em tiragens pequenas (de 300 a 500 exemplares) comercializadas pelo próprio site e presentes em feiras independentes, como também nas livrarias O Jardim (Goiânia), Katuka Africanidades (Salvador) e Livraria Africanidades (São Paulo).

Tatiana (em entrevista cedida para a reportagem de Kafir, 2019) comenta sobre a importância das publicações:

Publicamos aquilo que amamos, que nos comove, que é pulsante. Isso tem a ver com a recusa de publicar narrativas que atendem aos estereótipos do que seja literatura de autoria negra, literatura de autoria LGBTQIA+. Ou seja, uma literatura centrada no tripé dor-denúncia-resistência (...) publicar autoras negras e/ou LGBTQIA+ que se expressam de forma singular tem sido um exercício importante para questionar os locais estéticos que são destinados a nós pelos cânones brancos e héteros.

A editora foi uma das ganhadoras do Fundo Elas de Investimento Social, programa do Projeto Escrevintes voltados para a publicação artesanal de narrativas de autoria de mulheres que, até junho de 2019, publicou¹⁷ 45 títulos escritos por 57 autoras, das quais 75% de autodeclaram negras. O Fundo Elas¹⁸ diz ser o único fundo independente do Brasil dedicado às mulheres, e desde sua fundação, em 2000, apoiou cerca de 390 projetos por todas as regiões do

¹⁶ PADÊ Editorial. **Quem somos**. Disponível em: <<http://pade.lgbt/sobre/>> Acesso: 15 maio 2020.

¹⁷ PADÊ Editorial. **Literatura lgbt**. Disponível em: <<http://literatura.lgbt>> Acesso: 15 maio 2020.

¹⁸ ELAS – Fundo de Investimento Social. **Fundo ELAS**. Disponível em: <<http://www.fundosocialelas.org/>> Acesso: 15 maio 2020.

Brasil, com temáticas relacionadas a educação popular, reciclagem, violência doméstica, artes, agricultura, entre outras pautas.

O sistema literário é complexo e envolve diversos meios. A questão da representatividade não está apenas ligada ao que se escreve, mas a toda uma cadeia de produção, distribuição e consumo. O autor e a autora nem sempre são os primeiros dessa trajetória, pois eles passam por uma formação literária a qual envolve um cânone justamente formado por escritores brancos, héteros e da classe média, e muitas vezes europeus ou norte-americanos. Premiações são locais que legitimam falas, assim como feiras literárias tanto de alcance internacional, nacional e regionais. A Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) é uma das principais reuniões de escritores no Brasil, sendo um local de discussões, premiações, troca de ideias, venda para um grande público, assim como a procura de novos escritores pelas editoras.

Zafir (2019) comenta que no ano de 2016 (ano em que Ana Cristina César foi a homenageada) a Flip teve um aumento significativo das escritoras convidadas a palestrar, sendo 17 ao todo dos 39 convidados, mas nenhuma autora ou autor negro. Como resultado, a pesquisadora Giovana Xavier, também historiadora, fundadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negra e autora da obra *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história* (2019), criou a hashtag #vistanossapalavraflip2016 em uma campanha que repercutiu em 30% de autoras e autores negros compondo a programação do ano seguinte. Dois anos depois, em 2019, dos 30 dos livros mais vendidos na Flip pela Livraria Travessa, 18 foram de autoria de mulheres, sendo os mais vendidos os de autoria de mulheres negras. Em primeiro lugar ficou *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba pela editora Cobogó, em segundo lugar esteve *Fique Comigo* (2018), de Ayobami Adebayo pela editora Harper Collins e entre as brasileiras há as obras *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2017), de Jarid Arraes e *Lugar de Fala* (2017), de Djamila Ribeiro, ambas publicadas pela editora Pólen. Do encontro entre a dona dessa editora, Lizandra Magon de Almeida, e Jarid Arraes, nasceu o selo Ferina¹⁹ em maio de 2018 com a proposta de publicar autoras brasileiras, tendo publicado até a data desta pesquisa 3 obras de autoras. O conselho editorial é um marco na diversidade do mercado, sendo formado pela autora indígena Márcia Wayne Kambeba, a ilustradora venezuelana Valentina Fraiz, a autora de literatura afro-brasileira Cidinha da Silva, Neide Almeida, coordenadora do Museu Afro Brasil, a designer e ilustradora

¹⁹ FERINA. O Selo. Disponível em: <<http://ferina.com.br/selo/>> Acesso em 19 maio 2020.

Raquel Matsuhita, a jornalista Jéssica Balbino, a poeta Estela Rosa, a acadêmica em Literatura Heloísa Buarque de Hollanda, a intelectual Jaqueline Gomes de Jesus e Juliana Gomes, livreira e coordenadora do projeto Leia Mulheres.

O Leia Mulheres foi criado em 2015 pela Juliana Gomes em conjunto a Michelle Henriques e Juliana Leuenroth que se inspiraram no projeto de Joanna Walsh que em 2014 lançou a *hashtag* #readwomen2014 no Twitter. A campanha foi compartilhada por pessoas que marcaram a *hashtag* ao postar fotos das obras de autoria de mulheres que estavam lendo, localizadas em diversos países. Em entrevista concedida a Zarif (2019), Michelle Henriques comenta: "Eu tento sempre conhecer escritoras nacionais. Sou apaixonada pela Geruza Zelnys, pela Jarid Arraes, pela Cidinha da Silva, pela Natalia Borges Polezzo, pela Angélica Freitas, pela Verena Cavalcante. No Leia Mulheres tentamos passar pelos mais diversos gêneros, por vários países". O grupo conta com encontros mensais para a discussão das obras e a iniciativa se espalhou e há diversos grupos em quase todos os estados do Brasil.

O cânone literário brasileiro precisa passar por uma revisão histórica que leve em conta os elementos contextuais, ou seja, o que levou algumas obras a serem deixadas de lado no circuito literário ou nem chegarem a ele. Um dos elementos que ajuda a formar o cânone é justamente as premiações literárias, objeto de estudo do gelbc, que demonstra que a evolução ainda é muito lenta, se é que realmente está acontecendo. A pesquisa realizada é voltada para as grandes editoras, que se concentram no eixo Rio-São Paulo, mesmo local no qual moram a maioria dos vencedores dos prêmios mais importantes, ou a localidade na qual se passam as obras.

Ou seja, a literatura produzida pelas minorias sempre existiu e continua sendo marginalizada. Para melhorar essa situação, são necessárias diversas mudanças no sistema literário. Pesquisadores e professores das áreas de letras devem continuar a fazer com que essas obras cheguem nas salas de aula (e biblioteca) através de seminários, trabalhos, discussões e grupos de estudos, influenciando uma atitude de renovação e discussão acerca dos valores literários e sociais. A academia deve continuar a se aproximar da literatura que é criada fora dela, como feiras de zines, festivais independentes e periféricos.

Djamila Ribeiro é uma pesquisadora, filósofa e escritora que se tornou um dos nomes mais conhecidos na área de ativismo negro no Brasil, tendo sido secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo em 2016. Uma das questões que ainda causa constrangimento e dúvidas é o lugar de fala. Para esclarecer isso, Ribeiro (2017, pg. 15) comenta: "Ao nomear as

opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões.” A universalização da categoria mulher é uma das lutas a qual o feminismo ainda enfrenta. Judith Butler é considerada um dos grandes nomes da teoria queer²⁰, junto ao Paul B. Preciado, a qual trata da mulher levando em conta as intersecções como a raça, orientação sexual e identidade de gênero, mas esse debate já existe desde a primeira e segunda onda através de pensadoras negras, como a Audre Lorde e bell hooks. Um exemplo brasileiro que tratou do assunto foi a antropóloga Lélia Gonzalez, especialista em antropologia política na pesquisa de gênero e etnia, e uma das fundadoras, em 1978, do Movimento Negro Unificado (MNU). Gonzalez²¹ critica a ausência de mulheres negras e indígenas²² no feminismo hegemônico que reproduz em sua maioria intelectuais europeus, reconhecendo o feminismo como um movimento de teoria e prática que deve combater as desigualdades, enfrentar o capitalismo patriarcal e buscar novas formas de ser mulher.

Ao entender a linguagem como um mecanismo de manutenção do poder, me pergunto: até que ponto uma mulher pode ser livre em uma língua dominada pelos homens? Há uma necessidade de se reinventar a linguagem? A linguagem como construtora do humano, subjetiva, ampla, pública pode também ser uma forma de exclusão e hierarquização. Diante disso, repenso a utilização da expressão “recurso natural”, matéria prima para a geração de capital. Nesse sentido, a é mãe como recurso infinito. A mãe como algo que lhe é de direito, e sendo seu também o direito de a explorar como bem entender. A mãe como um ser bravo que precisa ser domesticado. Mas de qual mãe estou falando? O que é a mãe ocidental e qual é a mãe que existe no Brasil?

Johanna Stuckey é uma pesquisadora canadense especializada na área de estudos da Mulher e Interdisciplinaridade, lecionou sobre o tema da deusa e adorações à deusa e publicou dezenas de artigos, resenhas de livros e um livro sobre a temática de uma espiritualidade feminista tendo publicado a obra *Women's Spirituality: Contemporary Feminist Approaches to Judaism, Christianity, Islam and Goddess Worship*, e coautora de três outros livros sobre a área.

²⁰ Djamila (2017, pg. 95) explica que segundo a visão dominante do feminismo, a história é dividida em três ondas com características muito específicas, apesar dessa visão ser contestada por feministas negras e brancas, como Clare Hemmings que em *Contando histórias feministas* (2009) diz que “apesar da evidente variedade da teoria feminista, dentro e fora do ‘ocidente’, ao contar-se sua história recente, uma narrativa dominante aparece, ainda que apresente uma gama de inflexões afetivas e críticas. Essa história divide o passado recente em décadas definidas para fornecer uma narrativa de progresso incansável ou de perda, proliferação ou homogeneização.”

²¹ “Por um Feminismo Afrolatinoamericano”, texto publicado no jornal *Mulherio* nos anos 80.

²² Neste caso, penso também sobre a cultura oriental no Brasil, com, por exemplo, 1 milhão de japoneses vivendo em São Paulo e como se compreende o feminismo nestas culturas.

Conforme Stuckey (2005, p.3) os conceitos dos estudos de “Deusa-Mãe” e dos “cultos a fertilidade” provém do século XIX e seus principais expoentes são homens, o que deve causar uma suspeita sobre suas representações e dados apresentados. A pesquisadora diz que ao explicar essas divindades e mitos como mães ou pertencentes a uma adoração específica do seu aspecto de fertilidade confinam-se essas figuras ao culto da fertilidade, quando elas eram divindades com diversas características, poderes e áreas de atuação. Algumas dessas deusas são a egípcia Isis, a mesopotâmica Inanna-Ishtar, a canaanita Anat, a canaanita e israelita Aserá, as gregas Demeter e Hera. Já o conceito de “Mãe Natureza” ou Grande Mãe provém de figuras pré-históricas. Nesse sentido, as deusas mães possuem um outro contexto, no qual fazem parte de culturas e religiões politeístas em que não são as figuras principais, e por isso não fazem parte de uma religião da deusa.

Pachamama é formada pelos vocábulos *pacha* (universo, mundo, tempo, lugar) e *mama* (mãe). Manuel Rigoberto Paredes foi um estudioso boliviano pesquisador de folclore, etnografia e história, sendo um dos ensaístas sociólogos mais importante da sua geração (década de 20) e a obra *Mitos, supersticiones y supervivencias populares de Bolivia* (1920), utilizada aqui, é a maior compilação de manifestações indígenas de danças, música, poesia popular e costumes de seu tempo. Segundo Paredes (1920, p. 38) os povos originários chamavam a sua divindade de PachaAchachi, na língua Kolla-suyu, e após o contato com os colonizadores substituíram a expressão *Achachi* por *mama*, provavelmente em razão da imagem cristã de Nossa Senhora. Provindo da cultura de alguns povos originários da América Latina, em especial os andinos, Pachamama está além de uma divindade e representa a natureza que cria e recria os elementos próprios da vida tendo a humanidade como parte integrante de si. A imagem dessa mãe é uma metáfora que evoca um organismo vivo, diferente da expressão ocidental da natureza como recurso, um meio de sobrevivência o qual pode e deve ser explorado em detrimento do homem e de suas vontades. Conforme Giraldo (2012, p.228):

Aquí precisamente, puede verse como actúa el poder de la enunciación metafórica, puesto que podemos estar situados frente a la misma naturaleza, pero una cosa es llamarla “recurso” y otra muy distinta llamarla “madre”. A una madre no se le explota, ni se le extraen de sus entrañas petróleo o carbón para provecho de tan solo uno de sus hijos. A ella se le respeta y se le ama por el hecho de que hemos provenido de su cuerpo. Denominar a la naturaleza “madre” simboliza que la mutilación de una de sus partes –digamos un bosque, por ejemplo – equivale a ejecutar un matricidio. Pero además significa que las plantas, los árboles, o los animales, son hermanos nuestros, porque de una sola madre hemos provenido.

Nesse sentido, só podemos ser na medida na qual o nosso sujeito provenha de uma relação na qual todo o nosso entorno - objetos inanimados, os outros filhos da mãe natureza – também sejam sujeitos. Omar Felipe Giraldo é professor e pesquisador da área de ecologia política, disputas territoriais e conflitos socioambientais e autor das obras *Utopías en la era de la Supervivencia. Una interpretación del Buen Vivir, Ecología Política de la Agricultura* (2014) e *Agroecología y posdesarrollo* (2018), em que discute a construção de alternativas ao desenvolvimento e movimentos sociais, críticas à modernidade, crise civilizatória e filosofia ambiental, sociologia rural, epistemologia ambiental, re-territorialização e processos de reapropriação da natureza e da cultura. Giraldo (2012, p. 229) retoma o assunto ao dizer que a nossa relação com a natureza é intersubjetiva pois o ser humano está estritamente ligado à sua capacidade de sobrevivência com os sujeitos naturais. Em outras palavras: a natureza é um sujeito. Sem a mãe o filhote morre. Sem o filhote a mãe prossegue. Uma mãe pode ter mais de um filhote. A mãe pode nutrir a si mesma e não ter filhotes, pois ela é ser antes de ser mãe.

O rasgo do cordão umbilical. A criação da independência que esquece o outro, em vez de unir-se em suas diferenças. O uso constante dos pronomes possessivos. A mãe ocidental é a provedora, a domesticada. O uso da metáfora da natureza como mãe advinda do pachamamismo possui a intenção de retorno e/ou mudança de significados do ser mãe e a ligação com outras metáforas que desviem do antropocentrismo e criem um estar e ser no mundo que continue, que se ligue ao entorno, que não se dirija a extinção.

Ailton Krenak é considerado um dos maiores líderes do movimento indígena brasileiro desde a década de 80, em que ficou conhecido pelo discurso²³ durante a Assembleia Constituinte de 1987 em que pintou o rosto inteiro com jenipapo performando um tradicional costume indígena brasileiro, para protestar pela luta a favor da conquista dos direitos dos povos originários brasileiros. Alguns de seus discursos foram compilados nas obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *O amanhã não está à venda* (2020), ambos publicados pela Companhia das Letras. Krenak (2019, p.11) comenta: “como é que, ao longo dos últimos 2 ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos,

²³ KRENAK, Ailton. Discurso na Assembleia Constituinte. 2018. 1 vídeo (8min). Trecho do documentário Índio Cidadão publicado pelo canal Professor Nicacio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TYICwl6HAKQ>> Acesso em 16 maio 2020.

justificando o uso da violência²⁴?” O líder indígena e escritor (2019, p.27) complementa a ideia nos dizendo que a constante batalha da causa indígena pela sobrevivência de todos os seres culmina na luta contra o fim do mundo, no sentido de que essa pregação é uma forma de nos fazer desistir de nossos sonhos e adiar esse fim do mundo é a provocação de continuar para poder contar mais uma história.

Chimamanda Adichie (2018), em um dos vídeos mais vistos das TedTalks (21 milhões de visualizações apenas no canal principal), fala sobre o perigo da história única, o uso de estereótipos referente a criação literária de pessoas ou lugares em uma errônea construção de identidades (muitas vezes propositalmente) e distorção de identidades, reforçando a questão de não continuar com a visão de uma história única da humanidade, que acaba sendo a do colonizador. Krenak (2019) avisa que, apenas no Brasil, há cerca de 250 etnias indígenas falando mais de 150 línguas as quais tentam se diferenciar uma das outras.

Para falar sobre questões práticas, o que as autoras e autores podem fazer com relação a isso? Trazendo uma das soluções possíveis, a teórica Chiovatto (2017) fala em sua dissertação sobre o uso e o cuidado que devemos possuir com os estereótipos. O termo é advindo do processo de impressão baseada nos tipos, objetos que são utilizados para a produção e reprodução de semelhantes, como os antigos textos impressos folha por folha montadas caractere por caractere.

A pesquisadora ainda explica o termo estereótipo, visto por Walter Lippman, o qual foi transformado pela própria repetição de sua palavra para denominar as imagens de nossa mente que mediam nossa relação com o real. Elas são essenciais pois ajudam o sujeito a filtrar o seu entorno e não se perder diante do fluxo contínuo de informações. Lippman (2010, p.31-2 citado por CHIOVATTO, 2017, p.14) comenta: “na medida em que o estereótipo responde ao processo de categorização e generalização, simplifica e recorta o real. Então, pode provocar uma visão esquemática e deformada do outro, que leva a preconceitos.” Conclui-se que o estereótipo em si não é nocivo, mas sim o seu uso como uma verdade única sobre o que ou quem se observa.

Segundo Chiovatto (2017), na representação do ser feminino lidamos primeiramente com o estereótipo do gênero no qual o feminino e o masculino possuem características opostas: frágil

²⁴ Aqui, reflito também sobre a metáfora da natureza como violenta, quando na verdade há um equilíbrio nas ações naturais, não violentas, e um desequilíbrio na maioria das ações humanas, violentas. E a natureza sendo mulher, o retorno de ações humanas (aquecimento global) é visto como revolta; a nomeação dos furacões com nomes ditos femininos.

versus forte, emocional versus racional. Norma Telles (2013, p.403 citada por CHIOVATTO, 2017, p. 15) comenta que a origem do estereótipo vigente do feminino:

o discurso sobre a natureza feminina, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas quando usurpadora de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal.

A partir dessa dissertação, Chiovatto continuou seu trabalho na tese aprofundando alguns estereótipos femininos, como o da bruxa, encontrados em obras presentes nas grandes mídias como filmes e séries televisivas de grande alcance. Com isso, catalogou²⁵ diversos estereótipos nocivos, sendo alguns deles: a velha sábia – frequentemente de origem indígena ou negra, é aquela que detém o conhecimento antigo, a medicina alternativa, e também possui alguns aspectos vistos como ignorantes como a fala deficiente, seja devido à idade, algum aspecto de desconhecimento parcial da língua vigente, ou o preconceito linguístico do ouvinte (ex.: Vovó Willow, do filme Pocahontas de 1995) –, a madrasta – figura de uma mãe ou figura de mãe que possui ciúmes da juventude da filha ou da mulher mais nova do grupo, baseada na ideia de roubo do parceiro ou do seu lugar de soberana (ex.: Cersei, da série televisa Game of Thrones de 2011) –, a guerreira perfeita – a figura da mulher que não possui nenhum defeito, possuidora de características vistas como masculinas como força física, quase sem nenhuma ou demonstra poucas emoções consideradas frágeis, podendo ser uma versão feminina de um herói conhecido ou sua companheira (ex.: Mulher Maravilha, do filme Wonder Woman de 2017).

Para a construção do ser feminino, o exercício de pensar estereótipos é necessário, mas somente é válido quando não há um extermínio de todos os estereótipos, vistos que eles partem de um sentido de realidade, e o cuidado de pensar os conflitos que afligem uma camada específica da sociedade brasileira não representa toda a situação.

Para pensar outras teorias que envolvem a reformulação do conceito de mulher, em especial na escrita, temos Virginie Despentes vinda de uma trajetória como ex-prostituta, escritora, diretora

²⁵ Em função de seu trabalho ainda não estar devidamente divulgado em um livro e disponível apenas em cursos que ela ministra, não coloco aqui todas a relação dos estereótipos estudados e as técnicas de escrita, visto que o intuito principal é demonstrar que existem mulheres teóricas que trabalham com a construção do ser feminino e com a criação de obras ficcionais levando em conta os fatores aqui tratados, e que não apenas discutem a questão, mas que também oferecem maneiras de solucioná-la.

de cinema e ativista punk-feminista. Em sua obra *Teoria King Kong* (2016) temos percepções importantes sobre gênero, feminilidade, política e escrita:

...Mesmo hoje, quando muitas mulheres publicam romances, raramente encontramos personagens femininas de aspecto físico ou medíocre [...] sou desse tipo de mulher com quem não se casa, com quem não se faz filhos, falo deste meu lugar feminino de maneira excessiva, muito agressiva, muito barulhenta, muito gorda, muito brutal, muito peluda, sempre muito viril, como me dizem [...] escrevo aqui como uma mulher inapta a atrair a atenção masculina, a satisfazer o desejo masculino e a me contentar com um lugar à sombra... (DESPENTES, 2016, p. 8 - 9)

Trabalhando com o avesso dos estereótipos relacionados com o feminino, Virginie demonstra toda uma gama de seres os quais não vemos representadas nos romances e na escrita, e ainda que apareçam, não são as personagens principais, e ainda que por acaso sejam, estão ali para representar algo que não se deve ser ou que desejam satisfazer o desejo masculino. Já o contrário é comum na literatura: o homem bêbado, e muitas vezes também escritor, fracassado, doente, mentiroso, o anti-herói aclamado pelas massas. Ainda que se diga que esse personagem é vil, sujo, asqueroso, se cria uma vontade de querer ser ele. Ninguém quer ser a estuprada, mas há perdão para os homens que violentam.

A Gestação

O meu diário de criação é anterior à minha entrada no mestrado de escrita criativa e remonta ao primeiro dia no qual tive a ideia de começar a escrever o romance. Desde então, mas não todos os dias, escrevo sobre as ideias e questionamentos que me levaram ao seu desenvolvimento, assim como alguns acontecimentos durante o processo. As anotações estão espalhadas em diversos locais, nem sempre escritas em papel, sendo algumas delas digitadas em blocos de notas do celular, ou diretamente em um arquivo de Word.

O que considero ser o primeiro embrião criativo, a primeira fagulha criadora, foi o conhecimento do dicionário das tristezas obscuras²⁶, em meados de 2016. O dicionário foi criado pelo John Koenig, com a intenção de oficializar emoções que todos sentimos, mas que ainda não havíamos nomeado. Então, a primeira ideia sobre o tema regente do romance veio quando me deparei com o seguinte termo: *Ballagàrraidh - The Awareness That You Are Not at Home in the Wilderness*²⁷. O conceito resumiu a sensação que vinha sentindo e sobre a qual eu deveria escrever sobre. Um tema que remonta desde o início do ser humano e sua escrita (e mitos).

Comecei a pensar neste romance a partir de um acontecimento, em junho de 2017. Ao andar para ir até o meu trabalho, ainda em 2015, eu percebia abelhas mortas pelo caminho. Já nessa época eu era vegana e a morte desses animais me tocava. Não apenas por serem seres vivos, mas por sua importância ao meio ambiente e ao mundo. A extinção das abelhas também acarreta a extinção humana. Numa tarde percebi uma pequena colmeia de abelhas na varanda do meu quarto. Ela permaneceu ali durante algumas semanas, e por isso eu deixava a porta do quarto fechada. Em uma tarde de junho de 2017 eu tive um acesso de horror e matei todas elas. A cena me deixou abismada. Não entendi meu ato, mas não me arrependi. Os corpos delas espalhados pelo meu chão me levaram a pensar no que seria o hábitat dos seres humanos, de como nos distanciamos da natureza para não conseguirmos mais voltar. Podemos ter vontade de fugir da cidade, de sermos um ermitão, de morarmos sozinho no meio da floresta, mas não pertencemos àquele lugar.

²⁶ <https://noosfera.com.br/o-dicionario-das-tristezas-obscuras/> e <http://www.dictionaryofobscuresorrows.com/>

²⁷ https://www.youtube.com/watch?v=cN7sZ2wMg_Q

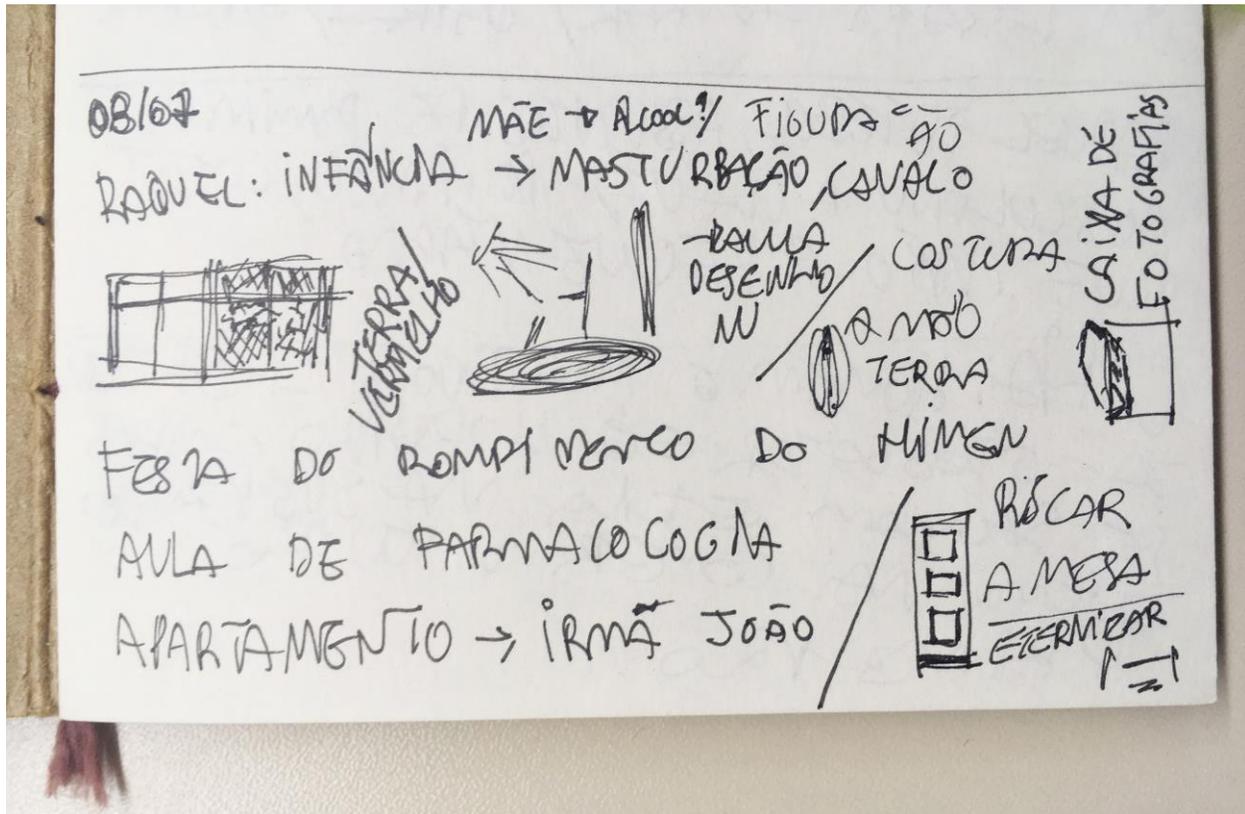
[13 de junho de 2017]

Durante o meu segundo semestre na graduação em Escrita Criativa, o professor Cristiano Baldi criou o Ciclo Muito Literário, iniciativa que reuniu os alunos de doutorado da área para dar aulas em pequenos grupos formados pelos alunos da graduação. Escolhi participar das turmas de Ensaio, Dramaturgia e Narrativa. Nas aulas do curso de Narrativa, ministradas pelo Baldi, produzimos diversos exercícios explorando técnicas literárias como a criação de narradores, o estudo de formas de diálogos, entre outras temas. Depois de alguns meses, ele propôs a criação da estrutura de uma obra. Tendo em mente o acontecimento da última semana (a destruição completa de abelhas), rascunhei as 3 personagens, numa ideia ainda embrionária. O Baldi comentou para pensarmos em algo interno sobre as personagens que, então, criaria os fatores externos que levariam a um conflito. Algo interno e não resolvido por elas, íntimo, que não fosse tão óbvio ao leitor e desconhecido pela personagem. Ao discutirmos isso em aula, apresentei meu primeiro rascunho. A turma gostou do resultado inicial e sugeriram estruturar os conflitos, para então criar os capítulos. Ver anexo A.

[8 de julho de 2017]

Cheguei em São Paulo faz dois dias para conhecer o Pedro com o qual vinha conversando há alguns meses. Saímos para passear e esta cidade me encanta, apesar de também me causar um certo horror. Toda vez que venho aqui penso em nas outras vezes em que meus sonhos não se concretizaram neste lugar. No nosso primeiro encontro, me levou para um evento na SP Escola de Teatro, onde trabalhou como professor. A apresentação consistia em uma palestra de quatro estrangeiros sobre performance. Na terceira comunicação a dona do blog *How to do things with performance* propôs um exercício de escrita. Pensei na personagem 1, que por enquanto denomino Rachel. Imaginei-a em cima de um cavalo, sentindo pela primeira vez prazer pelo movimento, uma estimulação involuntária pelo balanço do trote. Pensei em outras formas pelas quais as mulheres sentem prazer pela primeira vez, assim, sem querer. Já ouvi sobre o movimento das máquinas de lavar e secar, da trepidação dos ônibus e do vai e vem das ondas. Depois fomos no bar Bambolina, onde avistei o Malwe. Fingi que saía para fumar para ver se ele falava comigo. Fracassei pela vergonha. Cá estou na casa de Pedro, enquanto ele toca uns acordes e eu passo o exercício a limpo.

Figura 4 – Manuscrito sobre as primeiras ideias de cenas da Sophia



Fonte: arquivo pessoal

[9 de julho de 2017]

Estou no quarto com Pedro, enquanto ele toca novos acordes de guitarra e eu continuo a pensar na personagem que sonha com São Paulo. Também penso na personagem 2, para a qual ainda não decidi um nome. Ela foi a primeira que veio em mente. Hoje ouvi uma conversa sobre futebol e pensei sobre o desconforto em relação a assuntos que parecem estar sob um domínio masculino. Rachel tem um irmão, já havia pensando nisso quando a criei. Agora imagino que eles não tenham muito em comum, e devido à deficiência mental dele, a única forma de aproximação seja através de coisas das quais ela realmente não goste, como o futebol. Quem sabe, ele tenha amigos que dificultem essa aproximação e que sejam como um mal exemplo para ele, ou na verdade, apenas garotos jovens que possuem atitudes machistas e que ainda não tenham consciência desses atos.

[10 de julho de 2017]

A lua me impactou. Tive um momento de delírio ao sair do karaokê Arte Pizza e me deparar com ela. Talvez pela embriaguez e etc. Senti uma vontade imensa de escrever sobre a influência da lua. Neste mesmo diário que escrevo (*Mandala Lunar*) há textos sobre os compassos ritmados da natureza, os ciclos lunares e a menstruação. Esse assunto me toca e sinto que devo entender mais sobre isso. Acredito que isso vá afetar as minhas personagens da mesma maneira como me afeta. Penso sobre a personagem 3, que por enquanto chamo de Bianca. Bianca e seu caminho de autoconhecimento feminino e as forças da natureza. Mãe natureza, por que a chamamos de mãe? Por que a natureza como uma mulher?

[7 de novembro de 2017]

As personagens continuam na minha cabeça. Penso ainda em como serão seus conflitos. Resolvi fazer o curso ministrado pelo Daniel Galera. Estava curiosa para ter contato com um grupo que discutisse o romance, de como tratariam do assunto fora de uma instituição acadêmica. A personagem Bianca é inspirada na Bianca de *Meio Noite e Vinte* (2016), seu último romance. Na primeira aula, ele apresentou algumas questões e lemos alguns trechos do capítulo *O Romance é concebível sem o mundo moderno?* de Claudio Magris presente na obra *O Romance - Volume 1, A Cultura do Romance* (2009). Ele também nos passou uma ficha de personagem, para ajudar na construção, também tratando o romance como se tivesse um tema principal, e daí surgissem os personagens, depois os conflitos... Ele passa algumas indicações de leituras. A primeira obra que li foi *Acre* e não gostei, apesar de compreender a estrutura utilizada no romance: tema contemporâneo, suburbano, acontecimentos que causam estranheza no leitor. Interrompi o curso pois comecei a estudar para a prova de mestrado.

[30 de janeiro de 2018]

Antes do início das aulas volto para o curso do Daniel Galera (*O Movimento contínuo decomposto: abordagens para o romance*) para continuar os estudos. Apresento as personagens com adaptações. Comentam que Rachel é muito clichê. Discordo em dois sentidos. Primeiro que a representação de personagens femininas é rara, ainda mais quando se trata de uma lésbica. Segundo

que o intuito de sua criação é de representar também a ingenuidade, os pensamentos durante a formação de uma personalidade e, por isso, acredita em coisas que são consideradas clichês. Pedem para eu colocar algo de estranho em cada personagem, algum hobby esquisito, alguma particularidade. Concordo e penso mais sobre o assunto. Ele nos passa a estrutura (pediu para não divulgarmos o arquivo) que utilizou para os capítulos de *Mãos de Cavalo* (2006). Uso o exemplo para ajustar alguns detalhes na estrutura dos meus capítulos. Sinto que ainda não estão totalmente conectados, pois tenho ideias demais.

[fevereiro - março de 2018]

Começo a escrever o meu trabalho do final do curso de graduação em Escrita Criativa. Resolvo criar um livro de poemas baseados na obra *Um Útero é do Tamanho de um Punho* (2012), da Angélica Freitas. Leio diversos artigos e livros de teoria feminista, poesia de autoria feminina (depois resolvo modificar feminina para mulher) e a pesquisa da Regina Dalcastagné sobre quem é e o que escreve o autor brasileiro. Minha relação com o cânone modificou-se desde a minha entrada na graduação em Escrita Criativa. Ao final do curso percebo que houve a tentativa de poucos professores em discutir o tema. Tivemos o contato com diversas autoras, sendo a primeira a Natália Borges Polezzo. Essas experiências foram enriquecedoras, mas ao mesmo tempo percebo que houve apenas uma professora mulher (que foi a minha orientadora - Moema Vilela) e que a jornada da heroína só foi trabalhada nas últimas aulas do curso por ela, enquanto tivemos o contato com a obra de Campbell, *A Jornada do Escritor* (2006) desde as primeiras aulas.

Li hoje que em 2015 foi publicada no *Open Culture* uma lista feita por Jorge Luís Borges em 1985, em que ele listava quais seriam as melhores obras da literatura. Dos 74 livros catalogados, nenhum é de autoria feminina.

[13 de março de 2018]

Hoje tive a primeira aula do mestrado, com o Assis Brasil. "Os episódios têm que derivar da simples presença da personagem." Faço as seguintes anotações sobre o conteúdo da aula: a boa trama é sistêmica, com base na Questão Essencial (QE). A atitude perante o conflito da história

permanece o mesmo após o final, o que muda é a percepção da personagem em relação a ele. Cada evento é essencial, se o retirarmos a história não acontece. Cercar o acaso. "Nós acreditamos na ficção, não na vida real." O romance (pode ser) um sistema rizomático? A personagem possui um mito pessoal diferente do mito pessoal do escritor. Minhas personagens se relacionam comigo na medida que não são e jamais serão eu.

Anotações sobre a Personagem 2: a cidade não a absorve como mais uma. Ela sente-se um câncer? Aquilo que cresce sem controle, advinda do meio, mas, de alguma forma, pertencente a ele? Para pensar sobre isso, releia *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001), de Luiz Ruffato, e os contos de Caio Fernando Abreu.

Uma frase para tentar resumir a QE dela: "O pensamento é próprio dos covardes.", de *Hamlet*.

[14 de março de 2018]

Hoje tive a minha primeira aula com o Ricardo Timm (disciplina: Filosofia e Literatura). As aulas deles me estimulam a escrever, e se tornam complementares com as do Assis. Na oficina eu planejo, nas de filosofia eu reflito e escrevo. Cá tive uma ideia sobre o timpanizar²⁸: a personagem 2 é afetada pelo ambiente e mora em um apartamento em que as escadas são em caracol. Quais ideias sobrevivem ao tempo? Marília nomeia para tomar posse.

[20 de março de 2018]

Quando um romance leva o título do personagem, a trama não é tão aparente? Lembro-me de *Dom Casmurro* (1899). As personagens são inconsistentes como todo ser humano? Podem mudar de ideia bruscamente ou isso as tornaria não verossímeis e confundiriam o leitor? Há a necessidade de mostrar a QE logo no início, ou apenas deixar aparente para o leitor? Raquel sente-se bem por não possuir a probabilidade de engravidar durante suas relações sexuais. Por que sou eu quem escreve esse romance?

²⁸ DERRIDA, Jacques. Timpanizar – a filosofia. In: Margens da filosofia, traduzido por Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1991.

[24 de março de 2018]

"Mesmo em sonho a mulher não pode exterminar o homem." "Mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação." "A presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular." "...talvez a cooperação do homem na procriação se torne inútil um dia. E parece que é o que desejam muitas mulheres."²⁹

Destaquei essas frases de minha leitura. Durante muito tempo pensei sobre a questão do relacionamento amoroso de uma feminista. Penso também sobre essa relação que tenho com os homens, se são todas de certa forma abusivas, se eu ainda carrego em mim a criação de servir, de ser um suporte ao outro, de se calar, de perdoar. Penso que sempre há um resíduo de submissão. Posso viver um relacionamento no qual um homem me trate bem. Mas isso acontecerá apenas no espaço interior (a casa), enquanto no exterior (a rua) vou continuar a ser uma presa, algo menor. E posso ter um relacionamento com uma mulher que é abusivo, pois pode haver a reprodução de um modelo patriarcal. Então, quando penso no extermínio do homem me refiro ao extermínio do patriarcado, apesar de não ter a certeza se um dia todos os resíduos serão destruídos.

[9 de abril de 2018]

"Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade." - S. Beauvoir

Maternidade é matéria.

O infanticídio como transcendência. Existe a possibilidade de convivência da maternidade com a vivência da singularidade?

²⁹ BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**; tradução de Sérgio Milliet. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

[11 de abril de 2018]

Leitura de *A Consciência das Palavras* (1979), de Elias Canetti, para a disciplina de Filosofia e Literatura.

Onde tem palavra tem responsabilidade. Quem consegue viver sem escrever? Até aonde a escrita é, para mim, uma necessidade? Quem pode dizer o que é um escritor? O grande poeta (escritor) nunca está acima de seu tempo. "O escritor é o cão do seu tempo."³⁰ Por que alguém deveria ler o que escrevo? De quem é a responsabilidade pelo que é feito a partir da obra? Santos Dumont e os aviões de guerra. Criar não é um ato vazio. Evitar o refúgio, criá-lo ou expô-lo?

[24 de abril de 2018]

Primeiro Encontro da Escrita Criativa na Livraria Cultura.

Na sua apresentação, a colega Júlia Dantas comentou sobre a Jornada da Heroína e o quanto as transformações das mulheres envolvem uma viagem (física e astral). Li *Ruína y leveza* (2015), obra de sua autoria, há cerca de dois anos. Novamente Júlia me fez refletir acerca dessa jornada, mas agora transfiro esses pensamentos para o desenvolvimento das personagens de Marília e Bianca. Hoje penso na criação de uma nova personagem que se relaciona com Raquel. Essa personagem (ainda sem nome) é uma garota que viaja pela América Latina de bicicleta e fala muito sobre o amor livre. Através dela, Raquel reflete sobre suas vontades e alimenta o desejo de querer se aventurar. Essa personagem encanta Raquel, apesar de não agir como ela gostaria. Muito da sua maneira de falar sobre liberdade, na verdade, é medo de manter um relacionamento estável. Raquel tenta se diversificar em aproximações, mas a garota continua com esses papos. Por fim, Raquel percebe que nem todos que falam sobre liberdade são livres. Nem todos que falam sobre o amor sabe amar.

[26 de abril de 2018]

Continuo a escrever meu TCC. Não seria o útero um dos meus temas mais comuns? Os úteros errantes, aqueles que saem do corpo, que se libertam e não querem mais voltar. Onde eu parei no

³⁰ Não lembro se sonhei com essa frase, se misturei ela com outra ou se resgatei de alguma obra tão antiga que não consigo mais localizá-la. Algo a ver com Nelson Rodrigues, Dostoiévski e Elias Canetti. O que fica é o conceito.

tempo? Qual é o trauma que eu tento superar? Foi a minha não viagem para São Paulo? Existe a superação, ou apenas um certo nível de esquecimento?

Sobre a Marília: escrever animais e plantas por seu nome científico.

[2 de maio de 2018]

Poeta é aquele que brinca com seu caos interior. "O Poeta está mais próximo do mundo quando carrega em seu íntimo um caos; sente responsabilidade por esse caos - não o aprova, não se sente bem com ele; não perde jamais a esperança de dominá-lo em prol dos outros e de si mesmo."³¹ O tempo é um devorador da matéria, que se recria constantemente.

Reflico sobre a conexão entre as personagens. No início, pensei em uma cena na qual Raquel via Marília na televisão durante um protesto político. Não sei mais se funciona. Questões políticas muito específicas ficam datadas ou devem ser exploradas? Continuo a escrever sobre os protestos de 2016 pois acredito que eles se encontram no meio de uma determinada (e importante) época do Brasil: entre os protestos de 2013, o impeachment da Dilma, e, atualmente, a prisão de Lula.

[3 de maio de 2018]

Pensei se continuo com a ideia das conexões mais diretas. Há a ideia dos pais de Bianca morarem nos mesmos prédios de Marília e ela acabar pegando a correspondência deles na caixa de correio, sem querer. Não sei se funciona. Acho que os pais de Bianca precisam viver longe de uma cidade como São Paulo. Ainda penso que no final do romance Raquel vai ir morar no apartamento de Marília, e talvez essas conexões coloquem muita importância para o prédio, quando ele é apenas um detalhe. Como é a vida das personagens secundárias?

[7 de maio de 2018]

Palestra do *Fanthum* com a Simone Saueressig.

Personagem 1, 2, 3 e a teoria do entrelaçamento quântico: dois ou mais objetos que estejam de alguma forma tão ligados que um objeto não possa ser corretamente descrito sem que a sua

³¹ CANETTI, Elias. *A Consciência das Palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

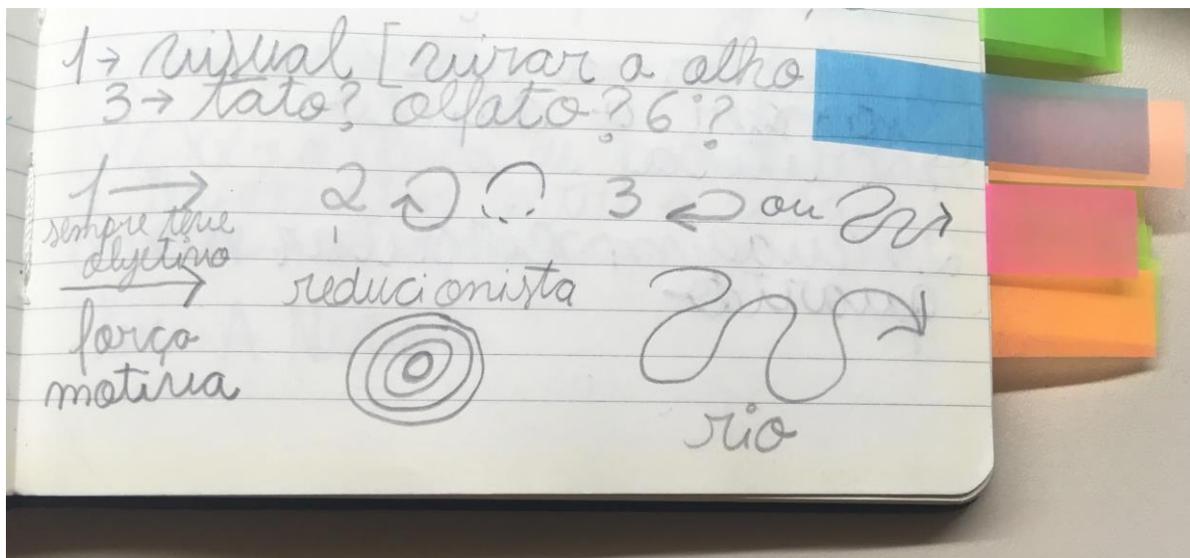
contraparte seja mencionada - mesmo que os objetos possam estar espacialmente separados por milhões de anos-luz.

Nos conectamos pelo simples fato de que vivemos no mesmo espaço-tempo.

[12 de maio de 2018]

Desenhei 3 imagens as quais fizeram eu entender mais minhas personagens:

Figura 5 – Desenhos que resumem a essência de cada personagem



Fonte: arquivo pessoal

Penso também na parte estética do livro. Desde o início pensei em adicionar ilustrações da Daniele Stuani. A primeira tatuagem feita por ela em mim me lembra as personagens:

Figura 6 – Ilustração da Daniele Stuani a qual inspirou posteriormente as personagens



Fonte: arquivo pessoal

Quando vi esse desenho senti como se o que eu estava criando também estivesse na mente de outras pessoas, como a imagem de um sonho captado dos sons inquietos da minha geração.

[23 de maio de 2018]

Continuo a leitura de *Timpanizar - a Filosofia: Margens da Filosofia* (1991), para a discussão na aula de Filosofia e Literatura do Timm. Além da escadaria timpânica, me veio a ideia de pensar Marília como alguém que vai se centralizar em si. No espaço corporal, essa ação é demonstrada em sua constante perda de peso. Outra forma explorada é através dos espaços exteriores, em que os capítulos começam em lugares abertos e vão se fechando cada vez mais: a rua, a agência, o

apartamento, o quarto e depois dentro de cabeça dela. Entendo aqui a importância dos não-lugares: metrô - prédio megalomaniaco da agência - rua - supermercado - prédio dela - quarto - cabeça. Uma viagem circular pelo quarto. O bonsai, o ser em miniatura.

[2 de junho de 2018]

Estruturei novas cenas. Em uma delas, Raquel se depara com seu pai no aeroporto. Depois de tanto tempo sem o ver, conversam sobre amenidades e ela percebe que não possui uma conexão tão forte com ele como imaginava. Vai embora pensando em sua mãe.

Pensei em outra situação: ao encontrar cigarros na bolsa de sua mãe, Raquel os pega para fumar, e sua mãe tem medo de a confrontar sobre isso.

Mais uma situação: o vô de Raquel morre e seu pai não comparece ao enterro. Nesse ponto, ela começa a se distanciar da imagem dele como alguém para se ter como exemplo.

Um dos temas da conversa da Raquel com a garota da bicicleta (ainda sem nome) é que ela achava que ao fazer 18 anos já seria independente e moraria sozinha, mas na verdade não sentiu muita coisa mudar.

Deus é só mais um pai ausente.

[junho - julho de 2018]

Terminei, entreguei e defendi meu trabalho final de conclusão no curso de graduação em Escrita Criativa. Ainda ficam muitas dúvidas. Mais do que eu tinha quando comecei. Duvido cada vez mais da minha capacidade de escrita devido à tanta reflexão. Sinto a necessidade de estudar ainda mais. Acho que me tornei obsessiva, mas acredito que escritor algum sobrevive sem isso. Quem sabe, grandes estudos partam de uma ideia obsessiva. É aquilo que não te deixa dormir. Inquieta. Continuo a pensar na escrita de mulheres. Na minha vivência. No que posso explorar e no que devo expor. Há ainda muita luta. Muita escrita.

[9 de agosto de 2018]

Primeira aula da disciplina Teorias da Criação Ficcional ministrado pelo Amílcar Bettega. Sinto que tudo que estudei até agora é o que eu precisava para escrever o romance. Talvez haja um

sentimento comum de que quando se está escrevendo um romance, tudo a sua volta parece conectar-se magicamente a ele. Leio *A Criação do Texto Literário* (1990), de Leyla Perrone e *O que é o ato de criação* (1998), de Deleuze, para as discussões das próximas aulas.

À tarde, primeira aula da disciplina Texto não Ficcional e Outras Linguagens ministrado pelo Bernardo Bueno. Pergunto-me sobre a sinceridade desse Diário de Criação. O dia é longo demais para que aqui estejam todas as indagações. Também sou afetada pelo momento em que escrevo. Devo ter vergonha de colocar coisas mais pessoais aqui, se elas fazem parte tão essencial do processo quanto as outras?

[10 de agosto de 2018]

Pergunto-me se alguém começa pelo cânone. Eu comecei a ler pegando qualquer objeto ao meu alcance. O que havia disponível eu lia, sendo considerado bom ou não. Agora faço um movimento de redescoberta para validar meu cânone pessoal. O que antes eu considerava uma boa obra, agora repenso os motivos pelo quais eu a admirei e comparo com as novas obras que leio, muitas delas consideradas clássicos da literatura. Tento enxergar o que há de comum. São os temas? São os personagens? É a sua estética, a forma diferente como aquele autor trata de assuntos que me tocam e que são universais? Como as frases são construídas? Como os capítulos são arquitetados? Há uma preocupação com a teoria? Alguns dos livros dos quais hoje não admiro mais não podem ser completamente rejeitados pois eles me fizeram criar o gosto pela leitura, ainda que sejam não tão bem escritos.

[12 de agosto de 2018]

A escrita da ansiedade: a angústia de não conseguir escrever e jorrar sentimentos. Parece que nem sempre o processo possui vazão física. Nesses momentos me recordo: escrever é um ato físico. Todos os aspectos do meu corpo precisam estar bem para eu escrever, e isso também inclui meu entorno. Às vezes escrevo melhor porque limpei o quarto. Manter a casa sempre limpa é um esforço descomunal. Sinto mais essa responsabilidade por ser mulher. A casa precisa estar organizada para que minha mente trabalhe e permaneça concentrada. Gostaria de ser como Murakami e sair para correr e ter o corpo mais ativo. Mas o tempo é para a casa e a escrita.

[14 de agosto de 2018]

Primeira aula com o Norman (disciplina de Seminário de Escrita Criativa). Anotações: Eu escrevo sobre mulheres pois a literatura é o espaço dos vencidos, o anti-histórico. Se a arte possui esse papel, por que a literatura continua a ser masculina?

[17 de agosto de 2018]

Sobre escrever o contemporâneo: quando começo a escrever sobre o agora, ele já é passado. Escrevo sobre lugares os quais já fecharam. Alguém vai entender a referência? Como torná-la universal?

[22 de agosto de 2018]

Raquel e sua família não sabem qual a doença do seu irmão. Um dos motivos da mãe depender do ex-marido são os tratamentos dispendiosos do filho. De vez em quando Raquel tenta procurar no rosto de seu irmão sinais físicos da Síndrome de Down.

Marília começa a não reconhecer ações em seu apartamento. Foi ela quem mexeu na toalha? Aquela caneca já não tinha sido lavada? Quem sujou?

[12 de setembro de 2018]

Qual a relação da loucura com a mulher?

Sabemos se a Marília morre, vai para a floresta ou enlouquece?

Não sobrevive uma espécie sem saúde mental.

[15 de setembro de 2018]

Ainda com dúvidas em relação a reprodução de estereótipos sobre mulheres na minha obra, resolvo fazer o curso *Representações do Feminino para Ficcionalistas* da Carol Chiovatto na Galeria Hipotética. Durante a discussão em grupo eu apresentei uma ficha das minhas personagens e comentei sobre a trama. Alguns colegas e a Carol me elucidaram alguns pontos os quais modifico

no romance. Antes, Bianca engravidava, pois transava sem camisinha. Nesse sentido, eu reproduzo um preconceito sobre as comunidades alternativas não possuírem um cuidado com DSTs, o que não é verdade. Assim, transformo o acontecimento em um acidente, tornando-o mais natural à história. Também penso na ligação de uma cena que sempre imaginei, mas não sabia em que lugar colocar. Quando Bianca está no meio de sua jornada, começa a tomar comportamento de seu animal-espiritual ao encontrar uma sacola. Aquele objeto plástico não deveria estar ali e isso lhe causa uma imensa raiva que a faz engolir o objeto (representa não apenas um ódio ao desrespeito à natureza, mas o seu ódio ao fato da camisinha - também objeto plástico - estar no lugar indevido). Mudei a situação na qual ela partia em uma viagem física à procura de uma planta abortiva. Agora, Bianca parte em uma viagem física-espiritual pois a flor branca que ela vê durante seu ritual com a Ayahuasca é um símbolo para sua indecisão diante do aborto. Outra questão alterada é a relação da Raquel com seus pais. Carol me atentou para o uso do estereótipo da filha que se inspira no pai. Agora, para o final do romance, Raquel não perdoa totalmente sua mãe, mas começa a perceber que seu pai nunca foi um exemplo a ser seguido. Outra preocupação durante o romance é cuidar com o uso do estereótipo da mulher sábia, ainda mais quando trato de questões consideradas místicas, como a cultura indígena.

[20 de setembro de 2018]

Ainda que existissem 50% de mulheres escritoras, não seria suficiente se os 50% de homens ainda representassem a mulher de maneira arquetípica.

A baixa quantidade de mulheres escritoras as quais são reconhecidas (premiadas, lidas, expostas, estudadas) é apenas um dos problemas relacionados com o machismo na literatura. Houve e ainda persiste o resgate histórico de escritoras que foram apagadas e deixadas de lado não pela qualidade do seu trabalho, mas por serem mulheres, atentando para o fato de juntar-se a isso outras exclusões como a raça e sexualidade. A conquista desse espaço não deve ser apenas pautada pela representação, ou seja, usar uma mulher para representar todas, utilizando-se do discurso do qual não existe machismo e de que é suficiente apenas uma (normalmente branca e hétero). Um exemplo desse comportamento é homenagear uma escritora e trazer apenas homens para falar do seu trabalho ou organizar um evento literário com apenas uma mulher negra escritora e a grande maioria dos outros convidados serem homens, ou deixar essa escritora em um painel para falar

apenas sobre literatura de mulheres negras, como se sua literatura não tivesse um caráter também universal. Mesmo em um cenário ideal de quantidade numérica, o machismo ainda pode estar presente na forma como as mulheres são representadas, com ênfase para o olhar masculino. A representação da mulher pautada apenas pelos arquétipos é problemática. Não há problema, por exemplo, em existir uma personagem de um jogo eletrônico que possua uma vestimenta curta, decote e com a exploração sexual de seu corpo se neste mesmo ambiente também está representado outras mulheres, e que a personagem tenha um porquê de se vestir assim.

[16 de outubro de 2018]

Anotações durante o curso de Poesia Contemporânea de Eduardo Sterzi:

Marília seria um vaso? (pensei no símbolo do aquário) Seria a mente um receptáculo de vozes? As pessoas são tantas e tantas e hoje eu já discordei tantas vezes de mim. Eu tenho medo de nunca mais conseguir escrever, e basta ler Virginia, ou até quem sabe pensar no dramaturgo que irrompem rios e desaguam torrentes anímicas. Sinto que alguém me observa e a energia é densa. Têm pessoas que só precisam de uma frase para ganhar a eternidade.

[17 de outubro de 2018]

Penso em explorar uma forma no romance: quando Marília começa a enlouquecer suas frases são espiraladas, inspiradas na poesia concreta.

Em mulheres normalmente quem lhe deu o primeiro orgasmo foi o outro.

[22 de outubro de 2018]

Não consigo escrever duas obras ao mesmo tempo. Não posso mais pensar no livro de poesias escrito como trabalho de conclusão do curso. Queria lançar ainda este ano, mas não consigo retomar ele neste momento. O tema continua.

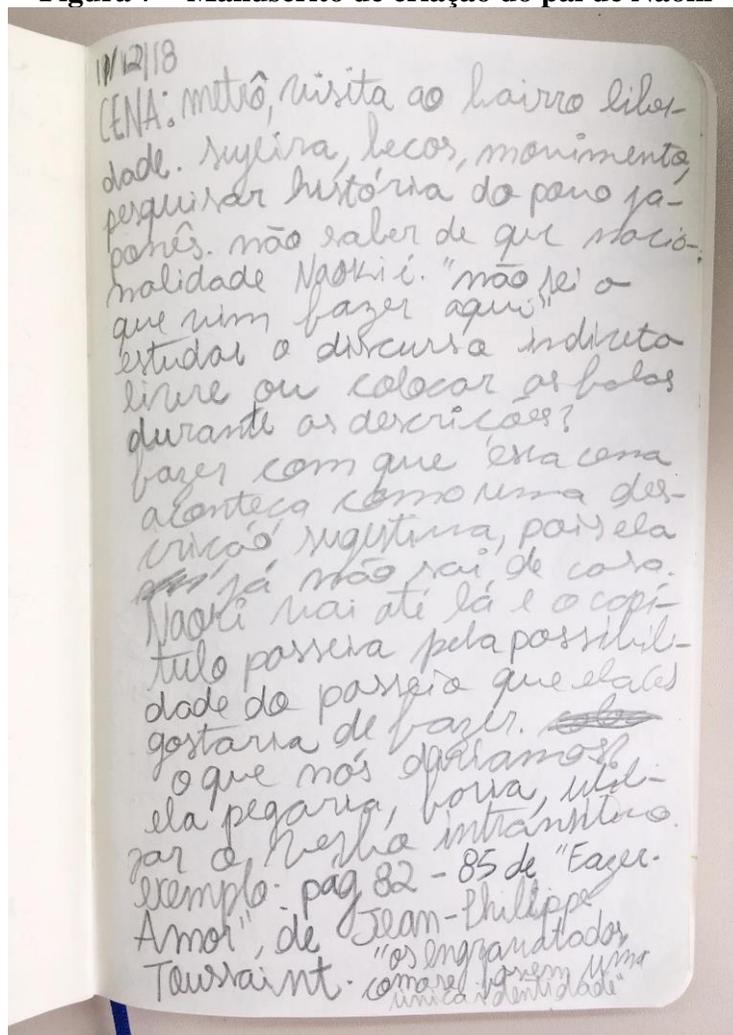
[8 de novembro de 2018]

A técnica do distanciamento necessário para escrever: consigo escrever de casa? Ter um local em casa ou sair para escrever? Será que já passou a urgência de escrever o meu romance?

[11 de dezembro de 2018]

Vim passar uns dias em Chapecó com o Malwe, para conhecer a cidade em que ele nasceu. O clima aqui me agrada. A casa é de madeira e me lembra as casas de minhas avós. Hoje estruturei o segundo e o terceiro capítulo (5 e 8) da Marília. No total, a digressão rendeu 4 páginas de um caderno. Adicionei um novo personagem: o pai de Naoki.

Figura 7 – Manuscrito de criação do pai de Naoki



Fonte: arquivo pessoal

[12 de dezembro de 2018]

Sonhei com mariposas e passei a tarde elaborando esse pensamento, mas não cabe no romance e isso estará uma outra obra. Estruturei algumas ideias e personagens com relação a essa ideia. Deixá-la-ei guardada para outro momento. Lembrar de não ouvir o canto das sereias. Comecei a ler *Afiadas* (2018), de Michelle Dean. Interessei-me pelo livro pois nunca havia visto antes (não que elas não existam) uma obra a qual trata sobre mulheres escritoras como Dorothy Parker, Susan Sontag (a qual adio a leitura dos diários), Joan Didion, entre outras. Fiz diversas anotações, tantas que dariam uma outra dissertação. Prevejo um ensaio tardio. Ler sobre a obra e vida de outras mulheres sempre me inspira.

[8 de janeiro de 2019]

Vim para São Paulo com o intuito de percorrer alguns caminhos de Marília, repensar a personagem. Sinto um medo profundo. A volta da cidade maldita. Marquei de ir em um centro de Ayahuasca, mas me tranquei em casa. Entrei em contato com eles por mensagem. Me responderam.

[9 de janeiro de 2019]

Não consigo sair de casa, então resolvo ler *Negociando com os Mortos* (2002), de Margaret Atwood, para a dissertação. Desisto, começo a ler *Pornopopéia* (2008), de Reinaldo Moraes. Observo muito a janela.

[10 de janeiro de 2019]

Não consigo parar de olhar pela janela. Tenho medo de me jogar. Resolvo sair um pouco para escrever. Observo a movimentação. Fui a um café e me irritei com o recado escrito em um sachê: "viva intensamente". Mantenho a conversa com o centro de Ayahuasca. O Malwe chega amanhã.

[11 de janeiro de 2019]

O Malwe chegou e fui buscar ele bêbada na rodoviária. Faço o planejamento de ir até o bairro Liberdade observar e anotar. Continuo lendo *Pornopopeia*. Achei que o livro fosse me aproximar de uma São Paulo noturna.

[12 de janeiro de 2019]

Passo o dia lendo *Pornopopeia*. Estou em um apartamento no qual a janela está de frente para a Praça Roosevelt. Passo muito tempo fumando e lendo, enquanto observo quem passa, da manhã ao fim do dia.

[13 de janeiro de 2019]

É domingo e me obrigo a sair de casa. Visitei o bairro Liberdade. Choveu muito. Anotei algumas direções e nomes de ruas. Escrevi sobre alguns rostos, nada muito bom.

[14 de janeiro de 2019]

Era cerca de 2h da manhã quando eu e o Malwe ouvimos um barulho. Ele disse que não devia ser alguém se jogando do prédio (Falamos muito sobre isso nos últimos dias. Sobre o peso, a gravidade, o mundo, atlas, o concreto e os suicidas. Essas janelas têm braços longos). Eu decidi abri-la. Não sei o que vi. Alguns amigos da rua nos procuram. Querem saber se estamos vivos. Não fomos nós. Um vizinho se jogou.

[18 de janeiro de 2019]

Essa viagem para São Paulo não me faz bem. Não encontro mais aqui o que eu procurava. Talvez pensasse em encontrar o que deixei aqui, aquelas memórias no Bambolinas. O bar nem existe mais. Há a necessidade de ver o sachê de novo. Resolvi tirar foto de todos. Escrevi mais um pouco sobre Marília. Hoje não gosto do nome dela.

Figura 8 – Cafeteria em São Paulo a qual inspirou cenas de Marília



Fonte: arquivo pessoal

[19 de janeiro de 2019]

Tenho cada vez mais pânico de sair de casa. Daqui dois dias nos mudamos para outro lugar. Não consigo escrever.

[21 de janeiro de 2019]

O novo lugar não tem janelas. Acho sufocante. Começo a ler *O corpo da deusa: no mito, na cultura, na arte* (1997), de Rachel Pollack, para a dissertação. Meu companheiro não acredita no meu romance e isso é extremamente desestimulante.

[27 de janeiro de 2019]

Ainda me sinto mal. Quase terminei de ler a obra e continuo a fazer diversas anotações sobre o

resgate histórico da figura da mulher. Continuo sem querer sair de casa. Vamos embora hoje.

[28 de janeiro de 2019]

Fiquei doente e perdi o voo. Sinto um mal-estar constante. Nos hospedamos em um hotel. Sinto dor. Preciso especificar que também é física.

[30 de janeiro de 2019]

Hoje é meu aniversário e tive pedra nos rins. Não consigo pensar em escrever de tanta dor. Acordei cedo e fui em um posto. Quero ir embora hoje. Compramos passagem. No último dia, conheço a melhor amiga do Malwe. Hoje é meu aniversário e quase perdemos o ônibus da volta. Estou exausta. O movimento do ônibus me acalma.

[17 de fevereiro de 2019]

Vi hoje três filmes e um deles me chamou a atenção: *O Abraço da Serpente* (2015), de Ciro Guerra. Como estudante brasileira de escrita criativa, reflito que minhas primeiras leituras formaram um imaginário através da mistura de culturas. Quando criança, era comum o boneco de neve, o tigre asiático, alces, castelos, ursos, focas, *yokais*, lobos cinzentos, samurais, guerreiros de armaduras medievais, entre outros. O não comum eram personagens próximos da minha realidade e do universo cultural da América do Sul. Conhecia a imagem errônea do indígena que passava o dia cantando para fazer chover ou fabricando flechas, a lenda do negrinho do pastoreio (que na versão contada para mim ele morre pelas centenas de picadas de formigas) e a *Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo*, a qual eu não dava muita atenção por achar os personagens irritantes. Levaram anos eu notar a falta do estudo da história do meu próprio país, que envolve diversas culturas, e do continente ao qual pertencço, ainda que o Brasil tenha suas particularidades em relação às outras culturas latino-americanas, como a língua, o processo de colonização portuguesa (e de outros países como a Holanda e recentemente os Estados Unidos) entre outras características. Minha escrita mudou com essa compreensão pois nos últimos 3 anos passei a procurar mais obras que tratassem desses assuntos da maneira adequada. A personagem 3 nasceu dessa questão. Dessa

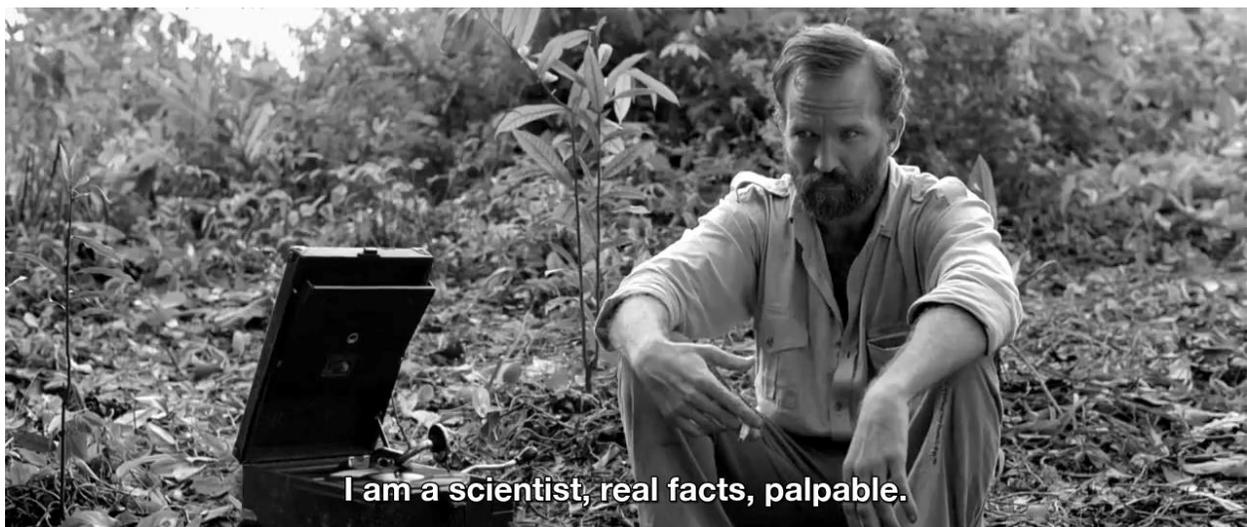
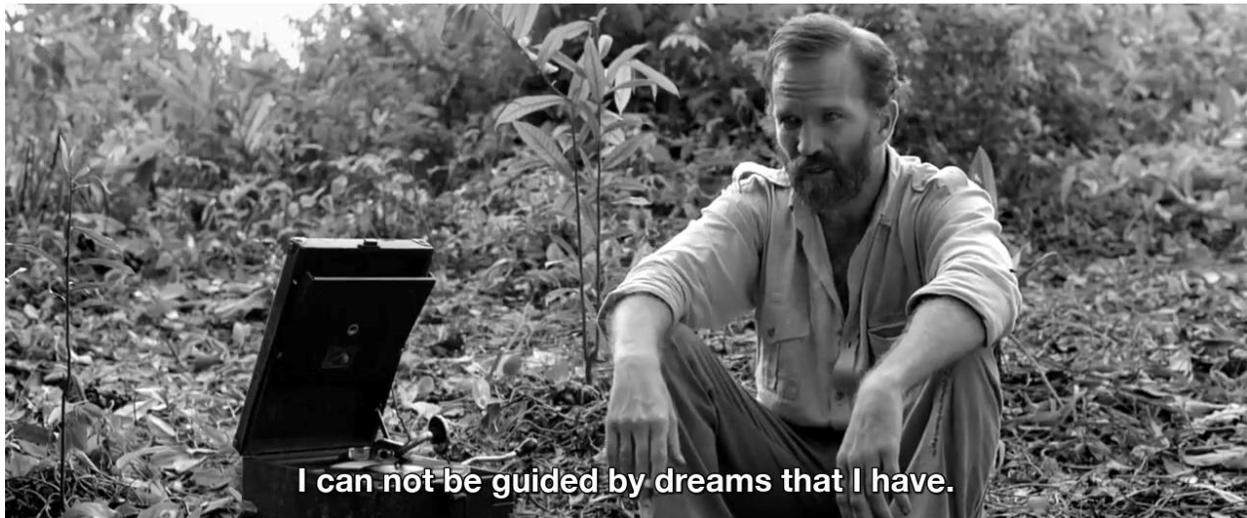
utilização e distorção por parte dos brancos de outras culturas e elementos. Em algumas viagens pelos estados brasileiros verifiquei o uso de símbolos hindus por pessoas que não conhecem a religião e costumes, e me chocou o uso indiscriminado e caricatural da Ayahuasca em festivais de música eletrônica. Através do filme *Abrço da Serpente*, descubro que a imagem da serpente é comum em diversas culturas e possui significados muito distintos entre elas. Por exemplo, no cristianismo a serpente/cobra é, no novo testamento, associada a figura do Diabo. Serpente também pode ser sabedoria, traição, elemento fálico e representativo do poder masculino, ou até renovação e representação dos ciclos da mulher e da natureza. Diante de diversas interpretações, a serpente me parece uma figura instigante para representar as diferenças do ocidente versus o oriente e as noções da figura do homem versus a mulher nas culturas. Sendo brasileira, tive uma educação voltada para a cultura europeia, em especial a portuguesa, francesa e a inglesa através também dos Estados Unidos. Quando se fala em Ocidente, muitas vezes se refere a esse conjunto, excluindo dele as culturas do México, da América Central e da América do Sul. Com isso, chegam ao ponto extremo de existirem lendas acerca das construções das culturas não-brancas como feitas por alienígenas, como os Chilenos (estátuas da Ilha de Páscoa), os Maias e Egípcios (pirâmides), com o agravamento de por vezes não referenciarem os egípcios como pertencente a África e o tratamento do continente como se fosse uma única cultura, sendo essa tribal e atrasada. O menosprezo das culturas dos povos originários também se dá nessa relação com a ressignificação das imagens míticas. Rachel (1998) observa a mudança do significado da cobra através do mito da deusa grega Atena e de Adão e Eva. Originalmente Atena era representada junto da coruja e da cobra. Imagens de aves estão presentes desde a arte neolítica (de 10 a 6 mil anos a.C.) em esculturas, cerâmicas e pinturas de deusas aladas. O ar é o reino do invisível e é a respiração, o sopro da vida (do latim *spiritus*) que transmite a ideia do espírito. As aves, então, representam essa ligação com o divino, sendo representada também pelos corvos de Odin (o pensamento e a memória) e o travestimento dos xamãs transformados em pássaros para viajar pela terra dos espíritos. As aves (ar) ligam-se as cobras (terra) pela posição de cisão entre o consciente e o inconsciente. Para tornar uma deusa tão prestigiosa sobre o controle dos homens, os gregos desenvolveram a história na qual Zeus engoliu sua primeira esposa para evitar que ela desse à luz a uma criança que poderia tirá-lo do poder. Uma dor de cabeça passa a assolar Zeus até que Hefesto quebre-a com um golpe de machado, saindo Atenas armada numa figura de guerreira. Rachel (1998) comenta que esse mito pode significar a conquista do patriarcado sobre as culturas

anteriores. Podemos ver essa supressão do feminino através de outra representação grega: a Medusa. Originalmente sendo a própria deusa Atena (tida como a Deusa Serpente), a Medusa retoma a ideia da serpente como vilã e tem sua cabeça cortada por Perseu. A ressignificação continua em Adão e Eva. Na Gênese, Deus amaldiçoa a serpente dizendo que vai criar uma inimizade entre ela e a mulher. Então, temos a mito da cobra que oferece o fruto proibido para Eva. Em *O Abraço da Serpente*, vemos um retrato da exploração de homens brancos (um pequeno e representativo grupo) em busca de uma cura através do xamã Karamakate, o último sobrevivente de sua tribo da região amazônica. A serpente aqui pode ser símbolo das duas medicinas, a ocidental e a oriental, formando uma imagem de reencontro com a ancestralidade e os povos originários, nem sempre sendo esse encontro benéfico e positivo, sendo inclusive uma repetição dos atos colonizadores de abuso, violência e saque. A viagem aqui é física e espiritual, sendo o xamã um catalisador do contato com a natureza e com os seres espirituais manifestados nesse ambiente. Seria apenas o homem branco que não se sente mais pertencente à natureza? De onde vem a cultura do homem como um animal superior, distante de sua origem, aquém da biosfera e das relações biológicas? O filme apresenta um cunho histórico sobre o processo de colonização do imperialismo europeu e sua consequente desconfiguração da identidade indígena não discutindo somente os contrastes, mas uma busca conjunta por uma identidade própria, o poder da religião como conciliadora e generosa. Ressurge aqui a figura da flor branca. No início, pensei apenas em uma imagem e ela veio. Agora conheço seu significado. Os Caxinauas (Kaxinawá) possuem a lenda da Jiboia Branca cujo conto descreve esse ser como o portador de um conhecimento riquíssimo que, através do onírico, resulta na transcendência astral. Um desses poderes é a cura por plantas medicinais, como a ayahuasca, mistura de diversas folhas, cipós e flores, sendo uma delas de cor branca.

-

Penso então sobre essa memória compartilhada e muitas vezes esquecida. Um ato da coincidência, algum termo místico ou científico para o a sensação de nos sentirmos conectados com o todo e que viemos a compreender a escolha de algo como algo maior que uma escolha qualquer, mas uma escolha guiada em conjunto com o invisível. Tenho dificuldades de falar do místico no meio acadêmico. Sou cientista, mas também sou humana e entendo que não posso explicar tudo.

Figura 9 – Três cenas do filme “O Abraço da Serpente”



Fonte: arquivo pessoal

[15 de março de 2019]

Fiz novas pesquisas em relação à gravidez e ao uso de Ayahuasca. Algumas grávidas me contaram relatos. Também entrei em contato com algumas comunidades alternativas da região e centros de Ayahuasca. Todos foram muito convidativos e solícitos. Fiquei com medo do que pensava não se encaixar com a realidade.

[16 de março de 2019]

Continuo a pesquisa e resolvi reler o último capítulo escrito da Bianca. Modifiquei algumas inconsistências. Reli por diversas vezes algumas frases. Já não parece de minha autoria. Quanto será que vou precisar reescrever?

[17 de março de 2019]

Estou lendo *O Clube dos Jardineiros de Fumaça* (2017), da Carol Bensimon, para compreender sua linguagem. Faz tempo que não lia um bom romance em terceira pessoa e isso está me ajudando a pensar melhor meu narrador. Minha narradora. Pesquisei de novo sobre algumas linhas de ioga. A parte da pesquisa do romance é muito divertida. Na verdade, escrever é a parte a qual mais amo e estou conseguindo me animar a fazer isso todo dia. Que a louça me espere pois tenho um romance a criar. Hoje foi o dia mais produtivo de todos.

[18 de março de 2019]

Comecei a ler *Hamlet* para a oficina do Assis. Enquanto lia pensava na Questão Essencial (QE) do personagem, tentando encaixar a teoria. Essa inabilidade com a vida. Vi tudo ali, se encaixando. Estou momentaneamente satisfeita com as QEs das minhas personagens pois vejo elas fluindo nos acontecimentos e gerando liberdade na escrita. O que antes me travava agora está funcionando. Pesquisei sobre diversos exercícios de respiração na ioga. Li sobre diversas práticas e optei por uma das que já pratiquei - Hatha Yoga. De manhã instalaram as cortinas aqui no apartamento e passei a tarde observando o movimento delas, o vai e vem. Estou me acostumando. Hoje deixei muitos cigarros pela metade.

[19 de março de 2019]

Terminei hoje de ler Hamlet. Não tive vontade alguma de escrever. Diversos acontecimentos pessoais me abalam. Gostaria que Malwe voltasse a morar comigo. Começo a ler *Morte em Veneza* (1971), de Thomas Mann, para a oficina do Assis Brasil.

Percebo que meu texto se constrói em fragmentos. Escrevo parágrafos de situações das quais ainda não aconteceram e preciso voltar para escrever o parágrafo anterior, que então parece se encaixar com perfeição. Revisei o que planejei para os dois primeiros capítulos e tenho vontades de escrevê-los, mas, antes, preciso pôr fim no terceiro.

[20 de março de 2019]

A ideia de escrever os capítulos por semana de gravidez não está funcionando e vou abandonar a ideia. A cronologia não está encaixando, apesar de eu gostar muito do formato. Agora os capítulos são sucessões de acontecimentos ocorridos não sendo necessariamente ao mesmo tempo. Vou encontrar outra maneira de dar a entender que se passaram cerca de 3 meses durante a história. Vou conectar algumas situações entre si, como por exemplo a chegada de Raquel a São Paulo com o desaparecimento de Marília, visto que Raquel se muda para o apartamento no qual antes morava Marília. Quem puxa a temporalidade ainda é a Bianca.

Tenho vontade de escrever sobre um casal que quando se conhecem ambos são suicidas. O namorado se suicida. A mulher fica e precisa enfrentar sua família e amigos. Durante o processo descobre que na verdade ela queria se matar, e interrompeu sua vontade para cuidar do outro. Sente que seu suicídio foi roubado. Penso se ela encaixa na Marília, em algum momento. Acho que não, fica para outra história. Silêncio às sereias.

Durante a aula do Timm escrevo no caderno: A crise³² é constante. Nesse sentido, os problemas pessoais estão me impedindo de continuar. O que me interessa é o tempo. Não posso negar meu

³² A crise, aqui, possui dois sentidos. O primeiro é existencial e liga-se ao segundo: multidimensional. Os problemas sociais, ambientais, políticos e econômicos não podem ser resolvidos separadamente, pois encontram-se entrelaçados

desejo e mostrar resultados concretos me bloqueiam. O que mais eu preciso inventar? A depressão é incapacitante. Não tenho um único tom. Sou fragmentária e sempre volto ao início. Eu demoro, pois, nem sempre entendo o método e acredito que ele bloqueie a intuição. O livro do Assis demora para chegar e me vejo trancada nisso. O que tem funcionado?

[21 de março de 2019]

Hoje tive a minha segunda aula da Oficina com o Assis Brasil. Penso se os conflitos nas personagens mulheres não são, de certa maneira, diferentes dos conflitos dos personagens homens. Sinto a necessidade de escrever sobre mulheres não apenas por sentir falta disso na literatura, mas pelo fato de ser uma. Não seriam a maioria dos conflitos das mulheres o fato delas serem mulheres? Como se nos fosse roubado o nosso direito de ter uma QE e seguir com ele, que os fatores externos nos chegam não através deles, mas nos é imposto. Penso, por exemplo, na Bianca e em sua gravidez. O fator externo é um acidente. É também biológico, de certa maneira. Só uma mulher³³ teria como fator externo uma gravidez indesejada. Então, além de sua QE, existem fatores externos que não se relacionam com ela, e sim são impostos pelo fato de ser mulher. Uma colega, Mariam, comenta: já reparou que se um livro trata sobre uma gravidez ele é considerado literatura feminina e se um livro trata sobre um homem refletindo sobre sua vida ao tirar a barba ele é considerado literatura universal, sendo que a gravidez envolve também um homem (na cultura cis)?

[22 de março de 2019]

Senti uma necessidade de me afastar hoje das referências planejada, dar um tempo para as ideias. Passei a tarde pesquisando sobre algumas coisas de casa e resolvendo burocracias. Deitei-me para ver algo na Netflix e lembrei de um filme que nunca terminei de ver: *Magnólia* (1999). Ele acabou se relacionando com o meu romance por se tratar de uma obra na qual diversos personagens que

como raízes de um mesmo caule. Kuhn (2006, pg. 64) observa que o significado da crise é que ela oferece o indício de que há chegado o momento de mudar as ferramentas. As ferramentas ocidentais não estão se encaixando para resolver os problemas da atualidade e há nisto a renovação da epistemologia. Requer-se o fim do indivíduo humano (e neste humano nos referimos ao homem branco, cis, europeu) como centro do mundo e a continuidade de um conhecimento utilitário, que descarta o sonho, a subjetividade e a pluralidade de vozes e visões.

³³ Incluo aqui também homens trans que possuem útero. Falo da mulher numa figura em que a gravidez é uma constante na vida, sendo desde criança ensinada para a maternidade pela cultura patriarcal.

inicialmente aparentam não ter conexão alguma acabam se relacionando, muitas vezes não diretamente. Meu romance também é sobre isso. É sobre a conexão existente entre mulheres pelo fato de serem mulheres, além do seu tema principal: o humano não pertence nem à cidade e nem à natureza. Isso se dá através de um sentimento universal: o não-pertencimento. Todos nos achamos especiais, únicos. Nesse sentido, todas querem sair de onde estão, viajar. Acho que muito da descoberta de ser mulher está relacionada às viagens físicas. Raquel é inexperiente e resolve ir para a cidade grande (São Paulo). Marília já está nesse ambiente e não sente que pertence a ele e então possui vontade de ir para mais perto da natureza. Bianca está no local que Marília desejaria estar, mas não tem certeza se se sente pertencente a ele, e resolve também viajar, pensando em talvez ir para uma cidade.

Podemos perceber que as personagens dizem muito sobre quem são através dos diálogos, quando elas falam coisas e agem ou pensam de outra forma. De certa maneira, não estaria eu fazendo o mesmo comigo quando digo que esse romance não é autobiográfico? Na verdade, estava tentando concordar com uma opinião na qual discordo: para ser considerada uma ficcionista eu não preciso escrever sobre uma realidade totalmente diferente da minha. Sinto que devo escrever sobre o que me cerca, não por que eu não sei escrever sobre outras vivências, mas porque sinto que o que passo é importante ser elaborado ficcionalmente.

Acho que a QE é algo que surge durante a escrita. Não consigo mais compreender o que ela é. Não estou sentindo que ela é construída antes e isso está me travando. Eu escrevo para descobrir sobre mim, e começo a acreditar que os personagens são facetas distorcidas de nós mesmos e escrevo para descobrir quem ele é. O processo criativo é plural e não consigo encaixar o meu nas teorias que tenho lido.

Resolvo reler o primeiro capítulo de *Como Funciona a Ficção* (2008), de James Wood, e me atento para o item 8: o estilo indireto livre. Releio o que escrevi até agora e vou modificar a maneira como tenho escrito, mas não completamente. Alguns toques. Vou testar.

Por que os lapsos de referências de mulheres na teoria da Escrita Criativa?

Eu que não consigo encontrar ou há um vazio?

Me volta a pergunta: o que é uma escritora? Tenho vontade de sair constantemente. Por quê? Acho que a minha questão essencial é a lua. Volto a escrever o capítulo de Bianca.

[23 de março de 2019]

Quem sabe não passo um dia no planejamento e outro para o romance? Os registros desse diário não são 100% fiéis a todo o meu processo. Diversas outras coisas habitam minha mente e nem todas são registradas, mas ainda quando registradas, podem ser afetadas pelo momento em que escrevo, que não é mais o momento em que as pensei.

As pessoas ficam curiosas sobre o romance e me espanta a primeira pergunta que fazem: qual o título? Já me comentaram que o título é a última coisa escolhida. Pois bem, esse romance nasceu denominado "Há um segundo era presente". Explico: o destino biológico da mulher parece não levar em conta o fato de que somos seres temporais, e não apenas espaciais. A matéria existe também (e talvez) pela forma do pensamento. O tempo aqui também é um resgate histórico das sociedades que existiam antes do patriarcado. É uma volta ao útero. É a primeira jornada do ser: a consciência. E quando nos deparamos com o fato de que de nos tornamos mulheres, queremos saber desde quando e esse quando pode remontar a uma jornada que não está escrita em palavras, mas em um íntimo coletivo, em imagens cavernosas.

Deitei ontem, depois de escrever uma cena de Bianca relacionando-se com árvores e descobrindo que elas podem se comunicar no subsolo pelas raízes (*A vida secreta das árvores: O que elas sentem e como se comunicam* - Peter Wohlleben, 2017) e resolvi ver mais um capítulo da série *The OA: O Engenheiro e a Médium*, em que uma cena muito parecida acontece. Não acredito mais em coincidências.

[24 de março de 2019]

"We shall not cease from exploration
And the end of all our exploring
Will be to arrive where we started
And know the place for the first time."

T. S. Elliot in *Little Gidding*

Qual a influência dos cânones da Escrita Criativa na minha dissertação? Pois o cânone que me mostram não é o meu. Não entendo a obviedade.

[25 de março de 2019]

Bianca não se sente amada pois o suposto amor que recebeu dos pais nunca foi verdadeiro. Eles amam a eles próprios, e ela é só uma externalização disso.

[26 de março de 2019]

Retirei duas páginas do capítulo 3 de Bianca pois percebi que ele não seguia a QE dela e desvirtua da construção feita de sua relação com os pais. Trechos lindíssimos, mas que fugiram do propósito. Usarei em outra narrativa, quem sabe. Bianca realiza uma sessão de Ayahuasca com uma mulher que deseja muito engravidar. Essa mulher a incomoda sobre o assunto.

[31 de março de 2019]

Tive a péssima ideia de tirar os últimos dias para transcrever todo o conteúdo dos meus diários em papel para o Word. Além de ter perdido o ritmo da escrita, perdi muito tempo revendo problemas. Continuo a escrever melhor no papel pois ele está sempre à mão. Mas agora passo ele a limpo todo dia.

[2 de abril de 2019]

Reflexões sobre a entrevista do João Lucas Dusí com o Flavio Cafiero sobre o seu novo romance, *Espera passar o avião*, na edição 228 do Jornal Rascunho.

É a televisão apenas ligada na tomada. Você não clicou no botão. O controle ainda está em cima da mesa. Você chega cansada do trabalho e não consegue dormir. Tem algo ali. Alguma coisa. Você vai até a janela e fixa o olhar no horizonte. É noite e a cidade deveria estar silenciosa. Menos vozes. Menos tráfego. Vizinhos de luzes apagadas, persianas abaixadas, olhos fechados. Mas há algo, um tom, uma vibração fora do lugar. Então você pratica um hábito comum de quem ainda está atrelada a rotina e precisa pensar um pouco: abre a porta da geladeira e fixa o olhar no nada. E dessa vez é diferente. Não que tenha achado finalmente algo que queira comer, mas você percebe o que é que está ocupando o vazio. Você se aproxima. É o som constante da geladeira ligada. É o som insistente do celular plugado no carregador. O som da eletricidade que percorre os postes de luz e chega até a sua casa, a rua, seu local de trabalho, todos os lugares que frequenta. Os sons audíveis são as vibrações que permitem as ondas sonoras se transformem em som pelo cérebro humano, entre 20Hz e 20.000Hz. Abaixo de 300Hz são os sons graves e de baixa frequência. Acima de 5.000Hz são os sons agudos e de alta frequência. As ondas de maior amplitude, a qual chamamos de volume, são as que exercem maior pressão no ar e fazem com os tímpanos vibrarem com maior intensidade. Normalmente é esse o tipo de onda que incomoda as pessoas. Mas e as que se incomodam com as pequenas variações? A ideia de que a natureza é silenciosa não é tão verdadeira. Com o advento da cidade-grande o volume dos sons aumentou e a procura pelo silêncio total também. Uma das estratégias utilizadas é o ruído branco: o som formado por aparelhos eletrônicos que combina frequências diferentes para cobrir todo o espectro de sons e mascarar a frequência que atrapalha a concentração. É o barulho do ventilador funcionando ou também pode vir de outras fontes, os chamados sons da natureza, como a chuva. Há o próprio som da cidade para abafar a cidade. Essa procura pelo silêncio total é um reflexo do exagero e da natureza como símbolo da perfeição. Mesmo na natureza ouvimos os animais, o vento, outras pessoas e, mesmo quando sozinhos, nosso próprio batimento cardíaco e respiração. Existem sons prazerosos na cidade, como risadas, o tilintar do sino de bicicletas, o barulho do sorvete saindo da sorveteira. É comum nas férias o retiro para lugares mais afastados, como se esse contato fosse o suficiente para desestressar e então, a natureza como local de refúgio. Pode ser que o arrulhar de pássaros na manhã seja agradável, mas muitas pessoas que possuem isso na cidade reclamam desse barulho.

Em resumo, o conceito da natureza como lugar ideal é fantasioso, visto que o sonho de morar longe de grandes centros urbanos para fugir desses barulhos existe, mas não é levado em consideração suas próprias adversidades. Precisamos rever o conceito de fugir para a natureza como se não fizessemos parte dela ou que não temos nada a oferecer para ela em troca. Precisamos de uma nova visão para esse equilíbrio.

[4 de abril de 2019]

Comecei a ler ontem à noite o *Escrever Ficção* (2019), do Assis Brasil. Comecei a estruturar a maior parte do romance em suas aulas, mas, admito, havia muitas dúvidas em relação a diversos aspectos propostos por ele. Por mais que eu ouvisse sobre a Questão Essencial (QE) em aula, me faltavam reflexões as quais discorrei ao final da leitura do livro.

A volta das aulas é sempre um momento um tanto conturbado de organização. Passei as últimas duas semanas organizando as datas de todo o meu semestre, viagens, pesquisas, artigos, outros cursos, leituras e afazeres. A organização é uma grande motivadora da vontade de criar. Só consigo escrever quando organizo os mínimos detalhes, apesar de ir modificando-os durante o percurso (a melhor parte de criar é ver a organização fluir e dar sustento para o surgimento de novas ideias). É como planejar uma viagem sozinho e ir fazendo novas amizades pelo caminho.

Tive contato e comecei a ler hoje a dissertação da Stéfani Medeiros intitulada *A Jornada da Heroína: Estrutura Narrativa para Roteiros de Ficção*. Fico extremamente alegre por este assunto ter sido discutido por uma colega de curso. Minha proposta inicial era de estudar esse tema na dissertação, mas fui mudando de rumo conforme minhas leituras. Durante a graduação em Escrita Criativa tive contato diversas vezes e em cadeiras diferentes com a Jornada do Herói, formada pelos livros *O herói de mil faces* (1949), de Joseph Campbell e *A jornada do escritor*, de Christopher Vogler. Apenas com a entrada da professora Moema Vilela, no último semestre (lembrando que o último semestre dela também foi o meu primeiro no mestrado), fiquei sabendo da existência da Jornada da Heroína, através da obra de Maureen Murdock. Apesar de apenas uma aula, o contato com a obra permitiu o avanço da investigação das razões do desconforto que sentia com relação a

uma escrita pautada pela visão masculina, da teoria às leituras de obras ficcionais³⁴. O novo modelo criado por Murdock parte de seus estudos junguianos e mitológicos com a sua experiência vivida na profissão de psicoterapeuta. A estudiosa notou a necessidade de recuperar o significado da natureza feminina ao mesmo tempo em que questiona a dualidade dos arquétipos masculino e feminino. Como resultado, ela renovou os dez estágios da jornada: Separação do feminino; Identificação com o masculino; Estrada de provações; O sucesso ilusório; Despertar para a aridez espiritual: morte; Iniciação à descida para a Deusa; Reconexão com o feminino; Cura da divisão mãe/filha; Cura do masculino machucado; Integração do masculino e feminino. Stéfani (2019) traz algumas reflexões interessantes ao final de seu trabalho sobre alguns problemas dessa teoria. Ela indica que na edição de 2015, Vogler aponta que a jornada do herói foi montada a partir da observação de diversos mitos e por isso não é uma regra fixa e que a partir desse modelo podem existir versões variadas. Porém, são diversas as críticas as quais enxergam essa jornada voltada para um dos aspectos, o guerreiro, e, portanto, masculino. O autor afirma que homens e mulheres possuem experiências diferentes, e por ser homem enxerga o mundo através desse olhar. Stéfani (2019) demonstra que o mesmo erro ocorre na jornada da heroína que retrata a experiência de ser mulher como única, não reconhecendo as interseccionalidades. Apesar da obra de Murdock datar de 1990 e de tratar de um assunto muito presente nas obras contemporâneas, ainda não possui uma tradução para a língua portuguesa.

Penso, então, que pode ser um papel da mulher branca na literatura o de não roubar a voz de outras. Nesse sentido, é o de ter a liberdade de escrever sobre a sua visão de mundo, suas experiências, mas não se apropriar da cultura, pois o olhar do colonizador é importante na medida em que se saiba que é um olhar não neutro. Não é coincidência que no meio do caminho eu tenha encontrado uma colega a qual também se interessa por esse assunto. Isso demonstra a falta ou a pouca iniciativa de tratar desses temas para formar alguém que escreve. Pode ser que não é a primeira vez que se fala disso, mas se estou aqui reiterando o problema é porque ainda vivemos ele e precisamos continuar falando sobre ele. Uma maneira que encontrei de contornar o caminho foi

³⁴ Com relação as obras ficcionais, cabe acrescentar a informação de que trato aqui neste trecho especificamente das obras que foram estudadas nas cadeiras do curso de graduação, que iam desde o cânone ocidental, de autores como Ésquilo, Shakespeare, Hemingway, Saramago, Jorge Luis Borges; até obras fora do cânone tradicional como as séries Harry Potter de J. K. Rowling e Percy Jackson e os Olimpianos de Rick Riordan. No cinema, diretores como Federico Fellini, Steven Spielberg e Guillermo del Toro.

escolhendo o Norman, da área de filosofia, como orientador, visto que seus estudos são de grande ajuda para pensar a escrita de mulheres, incluindo a minha.

[17 de abril de 2019]

Vejo hoje *Cave of Forgotten Dreams* (2010), de Werner Herzog. O documentário mostra a rara chance em que a equipe do filme conseguiu de explorar e documentar o interior das Cavernas de Chauvet (França), local no qual encontram-se as pinturas mais antigas feitas por humanos, com desenhos que datam de 30 mil anos, assim como o depoimento de pesquisadores e suas impressões. Como expectadora, sinto-me dentro dessas descobertas, sendo a primeira a identificação de uma assinatura através da marca repetida de uma mão que detém uma singularidade: um dos dedos é torto. Autorias desconhecidas nos aproximam do sentimento de pertencer a um conjunto humano? A assinatura individual me parece distanciar a arte do humano. Nesse sentido, a arte sem nome e sobrenome não se torna algo que o humano faz, em vez de ser o dom de poucos? Saio a tatear as paredes brancas do meu quarto. Minha mão é do tamanho de uma folha da minha agenda. Minha mão é do tamanho de uma folha do meu diário. Minha mão é do tamanho de uma folha do meu caderno. Uma lembrança ressurgiu: quando ainda desconhecia meu nome, assino um painel de pintura com minha mão.

Figura 10 – Assinatura com a Mão



Fonte: Arquivo pessoal

Outra descoberta: cientistas afirmam que a pintura mais antiga, a primeira, foi feita por uma mulher. Mais uma: a única figura humana na caverna se enxerga apenas uma parte devido a sua localização distante do alcance da câmera. Nesse momento, Herzog monta uma grua improvisada e mostra que se trata da imagem de uma mulher com traços de uma vaca (ou animal semelhante que possui chifres). Segundo Pollack (1997, p. 42) “...descobrimos que o útero e as trompas de Falópio portam uma incrível semelhança com a cabeça de um touro.” Figuras hoje vistas como masculinas, como o touro, podem ter tido outros significados ou uma ligação do masculino e feminino como forças não antagônicas, mas complementares, em que há em todos ambas as partes. A força desse touro tanto é a forma do útero quanto é um único touro no qual é capaz de empregar um rebanho formado de dezenas ou centenas de vacas.

Essa visão menos dualista do mundo, ou ainda que dualista mais fluida no seu duo, libera outra linguagem quando permite que as figuras se ampliem, mesmo que usando as mesmas palavras. Essa fluidez está contida no conceito de *homo spiritualis*: enquanto Herzog nos mostra na caverna um espaço o qual se assemelha a um altar, seguido pela fala de um antropologista que diz pensar que *homo sapiens* é um erro; que não sabemos muito e que uma denominação mais apropriada é *homo spiritualis*. Nesse sentido, o que nos diferencia dos outros animais não seria a linguagem ou o uso de ferramentas, mas sim a espiritualidade que expressamos através da arte iniciada em nossos ancestrais, dando a devida importância e magnitude dos povos originários. Instrumentos musicais, pinturas e esculturas encontradas que possuem mais de 30 mil anos demonstram o início dessa divisão através do papel importante evolutivo que é a espiritualidade. A ciência é linda e fantástica por si só, mas também podemos nos permitir a fluidez de uma parede que pode falar, uma árvore que pode cantar, um homem que pode ser mulher.

[22 de abril de 2019]

Hoje vi *A Ópera Mouffe*³⁵ (1958), um dos primeiros curtas-metragens da Agnès Varda, filmado durante sua gravidez de Rosalie, a primeira filha. As imagens fluem formando um documentário-ficcional sobre a maternidade, tendo a primeira aparição em cena do corpo de Varda em um de seus filmes. Através do uso do arquétipo da amante e da mãe, ela constrói uma narrativa poética e

³⁵Disponível em < <https://mubi.com/pt/showing/diary-of-a-pregnant-woman>>, acessado em 22 de abril de 2019.

crítica sobre essas dualidades que na verdade são múltiplas, dando um vislumbre do que serão suas próximas obras. Os sentimentos da maternidade estão ali: angústia, lascividade, ternura, ansiedade, esperança, confusão e o que mais podemos fantasiar e decodificar das imagens-fluxo. Assim, Varda mostra a importância de ser cineasta em uma época em que os filmes têm muitas musas e poucas mulheres na direção, roteiro e na idealização de obras cinematográficas. Ela não é só uma cineasta, mas alguém que traz uma imagem da mulher vivenciada, real. Uma imagem mais viva, multifacetada, errante, profunda. Das imagens da barriga, feira, alimentos, sexo, multidão, pobreza, podemos experimentar as dúvidas e contradições da gravidez, como a ideia não tão incomum de mulheres que não querem ter filhos pois não desejam que eles sofram, seja da miséria monetária ou espiritual. A dúvida de colocar mais um ser no mundo (para sofrer), considerando as perspectivas atuais de não-futuro. Na ausência do rosto da cena inicial, Varda não representa a si, mas apenas mais uma (e não menos importante) mulher em toda a sua complexidade.

[24 de abril de 2019]

Quando me distraio da escrita (e de todos os outros afazeres), possuo o costume de vagar pelo site da *lithub* e leio alguns artigos de literatura por dia. Hoje me deparei com um escrito por Alice Adams na qual ela repete a pergunta do porquê escrevemos³⁶. Ela comenta que sua resposta inicial seria parecida com a de Orwell: “*a person sufficiently plagued by the urge to do it that they have no choice*”. Logo depois explica que no processo da escrita do seu romance pensou em desistir diversas vezes. Penso em algumas questões relacionadas a isso. A primeira, é que às vezes existem momentos os quais não estamos prontos para escrever uma obra, e por isso ela precisa ser deixada de lado. Já outras obras não funcionam pois estamos prontos para escrever, mas algum detalhe técnico como a escolha do narrador não está funcionando e precisa ser modificada. Existem também as obras das quais cansamos de escrever pois não temos nenhum compromisso com ela. E existem obras que se perdem no caminho e se modificam tanto durante ele que não a reconhecemos e, então, é melhor mudar de formato (como um romance que passa a virar um roteiro). Existem também os problemas pessoais os quais impedem de nos concentrarmos na obra, e assim por diante. E quando devemos abandonar uma obra? Pode parecer uma pergunta sem resposta, mas isso inclui diversos fatores, como o financeiro, o qual nem sempre é mencionado.

³⁶Disponível em <<https://lithub.com/why-does-anyone-write/>> Acesso em 24 abril 2019.

Cada obra e situação é tão única que podemos voltar para a pergunta do porquê escrevemos. Já muito li e ouvi dizer que escritor é aquele que possui um desejo tão forte pela escrita que morreria se não pudesse escrever. Discordo e concordo. A coisa que mais amo fazer na vida é escrever, mas isso não é verdade todo dia. Mesmo quando se ama muito um trabalho, ainda temos momentos ruins, queremos férias ou não estamos tão dispostos. Há ainda os escritores que param de escrever [ou até os que (quase) nunca escrevem] e nem por isso deixam de ser escritores, como os relatos da obra *Bartleby e Companhia* (2000), de Enrique Vila-Matas. Sendo assim, até aonde vai esse romance? Até eu terminá-lo, revisá-lo e provavelmente reescrevê-lo mais de uma vez. Não me importo com a data, me importo que ele esteja o mais próximo do que imaginei, mesmo que em outra forma. Já pensei muito sobre isso quando não lancei meu primeiro livro aos 25 anos. Prefiro esperar a lançar algo que não foi dada devida atenção. Uma obra merece mais que a afobação da juventude.

[27 de abril de 2019]

Terminei de ler *Escrever Ficção*, do professor Assis Brasil. Sinto alívio ao terminar a leitura e poder formular as questões advindas do contato com tais afirmações contidas na obra e nas aulas.

I. QUESTÃO ESSENCIAL

Aqui encontra-se o maior entrave em relação a teorias da escrita criativa que tive contato durante o curso. A questão essencial é “algo de originário e, muitas vezes, intransitivo. É questão por ser matéria a ser resolvida – um problema, portanto – e é essencial porque ínsita ao ser humano.” (ASSIS BRASIL, 2019, p. 93). O autor continua explicando que “...a questão essencial reage/interage com os fatores externos expressos na história, provocando o conflito.” (ASSIS BRASIL, 2019, p. 95)

Penso que essa teoria possui algumas modificações quando pensada para a criação de uma personagem mulher. Muito dos conflitos externos os quais fazem parte da vida de uma mulher, também ficcional, não provém apenas de suas questões interiores, ou essenciais, mais do fato de serem mulheres. A gravidez, por exemplo, pode ser um conflito externo³⁷ de uma personagem,

³⁷ Reafirmo aqui o fato de que uma gravidez costuma (existe outras configurações, como a in vitro) envolver também um homem, mas que não costuma ser muito significativa como conflito externo nas histórias.

mas ele pode não ter advindo de sua questão essencial, por mais que em alguns casos possa ter relação com ela. Uma mulher trans pode ter o conflito externo de ter apanhado na rua. Uma mulher negra pode sofrer racismo em uma entrevista de emprego e continuar desempregada. Apesar de eu ter citado problemas relacionados a estereótipos, eles atingem a vida de mulheres, elas pensando ou não sobre essas questões. Certamente existem alguns conflitos externos aos quais homens possam ter não relacionados com suas questões exteriores, mas os acontecimentos aqui citados podem surgir durante a personagem estar lidando com outra questão essencial.³⁸ Também digo que uma pessoa não possui apenas uma questão essencial, mas sim diversas durante sua vida, e isso pode refletir-se na literatura.

II. TEMA e TEMÁTICAS

O tema e a temática em um romance são dois conceitos diferentes e complementares. O tema é o ponto principal, que no caso do meu romance, vai unir as três personagens: o sentimento de não-pertencimento e exploração do ser feminino. O humano não pertencente à cidade e nem mesmo à natureza. Com isso, surgem as temáticas as quais se relacionam com ele, as visões e questões que discutem o tema.

As temáticas são tratadas através da visão de cada personagem, sendo algumas delas mais presentes que outras. Raquel traz consigo a problemática da ausência do pai. Comum no cenário brasileiro e retratado em diversos romances, aqui esse assunto é mostrado através de sua relação familiar entre ela, a mãe e o irmão. Ele possui uma doença cognitiva rara e de difícil diagnóstico, mas na qual sua mãe é vista como culpada por sua família, em especial os pais do marido. As complicações do parto quase levaram à morte da mãe, que já apresentava problemas alcoólicos antes e que passam a aumentar durante a gravidez atingindo seu ápice nos anos seguintes, até que o pai abandona a família de Raquel por achá-los fracos.

Outra temática presente é o vegetarianismo. Querendo ver-se longe desse universo familiar, Raquel tenta adentrar a cultura alternativa da cidade, local no qual esse tipo de alimentação é mais comum. Vindo de uma família abastada, ela pensa constantemente no seu futuro, e acaba encantando-se com o meio artístico da cidade, apesar de ainda não o conhecer bem. Assim,

³⁸ Uma guerra é um conflito exterior, mas uma mulher na guerra possui outra vivência e outros conflitos que um homem não precisa lidar. O mesmo pode ocorrer com outras minorias, mas penso aqui sobre a construção do ser feminino.

pretendo tratar de algumas questões relacionadas às dificuldades que passam quem produz arte, focada na situação de Porto Alegre mostrando as diferenças entre os artistas de classes sociais diferentes.

São diversas as contradições presentes em seu amadurecimento igualmente refletidas no espaço do romance. A decadência da cidade demonstrada pelas cenas boêmias noturnas, a casa grande na Zona Sul, local em que vive desde sua infância e que agora se encontra à venda. Temos o declínio do Hipódromo do Cristal, lugar em que ela praticava hipismo na infância e onde ganhou diversos prêmios passa por dificuldades financeiras, além do fato de ela ter abandonado o esporte devido à sua mudança para um estilo de vida mais alternativo no qual tenta não consumir nada que prejudique os animais.

Para Marília, o espaço é um dos aspectos mais relacionados com a construção de sua personagem. Durante todos o romance, ela começa em lugares maiores e eles vão diminuindo em cada capítulo, até que o ambiente se torne o próprio interior da personagem. Ou seja, ela começa na rua, num espaço aberto e termina em sua mente, o espaço mais fechado, inclusive reverberando em seu corpo que vai definhando. Com isso, exploro o sonho da primeira personagem, que deseja mudar-se para São Paulo, e pondero acerca dessa mudança. Fugir dos problemas alternando de cidade não é uma solução, pois eles vão continuar te acompanham.

Outra temática é a maternidade e o instinto materno como algo natural, ou seja, que todas as mulheres o possuem em vez de ser uma condição estimulada. Quando Bianca engravida, percebemos que nem sempre uma mulher deseja ter um filho, e ainda que o deseje, ela não se torna imediatamente uma mãe passando a amar incondicionalmente sua criança. Com isso, também tento trazer questionamentos antigos ligados ao passado do Brasil e nossas origens, ainda mais em um tempo em que ainda é pregada a extinção dos indígenas e o desmatamento desenfreado de terras para a indústria do agronegócio.

[comentários sobre a qualificação – 26 de junho de 2019]

I. Por que escrevo sobre os problemas de Sophia, uma garota branca, lésbica, pertencente a classe alta em decadência na cidade de Porto Alegre?

Para me tornar uma escritora de romances resolvi começar por um universo próximo. Com isso, explorar questões que considero merecedoras de atenção (sendo esse próprio universo uma dessas

questões) como as diferentes concepções e práticas do feminismo, as visões políticas e de mundo de uma classe específica, para que a partir daí eu explore também outras vivências. Não tenho a intenção de fazer um retrato completo do Brasil ou do que é ser mulher, mas de explorar e expor alguns lados (com suas dúvidas e contradições). Sim, Sophia é uma personagem jovem, que, portanto, possui problemas de uma jovem, incluindo aí uma ingenuidade política e social. Suas questões são um luxo e isso não significa que não devam ser debatidas, pois apenas com o retrato completo de diversas vivências é que podemos ter uma noção do que compõem o ser mulher e sua universalização. Não acho que a Sophia seja a melhor representante para tratar de todas as brasileiras, mas é uma personagem a qual sinto falta na literatura pois enxergo nela vivências ainda não tão exploradas, assim como uma forma de mostrar a própria hipocrisia e descobertas de alguns meios como o vegetarianismo (ao qual faço parte), o feminismo branco e outras questões.

Sinto-me na obrigação de responder tudo que me perguntam, por outro lado, não vejo fazendo o mesmo com autores homens. Aqui, generalizo para um bom sentido. Sim, sim, pode até ser que nem todos os autores homens, mas tenho a dizer que a história da Sophia é tão universal quanto a história de homens brancos, héteros, com cerca de 40 anos e provavelmente escritores ou jornalistas. Tenho aqui duas lutas: conteúdo e a forma.

II. Sobre as tabelas, questões essenciais e construção de personagem

Existem diversos tipos de escritores: os que não planejam nada até os que planejam o máximo possível. Durante o mestrado eu tive mais contato com os métodos do professor Assis Brasil, que cria através da Questão Existencial (QE) para a sinopse e depois para os capítulos. Descobri que me ajuda até certo ponto, pois meu método é ir descobrindo a coerência que a linguagem pode me dar. Durante a graduação descobri meu método para escrever poesia. Eu poderia ter continuado por ele, mas queria descobrir o que é ser romancista. Então me propus a desvendar meu método e sinto que o primeiro resultado não vai ser o melhor, mas agora sei como fazer.

III. O meu método (o que funcionou?)

Descobri que trabalho melhor por imagens (ex.: quadro de imagens presente nos anexos C, D e E) e que minha criação é pautada por um sentimento no qual desejo transmitir, para então pensar em um tema, e só aí entra a criação do personagem. Sou uma escritora mais fluida, que cria melhor

sem ter tanto planejamento, e sim, com as constantes referências de filmes, livros e conversas do dia a dia. Gosto de experimentar e mudar de forma.

IV. A terceira pessoa

A escolha pela terceira pessoa começou como uma sugestão do Assis, que comentou sobre a falta de romances escritos nessa forma nos últimos anos, e que essa técnica expõe erros como a descrição de espaços. Senti que inicialmente não conseguiria escrever em primeira pessoa pois não teria a habilidade de criar três vozes femininas que fossem tão distintas. Ainda sinto que a minha terceira pessoa pode melhorar e que a primeira é mais pessoal, mas continuo com essa escolha. Talvez numa segunda reescrita eu tente intercalar primeira e terceira, como demonstrado por Lygia em *As Meninas*.

[25 de julho]

Passei 10 dias em Chapecó e volto hoje. Precisava tirar 10 dias após o término de um semestre conturbado e cheio de dúvidas. Durante a viagem de ônibus imaginei o roteiro de um curta. Sinopse: A vida de Helena é marcada por um grande acontecimento. E depois?

Viajo dormindo e acordando e imagino as seguintes cenas: Helena está sozinha em um ônibus. Durante o intervalo para alimentação ela enxerga de relance, no ônibus ao lado, um zumbi comendo uma pessoa e eles trocam olhares. Ela permanece em estado de alerta, pegando coisas em volta as quais poderia usar como arma, procura a saída de emergência e pensa em tudo que é capaz de acontecer. As pessoas, despreocupadas, voltam lentamente aos assentos e o ônibus vai embora. Durante o resto da viagem os outros passageiros dormem e ela fica observando a janela, preocupada. Ninguém viu o que Helena presenciou. Quando chega na rodoviária, procura o assunto pelas televisões, pesquisa no celular e nada. Ela volta a trabalhar em um estado ansioso e assustada. Em uma tarde, ela acha que vê no meio da multidão um homem igual ao zumbi, mas perde-o de vista. Anos se passam e ela está arrumando o lanche para seus filhos irem à escola. Ela pensa em colocar uma arma na lancheira, mas desiste. Ela se despede dos filhos, que entram na van escolar. Quando finalmente fica sozinha, ouvimos gritos.

Acho que criei esse curta pois estava cansada da viagem e pensei nesses momentos nos quais gostaríamos muito que algo acontecesse, nem que esse algo fosse extraordinário. Ou quando se vive uma coisa tão extraordinária que até nem parece verdade e sente que ninguém vai entender se

tentar explicar. Gosto que seja um curta de horror sobre metáforas. Enxergo muitas delas nesse contexto: a primeira é que o curta pode significar que coisas muito óbvias estão acontecendo a sua volta e ninguém mais está vendo (como a situação política atual do Brasil, de negação da realidade); ou o que acontece na nossa vida depois de um grande acontecimento, como o melhor ou pior momento (grande parte da vida pode ser um grande marasmo)? O uso do zumbi também possui muitos significados. Primeiro, ele cria no público um sentimento de lugar-comum por ser uma temática utilizada em diversas obras. Assim, esse espectador permanece na expectativa do que vai acontecer (devido à regularidade da atmosfera tensa comum em obras que possuem a figura do zumbi) e essa expectativa é frustrada, pois nada acontece. É como na vida, em que às vezes se deseja muito algo que não acontece (como exemplo alguns fãs de filmes de horror que confabulam em como seria sobreviver a um apocalipse zumbi). É deixar brechas e aberturas para o espectador preencher. Lembra a sensação de *Nightmare at 20,000 Feet*, episódio 123 da série *Twilight Zone* (1959), no qual algo horrível está próximo e muito distante. Mas a ideia vai além disso pois o zumbi pode significar uma violência próxima que ninguém nota e que ninguém pode fazer nada, inclusive eu mesma.

*

Preciso falar sobre algo delicado. Enquanto escrevia o roteiro, sentada na mesa da sala de frente para a janela que dá para a rua, vi uma violência. Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo. Um homem puxa a bolsa de uma mulher e eles brigam por cerca de 3 minutos, enquanto a mulher grita por ajuda. Várias pessoas passam pela frente e um carro fica parado. Eu os espero ajudarem, mas nada acontece. O homem desiste da bolsa e sai frustrado. Enquanto ela se ajoelha para pegar os pertences, ele volta e a agarra por trás. A violência dura 5 minutos e eu fico ali, paralisada, ouvindo os gritos e observando muitos homens passarem na frente, sem nada fazer. Ouço ela gritar por ajuda e não sei se gravo, se ligo, fico em pânico. Decido ligar para o 180 e eles dizem só a polícia pode ajudar. O homem por fim dá socos na mulher até ela desmaiar e cair. Ele começa a quebrar a grade da casa logo à frente, e arrasta ela para dentro. Com a visão dessa cena logo à minha frente, estamos separadas apenas pela janela da minha sacada. Ligo para o 190 e tento descrever o que aconteceu. Eles pedem o endereço e eu dou o nome da rua e referências e eles pedem para eu descobrir o número da casa. Vejo o homem sair com o que parece ser uma arma na mão. Procuro no Google Maps e acho o número, ligo de volta para a polícia. Eles dizem que vão mandar uma viatura. Enquanto espero e observo, uma memória ressurge na minha cabeça. Eu havia

apagado ela por 2 anos e alguns meses. Algumas violências precisam de tempo para serem curadas. A polícia me liga novamente, e enquanto eles conversam ouço eles falarem sobre alguma arma. Me sinto impotente e exausta. Ouço troca de tiros. Decido que devo procurar ajuda médica.

[26 de julho de 2019]

Um mês após a qualificação resolvo os nomes definitivos das personagens: Sophia, Marília e Ana. O Altair havia comentado sobre a escolha deles. Não me agradavam. Raquel remete a uma pessoa existente, fazendo com que eu me sinta desconfortável. Marília ainda gosto. Bianca é um nome de origem italiana, além de me lembrar da personagem de outro livro. Nome brasileiros, na medida do possível.

[4 de agosto de 2019]

Decidi pela sobriedade. Diante de tempos sombrios, de luta diária, de poderes fascistas e controladores, decidi pela mais alta sobriedade. É preciso estar consciente em todos os níveis para escrever. Entender como funcionam os vícios, trocar as bengalas emocionais. Se eu luto contra um sistema machista, como poderia me encantar a figura do poeta bêbado? Isso existe em cada esquina. Difícil é ser aquela que diz não a todos os tipos de controle. Revolucionário é ser uma mulher que se ama e que se permite ser amada. A escrita também é sobre isso. É sobre compreender todo o sistema no qual vivo, todas as armadilhas. O vício da tristeza é poderoso. O vício das redes sociais. O ego do escritor. É contra tudo isso que luto agora. Vivo um tempo o qual não posso ser apenas (e aqui digo apenas sabendo que isso é muito) feminista e vegana. Meu feminismo é pela igualdade. Meu veganismo é pela igualdade. Todos os maus hábitos precisam mudar. Os homens a minha volta também merecem ser curados. Todos merecem despertar dos vícios. Em tempos de ódio eu decidi me amar para poder amar os outros e permitir assim a verdadeira revolução. Hoje entendi o que para mim é ser mulher. Desejo livrar todos das amarras as quais não lhe permitem ser o que são, ou que possuem vontade de ser. Minha resposta é pessoal e mutante e não há nada mais bonito do que se permitir. Ser mulher é poder ser tudo.

Sobriedade é não escapar de si mesmo. É controlar a ansiedade. Hoje, ser mulher é me amar. Compreender a teoria é uma coisa. Outra é colocar ela em prática. Quando comecei com o feminismo eu não tinha seios flácidos. O meu corpo muda e eu preciso amar o tempo. Eu nasci em

um corpo o qual é odiado, que recebe todo tipo de violência. E eu não escolhi nascer assim, da mesma maneira que os homens não escolheram. Com a sobriedade vou me curar de todos os abusos e violências que sofri até então. Não existe poder maior que ser dona de si mesma. Sou dona do meu corpo, sou dona da minha mente. A jornada da mulher é sempre mais longa. Toda (minorias) tem seus obstáculos. Entrego o que posso e o que é verdadeiro. O conhecimento acadêmico não é suficiente. É preciso colocá-lo em prática. Meu feminismo começou nas redes sociais e só depois veio para a academia. Percebo uma grande evolução entre o dizer e o fazer.

[7 de agosto de 2019]

Olhei as mãos de minha mãe e elas estão murchas. Não fui acostumada a amar a velhice. Não sabia o que fazer com aquelas rugosidades além de amar, além de me imaginar naquele lugar, ainda que lute contra a ideia de ter filhos. Eu seria capaz de amar alguém como ela me ama?

[8 de agosto de 2019]

Recomecei a ler *As Meninas* (1973), da Lygia Fagundes Telles. Há aqui também uma Ana Clara. Gosto da escolha do nome. Logo no início do livro, na página 19 da edição que leio, me faço a seguinte pergunta: quem está narrando? A cena se trata da descrição de uma gata e suas ações. Assim percebo que Lygia percorre com naturalidade a narração em primeira e terceira pessoa não apenas entre os capítulos, mas em uma narração que envolve as vozes de Ana, Loreninha e Lia. Três personagens que abarcam a vivência de mulheres durante a ditadura brasileira, a cabe aqui a curiosidade de que a obra não foi censurada pelo AI-5, e teve que resistir para não cair no esquecimento até no meio que lutava contra a ditadura, por parte da estrutura machista presente no meio literário, em especial na década de 70. Apesar do título meigo, conhecemos a realidade de três personalidades únicas que possuem marcações de fala intensamente singulares que se torna delicioso conhecer histórias tão pesadas. A polifonia em sua forma mais radical. E radical são os assuntos pelas quais essas meninas-mulheres divagam em diálogos cheios de poesia, pêssegos, sexualidade, freiras, drogas, música, amor, violência. Diálogos em fluxo livre dentro de um ambiente cativo, em que desconexo não é o que se fala, mas os que não deixam falar. Aqui, os homens são coadjuvantes e o protagonismo está na docilidade, na ferocidade, no vestido, na meia, no lenço, na calcinha.

-

Quando iniciei, não imaginei que a escrita seria também um processo de cura contra as violências sofridas por ser mulher. Há algo muito místico em ser mulher. Não se explica o misticismo, sente-se. Não há teoria que abarque a magia.

Sinto que entendo da teoria (o que não é o mesmo que sempre saber como colocá-la em prática). Os narradores de Friedman, assim como as personagens planas e redondas, o tempo histórico, cronológico e psicológico, o tempo da escrita e da narrativa, os tempos verbais no dizer versus o mostrar, o espaço físico e psicológico, a mudança para o focalizador, a primeira, segunda ou terceira pessoa, a questão essencial e o conflito, os gêneros; James Wood e o estilo indireto livre, literariedade e estranhamento, a morte do Autor de Roland Barthes, o discurso da narrativa de Gérard Genette, o ato da criação por Agamben, Deleuze e Juan Rulfo, o anjo literário de Halfon, as corridas de Murakami e o planejamento de Umberto Eco, os níveis do ponto de vista de Alicia Rasley, (e tantas outras teorias)... Foram dois anos e meio da graduação e mais um ano e meio do mestrado e nesse processo o que me marcou é como escrevo e sobre o quê. Escrever a dissertação é manter constantemente uma linha de pensamento, o qual descobri ser interrompida por diversos fatores, sendo o mais marcante o fato de ser mulher (ou ser entendida como tal). O patriarcado é uma força tão poderosa que ainda me vejo em uma luta constante pelo tempo da criação. O nervosismo de sair na rua e chegar em casa em segurança e o tempo de se acalmar. As tarefas domésticas e a casa em um estado inalcançável de perfeição, esse mesmo estado para o corpo, e o processo de aceitar as falhas e ver beleza no que é considerado defeito. A busca pelo meu próprio cânone, ou seja, a leitura do cânone mais a leitura de mulheres e outras minorias, a reflexão constante de tudo que me é ensinado por homens e a maneira como isso se conecta ou não comigo, entre outras lutas diárias as quais permanecem invisíveis.

[9 de agosto de 2019]

Como adicionar redes sociais na literatura? Ainda não encontrei uma obra que trate disso sem parecer forçado. Vou fazer alguns testes no romance, mas não encontrei ainda a solução.

[10 de agosto de 2019]

Resolvo voltar com uma alteração no capítulo 5: agora, Marília volta a encontrar o livro *Terra Avulsa* (2014), do Altair Martins, em um sebo, e por isso começa a tapar as janelas para se isolar,

pois é uma personagem muito influenciável pela literatura. Me arrependo de ter deletado o que já escrevi. Até o perfeccionismo pode atrapalhar um trabalho. Deixe para reescrever quando terminar, não no meio.

[15 de agosto de 2019]

Na corrida dos prazos eu não me permiti explorar a linguagem. Faltam experimentações, ainda. Ajustes no narrador. A cada dia eu gosto mais do texto, que parece se soltar e se deixa acontecer, compartilhando a guia, rota. Ter um prazo ajuda? Sim e não. Sim pois o prazo coloca um objetivo a ser alcançado e ajuda a notar o desenvolvimento de tempos em tempos. Não pois o prazo também pode limitar a criatividade e acabarmos optando pelo caminho mais fácil e já conhecido. O romance continua.

CONCLUSÃO

Volto a começar por uma afirmação: “A arte brasileira da próxima década será decolonial, originária, cosmológica, ritualística, vibracional, matriarcal³⁹, afroindígena, reencantadora do mundo, destruidora de toda moral branca ocidental.⁴⁰” Nesse sentido, quando falo da criação do ser feminino é levando em consideração as diversas camadas interiores e exteriores. As pessoas não são suas generalizações, mas devemos pensar no impacto da interseccionalidade. Eu não sou apenas uma mulher, mas também sou uma mulher.

Durante o percurso de se tornar escritora foi nítida a falta de teórica mulheres de escrita criativa trazidas para a sala de aula. Na minha pesquisa, me deparei com várias teóricas que não trabalhei pelo limite de tempo disposto, mas que merecem futuras observações: *Become a Writer*, de Dorothea Brande’s; *The Forest for the Trees*, de Betsy Lerner’s; *Writing Down to the Bones*, de Natalie Gold; *Indie Writer Survivor Guide*, de Susan Kaye; *Bird by Bird*, de Anne Lamott; *Escrita Criativa – O Prazer da Linguagem*, de Renata Di Nizo; *Reading Like a Writer*, de Francine Prose; *Steering the Craft*, de Ursula K. le Guin; *Como se encontrar na escrita – o caminho para despertar a escrita afetuosa em você*, de Ana Holanda; *Diários*, de Susan Sontag; e até mesmo a obra *A arte do romance*, de Virginia Woolf.

Parte dessas descobertas foram sugestões feitas por colegas, parte importantíssima dos estudos. A troca de informações no meio acadêmico deve ir além da conversa em sala de aula e nos corredores e chegar até a parte escrita. A leitura (e utilização) do trabalho de diversos colegas, em sua maioria mulheres, contribui para que, não apenas não haja a repetição de temas e problemas, mas que haja o avanço em relação a eles. Cito aqui outros exemplos: a colega Kali dos Santos e seus estudos em narratologia⁴¹, outra teoria importante da escrita criativa proposta por uma mulher, Mieke Bal. Há também os estudos da colega Julie Dorrico sobre literatura indígena, demonstrando a diversidade dos povos originários e a importância de ler e ouvir as vozes de

³⁹ Entendo aqui essa utilização do termo matriarcal no sentido da mãe contida no pachamama, ou seja, de uma cultura feminista, e não o matriarcado como o oposto do patriarcado.

⁴⁰ Frase escrita por Matheus Ribeiro (Cartunista, Cientista Político, Decolonial, Ambientalista, Comunicador da Plataforma @mercosursocial) e postada em seu instagram <<https://www.instagram.com/p/B7bjRDAHK6C/>>, acessada em 30 de janeiro de 2020 e reaccessada em 10 de março de 2020.

⁴¹ Presente em sua monografia *Breaking Expectations: a study of the narrative process used by Neil Gaiman on the novel The Ocean at the End of the Lane*.

escritoras como Lidia Krexu Rete Veríssimo, Zélia Puri, Eva Potiguar, Célia Xakriabá, Chirley pankará, entre outras, inclusive ela mesma.

É preciso colocar as minorias nesses lugares ao mesmo tempo em que esses lugares vão até as minorias. Um exemplo recente é a minissérie que a Globo anunciou sobre a ativista Marielle Franco. São diversos os problemas acerca desta produção, sendo um deles a escolha de nenhum negro, em especial mulheres negras, na área de roteiro e direção. Um manifesto divulgado pelo site Alma Preta⁴² foi assinado por 68 profissionais do audiovisual os quais demonstram a quantidade de pessoas mais aptas que não foram ponderadas para esses cargos.

Reitero que apenas a leitura de teoria de mulheres sobre a escrita não basta se não for levado em conta outros fatores como o racismo ou até mesmo a reprodução do machismo. Patti Smith, minha artista favorita, reflete na obra *Devoção* (2019)⁴³ sobre a escrita. Ao introduzir o assunto, utiliza a imagem antiga da musa: “A inspiração é a incógnita da equação, a musa que assola na hora oculta [...] Por que o criador retorce o drama todo? A pena se ergue, guiada pela musa estilhaçada...” A figura da musa é pautada por uma visão patriarcal a qual coloca a mulher num lugar de objeto a ser utilizado pela arte, e não como um ser ativo que realiza arte. A atriz e diretora Helena Ignéz reflete sobre isso ao dizer: “A voz da musa é silêncio.”⁴⁴ Vista como a musa do Cinema Novo, a artista renega o título ao dizer que não é e não quer ser vista apenas como uma coadjuvante.

Uma experimentação relacionada a linguagem e gênero foi realizada em 1984 por Suzette Haden Elgin na obra *Native Tongue*. A criação de uma língua chamada Láadan é construída por um grupo de linguistas mulheres responsáveis pela interação com humanos e alienígenas em um contexto em que o Congresso revoga os direitos das mulheres e torna-as ainda mais subjugadas ao

⁴² Manifesto disponível em <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/para-antonia-pellegrino-diretor-negro-no-brasil-tem-que-ser-igual-ao-spike-lee-mas-se-for-branco-qualquer-um-serve>> acessado em 10 de março de 2020.

⁴³ Quando comento que Patti Smith é minha artista preferida é para evidenciar que apesar de eu considerar suas obras as minhas favoritas, também possuo um distanciamento suficiente para reparar em algumas reproduções de estereótipos prejudiciais, ou outras características que vejo como contra prudentes, mas que isso não faz com que eu deixe de gostar de todo o resto de sua obra ou que isso a diminua como artista. Eu mesma já reproduzi e reproduzo diversos preconceitos e é através do estudo constante que realizo para evitar que isso continue acontecendo.

⁴⁴ Helena Ignéz fala sobre o assunto em uma entrevista dada para o Nexo Jornal, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zwB2aGuZTts>>, e também em uma entrevista para a plataforma Mulher no Cinema, disponível em <<https://mulhernocinema.com/entrevistas/autora-helena-ignez-rejeita-titulo-de-musa-a-voz-da-musa-e-o-silencio/>>, acessado em 10 de março de 2020.

poder dos homens. O blog *Laadan Language*⁴⁵ reúne informações dadas pela escritora que explica a ideia do idioma como uma ferramenta vocabular que pudesse expressar conceitos importantes para as mulheres (ELGIN, 1999):

I don't know all women, either, or even a tiny percentage of them. The complaints around which the theory was constructed have come from women who are native speakers of well-known languages (especially English and languages in the same family as English); they were the research subjects for the experiment. With that constraint (which makes the experiment what scientists call a "pilot" experiment) stated, I can go on to tell you that I saw two major problems — for women — with English and its close linguistic relatives. (1) Those languages lacked vocabulary for many things that are extremely important to women, making it cumbersome and inconvenient to talk about them. (2) They lacked ways to express emotional information conveniently, so that — especially in English — much of that information had to be carried by body language and was almost entirely missing from written language.

A autora revela a importância da tese do relativismo linguístico de Sapir-Whorf em que a estrutura de uma determinada língua determina a percepção e a interpretação do seu falante perante o mundo. Na obra, a língua é criada por mulheres, mas elas não são suas únicas falantes. Alguns termos demonstram essa visão: *lawida* significa estar grávida enquanto *lalewida* é estar contente pelo fato de estar grávida, estar grávida e feliz por estar grávida; *eba* significa cônjuge no sentido literal de esposar e só pode ser utilizado no plural pois é considerado uma ação conjunta e não algo que uma pessoa pode fazer com a outra; *radamalh* significa não tocar com más intenções.

A autora explica que criou essa língua na tentativa de testar quatro hipóteses: que a hipótese do relativismo linguístico é verdadeira; que há mudanças que não podem ser introduzidas em uma língua sem destruí-la e línguas que não podem ser introduzidas em uma cultura sem destruí-la; que a transformação da língua traz transformação social e não o contrário; que, se as mulheres tivessem uma língua própria, das duas, uma: elas a acolheriam e cultivariam ou, no mínimo, seriam motivadas a substituí-la por uma melhor, construída por elas próprias. A autora comenta que como a língua foi pouco vista e divulgada, e que não obteve resultados conclusivos.

Ainda que atingíssemos um número ideal da leitura de teóricas e escritoras mulheres, também existe o problema da representação e da criação de seres femininos pelos homens. Isso não quer dizer que homens não possam escrever personagens mulheres, pois um ótimo exemplo de criação vêm de dois colegas: a novela *Mônica vai jantar*, de Davi Boaventura, na qual há um

⁴⁵ Disponível em <<https://laadanlanguage.wordpress.com/articles/articles-by-suzette/laadan-constructed-language/>>, acessado em 10 de março de 2020.

ótimo e bem pensado retrato de uma mulher que se vê diante da situação de seu companheiro ter sido flagrado se masturbando em um ônibus, mostrando a ambivalência de sentimentos como o medo e o amor; e também a obra de Gustavo Czekster (ainda inédita) *A Nota Amarela*, na qual há uma cena em que a famosa musicista Jacqueline Du Pré está tão conectada com seu instrumento que possui a sensação de se masturbar diante de uma plateia a qual não percebe seu júbilo sensorial. Apesar de ótimas as construções das personagens, vale lembrar uma frase de Beauvoir: “Mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação.”

Durante a revisão final desta dissertação ouvi episódio 5 da série 3 do #Divã Pop - Bastidores da Pesquisa Empírica: desvios, "falhas" e a metodologia como vilã⁴⁶, criado por Adriana Amaral, importante pesquisadora da área de cultura digital, ficção-científica, sociabilidades na internet, subculturas, juventudes, cenas e gêneros musicais, estudos de fãs e fandoms e cultura pop. Este episódio possui como debatedor o Rafael Grohmann, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) que possui experiência em comunicação e trabalho; trabalho digital; cooperativas de comunicadores e cooperativismo de plataforma; trabalho dos jornalistas; teorias da comunicação; circulação de sentidos, e possui como convidado, por Adriana Amaral, Marcelo Santos, professor do PPG de comunicação Cásper Líbero e pesquisador interdisciplinar, com ênfase na análise das relações entre tato e visão e crítica dos fenômenos culturais e comunicacionais, da publicidade aos games, para conversar, com a participação dos integrantes do grupo cultpop Larissa Becko, Kassieli Melo e Eloy Vieira sobre as dificuldades presentes no andamento da pesquisa empírica, comentando sobre o que fica escondido nos resultados finais de artigos, teses e dissertações, as falhas ocorridas durante esse processo, como lidar com elas e as possibilidades que ela pode gerar. Como reflexão final, penso que o resultado desta dissertação conta muito sobre as falhas do processo, em especial a angústia, resultados parciais e, também, um enorme aprendizado sobre o tema, por parte da autora. Verifico a necessidade de uma pesquisa (que eu mesma me interesse em realizar) sobre a representação nos romances brasileiros contemporâneos que envolva a participação de editoras independentes, autoras independentes e publicações que não possuem um registro ISBN, como zines e textos contidos em revistas digitais não registradas e blogs. Comentei anteriormente sobre o fato que não consegui responder todas as perguntas, sendo a mais importante no momento para mim a: quem são as mulheres teóricas sobre

⁴⁶ DIVÃ POP. 2020. Disponível em <<https://anchor.fm/adriana-amaral>> Acesso em: 15 abril 2020.

escrita criativa?, a qual pretendo continuar pesquisando. No mais, acredito que a obra “Há um segundo era presente” possui grande chance de ser dividida ou transformada em um longa e um documentário.

Termino aqui como quem pausa temporariamente o entrelaçamento de linhas de tecido para a formação de uma imagem para fazer o texto sonhar, dar seu tempo, para então voltar a tecer, como diz Toni Morrison (1981): “Se há um livro que você quer ler, mas não foi escrito ainda, então você deve escrevê-lo.”

REFERÊNCIAS

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. Regina dalcastagnè. Disponível em:

<<http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/dalcastagne.pdf>> Acesso em: 7 de junho de 2018.

ARRUDA, Aline Alves. DUARTE, Constância Lima. NEVES, Ana Barreto Caroline. PAIVA, Kelen Benfenatti. PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **A escritura no Feminino: Aproximações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

AS TAIS Cariátides. Direção: Agnes Varda. França, 1984. (12 min)

ATWOOD, Margaret. **Negociando com os Mortos** – A escritora escreve sobre seus escritos. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

BALIEIRO, Cristina. PICCIA, Beatriz del. **O feminino e o sagrado - a mulher na jornada do herói**. 1ª ed. São Paulo: Ágora, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**; tradução de Sérgio Milliet. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BENSIMON, Carol. **O Clube dos Jardineiros de Fumaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BUSSAB, Vera Silvia Raad. **Resenha: Mãe Natureza - Uma visão feminina da evolução: Maternidade, filho e seleção natural**. Interação em Psicologia, 2002, 6(1), p. 117-12.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo, 2019

_____. **Debates feministas: Um intercâmbio filosófico**. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BRASIL, Luís Antônio de Assis. **Escrever Ficção** – Um Manual de Criação Literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas: Os mistérios do Divino Feminino**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAVE of Forgotten Dreams. Direção de Werner Herzog. Paris: (FRA) Werner Herzog Filmproduktion, 2010.

CHIMAMANDA, Adiche: o perigo de uma história única. 1 vídeo (19 min) Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br. Acesso em: 13 de abril de 2018.

CHIOVATTO, Ana Carolina Lazzari. **A representação do feminino no mundo de oz, de L. Frank Baum**. Dissertação (Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71.

_____, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo”, in **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2010.

_____, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte/EdUERJ, 2012.

_____, Regina. **Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 11. Brasília, janeiro/fevereiro de 2001, pp. 19-26.

DEAN, Michelle. **Afiadas – As mulheres que fizeram da opinião uma arte**. São Paulo: Editora todavia, 2018.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Tradução: Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003, p. 151-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>> Acesso em: 14 de maio de 2020.

DURAS, Marguerite. **A Dor**. Tradução: Vera Adami. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

FISHER, Marryane L. GARCIA, Justin R. CHANG, Rosemarie Sokol. **Evolutions Empress: Darwinian Perspectives of the nature of women**. New York: Oxford University Press, 2013.

GOULART, Sandra. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca**. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 2004.

GIMBUTAS, Marija. **The Civilization of the Goddess: The World of Old Europe**. Harper Collins, 1991.

GIRALDO, Omar Felipe. **El discurso moderno frente al “pachamamismo”: La metáfora de la naturaleza como recurso y el de la Tierra como madre**. Polis, Revista de la Universidad Bolivariana, Volumen 11, N° 33, 2012.

GUIN, Ursula K. Le. **Steering the Craft: Exercises and Discussions on Story Writing for the Lone Navigator or the Mutinous Crew**. Mariner Books; Edição: Reprint, 2015.

HRDY, Sarah Blaffer. **Mãe Natureza - Uma visão feminina da evolução: Maternidade, filho e seleção natural**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUIN, Leopardo Sales Yawa Bane Huni. **Apresentação na mesa redonda “Os usos da ayahuasca: aspectos religiosos, antropológicos e científicos”**. Sexto Movimento pela Vida, Centro de Ensino Médio, Palmas, 25 a 28 de maio de 2005.

KUHN, Thomas. **La estructura de las revoluciones científicas**. Fondo de Cultura Económica, México D.F., 2006.

O ABRAÇO da Serpente. Direção: Ciro Guerra. Produção: Cristina Gallego. Colômbia: Diaphana Filme, 2015. (125 min)

KOHAN, Silvia Adélia. **Como escrever diálogos: a arte de desenvolver o diálogo no romance e no conto**. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2017.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas-SP: Mercado de Letras, São Paulo, SP: FAPESP, 535 p., 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Araújo. **O uso ritual da ayahuasca**. Mercado das Letras, Campinas, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby. CAVNAR, Clancy. **Ayahuasca Shamanism in the Amazon and beyond**. New York: Oxford University Press, 2014.

MADARASZ, Norman Roland. A Mulher do Fim do Conceito: O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir ainda criando devires em seus 70 anos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 8 de junho de 2019. Caderno de Sábado.

MEDEIROS, Stéfani Garcia. **A jornada da heroína: estrutura narrativa para roteiros de ficção**. Dissertação (Mestrado em Letras – Escrita Criativa) – Escola de Humanidades, PUCRS. Porto Alegre, 2019.

MORETTI, Franco. **O Romance – Volume 1, A Cultura do Romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

MORRISON, Toni. Conversations with Toni Morrison. Ohio Arts Council Speech, 1981. Disponível em: <<https://www.newspapers.com/clip/21863475/tonimorrison/>>, Acesso em 10 de agosto de 2019.

MURDOCK, Maureen. **The heroine's journey: woman's quest for wholeness boulder**, Colorado: Shambhala Publications, 1990.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras no século XIX: antologia**. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. 3 v.

_____, Zahidé Lupinacci. **A ascensão das mulheres no romance**. In: ARRUDA, Aline Alves et al. *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

NARANJO, Claudio. **Ayahuasca - La enredadera del río celestial**. 2a ed. Barcelona, La Lave, 2013.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (org.) **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

PAREDES, M. Rigoberto. **Mitos, supersticiones y supervivencias populares de Bolivia**. La Paz: Arno Hermanos, 1920.

POLLACK, Rachel. **O corpo da deusa: no mito, na cultura, na arte**. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 1998.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de citações em documentos elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2017. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/modelos>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento: Justificando, 2017.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SMITH, Patti. **Devoção**. Tradução: Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

STRAYED, Cheryl. **Wild: from lost to found on the Pacific crest trail**. 1st ed. New York: Borzoi Books - Knopf, 2012.

STUCKEY, Johanna. **Ancient Mother Goddesses and Fertility Cults**. Journal of the Association for Research on Mothering. Volume 7, Número 1. p. 32 – 44, 2005.

SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109121>>, Acesso em 14 de maio de 2020.

TAYLOR-GUTHRIE, Danielle. **Conversations with Toni Morrison.** Jackson: University Press of Mississippi, 1994.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

VASCONCELOS, Sandra. Gardini. **Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII.** São Paulo: Boitempo, 2002.

VOGLER, Cristopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores.** 3a ed. São Paulo: Aleph, 2015.

WOOD, James. **Como Funciona a Ficção.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOOLF, Virginia. **A arte do romance.** Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

_____, Virginia. **Profissão para Mulheres e outros artigos feministas.** Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2012.

_____, Virginia. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

WILD. Direção: Jean-Marc Vallée. Produção: Bruna Papandrea, Bill Pohland, Reese Whitterspoon. Nova York (EUA): River Road Entertainment, 2014.

ZARIF, Bárbara. **Mulheres transformam mercado editorial com publicações independentes.** Tab Uol, São Paulo, 8 ago. 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/08/mulheres-abrem-editoras-para-derrubar-maioria-masculina-entre-autores.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A Construção da Personagem Feminina na Literatura Brasileira Contemporânea (Re)escrita por Mulheres.** Diadorim, Rio de Janeiro, Volume 9, p. 95 - 105, julho 2011.

ANEXO A – O primeiro texto escrito sobre o romance (13 de junho de 2017)

Há um segundo era presente

Vitória V.

Personagem 1 - Menina de 19 anos, mora em Porto Alegre. Estuda psicologia e desenha nas horas vagas. Com o tempo, começa a ter o sonho de montar um ateliê com suas amigas. É lésbica e não está mais em um relacionamento sério. Mora em uma casa muito grande, apenas com sua mãe. Na infância, ganhou diversos prêmios em hipismo, mas foi largando com o tempo, ao pensar em se tornar vegetariana. Sai bastante pelas noites de Porto Alegre e possui um grupo muito grande de amigas, convive intensamente no meio lésbico e um pouco no meio gay de Porto Alegre. Apesar disso, não tem amizades fixas e muda muito de grupo. Possui, apesar de jovem, altos indícios de alcoolismo e depressão. Anda sempre com uma câmera de filmes e guarda em um caderno diversas anotações sobre suas saídas, junto com desenhos e pensamentos. Além do álcool, costuma fumar muita maconha. Vive mudando de arte, começando a frequentar um grupo de escultura, desenho vivo e um de experimentações artísticas na cidade. Sempre usa bicicleta e chega a sofrer um acidente. Instável, não deixa aparecer seus sentimentos, mudando frequentemente de atitude. Apesar de se dizer artista, não gosta de museus, não vai ao teatro, não vê filmes e lê quase nada. De vez em quando vende seus desenhos para marcas de roupas alternativas. Alta e muito magra, costuma chamar a atenção por onde passa. Em um momento visita sua prima que mora em SC, na mesma cidade da personagem 3.

Personagem 2 - Menina de 24 anos, mora em São Paulo. Mudou-se faz quase 2 anos, mas nunca se acostumou. Morou em Porto Alegre até os 21, trabalhando em uma agência de publicidade. Ao conquistar diversos prêmios, foi convidada a se mudar para São Paulo. Desde a época em que trabalhava em agência sempre bebeu muito. Trabalhou até os 22/23, quando se deu conta que mal conhecia a cidade, pois passava seus dias na agência ou com os clientes. Abandona a publicidade e passa muito tempo depressiva em casa, sente saudades de Porto Alegre, mas não quer voltar por um passado que aos poucos se revela, relacionada com a personagem 1. Sente falta do contato com a natureza. Seu apartamento em São Paulo é muito pequeno e vazio. Tenta enchê-lo de plantas, que logo começam a morrer por falta de cuidado. Pense em se mudar para uma cidade pequena. Costuma sair sozinha por bares da cidade e possui um histórico com drogas. Vai muito a um karaokê na Praça Roosevelt. Costuma passar bastante tempo no celular, escrevendo no bloco de notas.

Personagem 3 - Mulher de 29/30 anos, mora em X (ainda não decidi, mas é uma praia pequena de poucos habitantes) em Santa Catarina. Cursou História, se interessa por biologia e apenas se alimenta de frutas. Está grávida, mas não sabe quem é o pai. Recém fugiu de uma comunidade em que todos viviam livres. É nômade e já passou por diversos lugares do Brasil. Pensa muito em seus pais e de vez em quando viaja até um determinado local para ver as cartas que recebeu. Apesar de estar sempre cercada de natureza, não sente-se mais em casa (ou talvez nunca se tenha sentido). Sabe observar as estrelas e se guiar por elas a noite. Conhece diversas plantas medicinais, inclusive abortivas. Durante o livro realiza um ritual de Ayahuasca (antes ou depois de estar grávida, ainda estou pensando). é muito ligada a rituais de origem indígena e relacionados ao ciclo feminino com a lua. Sua viagem de autodescoberta é atrás de uma planta abortiva, para decidir se terá ou não o filho.

Pretendo com que todas as personagens possuam alguma ligação, mesmo que sejam entre os locais que viveram, situações que passaram e assuntos em comum, não necessariamente ligação direta. Pretendo tratar de diversos assuntos, mas o principal seria um sentimento de fim do mundo, de não-pertencimento e de exploração do ser feminino. Uma questão que desejo abordar também é o de não pertencimento nem a cidade, e nem mesmo a natureza.

ANEXO B – Tabelas da Sinopse – Expansão da Sinopse
(originalmente escrita de 20/06/18)

RAQUEL

Sinopse	Como? (Expansão da Sinopse)
Raquel tem 19 anos, é uma jovem que está se descobrindo lésbica e é estudante de psicologia (2º semestre) em Porto Alegre.	Raquel tem muitas dúvidas em relação ao seu futuro, pois está cursando o seu segundo semestre de psicologia e não tem certeza se é isso que deseja fazer na vida. Ela é lésbica e sente a necessidade de experienciar sua vida como tal, mas não é aceita pela família.
Abandonada na infância pelo pai,	(pré-história) O pai de Raquel é um empresário que sempre teve suporte financeiro e casou-se com sua mãe para ter alguma companhia, mostrá-la para seus familiares e conhecidos e para ter alguém em casa. Eles não se conversam, o que gerou uma profunda depressão em sua mãe, que passou a beber.
possui um irmão com problemas cognitivos	Durante a gravidez, sua mãe descobre que seu feto possui complicações, ela continua a beber (pré-história) e acaba tendo um parto difícil, no qual quase morre. Após o acontecido, seu pai abandona a família aos poucos, dizendo sempre estar viajando em função do trabalho, e não retornando mais as ligações, mandando cada vez menos dinheiro.
que sua família tenta colocar em sua responsabilidade enquanto ela tenta realizar o sonho de largar psicologia e montar um ateliê de artes em São Paulo.	A família de Rachel não culpa seu pai pelo abandono, e culpa sua mãe por continuar a beber, prejudicando sua depressão. Rachel tenta se livrar do compromisso, mas acaba cuidando de seu irmão enquanto não vê futuro no curso que escolheu, desenha nas horas vagas e deseja realizar o sonho de largar tudo isso para ir para São Paulo montar um ateliê de artes com suas amigas.
Apesar de se dizer artista, não gosta de museus, não vai ao teatro, não vê filmes e lê quase nada.	Rachel começa a frequentar o "meio" artístico ao qual possui contato: meninas novas que estão começando a desenhar, fazer colagens, protestos, frases de impacto e fotografia. Enxerga nessa nova onda uma maneira de distração e protesto contra o modo de vida que acredita não fazer parte: sua família rica. Quer ser artista, apesar de não saber muito bem o que isso significa.

<p>Instável, possui um grupo grande de conhecidas e convive intensamente no meio gay da cidade, mas não possui amizades fixas.</p>	<p>Popular nas redes sociais, enxerga em suas amigas um modelo de vida que também não é o ideal, baseado na imagem. Circula pelas festas gays e isso faz com que ela, aos poucos, vá tomando mais coragem de expor sua sexualidade e lutar contra os preconceitos sociais vigentes. Não possui amizades tão fixas pois gosta de circular e ser vista pelos outros, que a veneram.</p>
<p>Na infância, ganhou diversos prêmios de hipismo, mas ao virar vegetariana larga o esporte,</p>	<p>(pré-história) Como distração e para não ficar muito tempo cuidando dos filhos e gerar status social e com sua família, sua mãe a colocou no hipismo quando criança, e fez com que Rachel tivesse mais contato com animais do que com humanos, visto que seu irmão tinha dificuldades com demonstração de afeto. Assim, ela foi uma ótima aluna e ganhou diversos prêmios. Ao andar com suas novas amizades, ela larga o esporte e tenta escondê-lo, pois muda seus valores e agora acredita que não deve machucar animais, assim como gastar seu dinheiro com isso.</p>
<p>e só volta a ter contato com cavalos ao descobrir neles um tipo de terapia que ajuda seu irmão,</p>	<p>Aos poucos, Raquel começa a ajudar seu irmão. Um dia, descobre com seus professores uma terapia com cavalos que pode ajudar no tratamento dele. Com isso, passa a ficar mais tempo ao lado dele e ele começa a melhorar o comportamento e a afetividade.</p>
<p>mas acaba abandonando-o e sua mãe alcoólatra e viaja para a tão desejada cidade.</p>	<p>Suas amigas a pressionam para abandonar tudo. Falta apenas a parte dela do dinheiro para ela ir embora com as amigas. Ela recebe uma mensagem do pai para ir encontrá-la no aeroporto. Ela vai, conversa com ele, consegue o dinheiro e abandona a mãe e o irmão.</p>

MARÍLIA

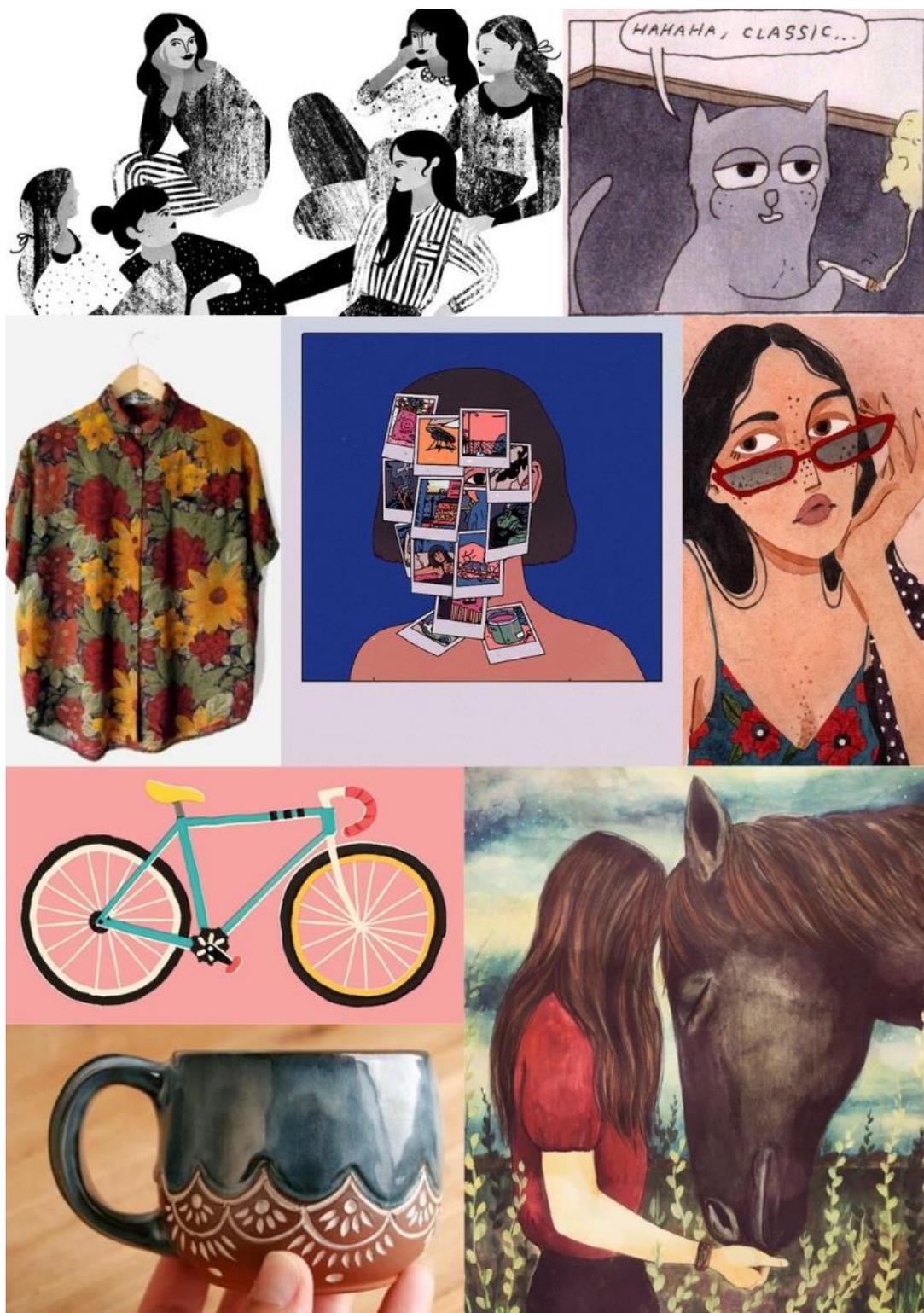
Sinopse	Como? Expansão da sinopse
Marília tem 24 anos, e ao se livrar de um relacionamento abusivo em sua cidade natal (Porto Alegre), muda-se para São Paulo.	(pré-história) Marília viveu um relacionamento que a fez cursar publicidade. Não sabendo direito como lidar com suas escolhas profissionais, acabou trabalhando na área. Depois de anos, cansada de viver ao lado de uma pessoa que a maltratava psicologicamente, resolve ir trabalhar em São Paulo, antigo sonho de vida que tinha com seu ex.
Publicitária e passiva diante da vida, trabalha há dois anos numa agência na qual não suporta mais viver.	Trabalhando em um prédio gigante, ela passa dois anos morando em um apartamento minúsculo, pagando as contas como consegue e quase sem sair de casa, pois seu trabalho faz com que ela acabe dormindo muitas vezes lá, e convivendo com seus colegas, só tendo eles como amigos, ainda que não sendo boas amizades.
Tendo muita dificuldade de tomar pequenas decisões, com saudades da natureza e de sua família, resolve tentar viver a cidade, mas acaba por sair cada vez menos de casa, pensando em se mudar para uma cidade pequena.	Cansada de viver em uma cidade grande e desiludida com o fato de achar que se mudando todos os seus problemas iriam se resolver, Marília sonha em se mudar para um lugar com menos gente, e para mais perto da natureza, onde acredita que vai encontrar paz e mais harmonia.
Seus espaços de convívio vão diminuindo de tamanho. Ao ir em um supermercado, têm um ataque de pânico e acaba por conhecer um atendente da área de floricultura, que a apresenta ao cultivo de bonsai, decide colocar plantas no seu apartamento	Ela resolve sair de casa e visita algumas festas pela cidade, mas não consegue fazer amizades e nem se conectar com as pessoas. Em uma visita ao supermercado, pensa em sua mãe e quando ela fazia compras com ela e têm um ataque de pânico. Ao correr, depara-se com um atendente que a socorre. Eles começam a conversar e ele a apresenta ao conceito de bonsai. Ela compra algumas plantas e as leva para casa. Começa a criá-las e a conversar com elas.
que vão morrendo por falta de cuidados e criar um ecossistema e uma linguagem própria, na tentativa de negar sua humanidade,	Marília está presa a ideia de que não deseja mais ter relacionamentos pois tem medo de se machucar. Passa a tentar evitar sua nova amizade com o atendente e desenvolve uma depressão. Passa seus dias em casa, conversando com as plantas.
acaba por, aos poucos, quase perder sua sanidade.	Marília larga tudo e vai para o meio do mato. Não sabemos se isso ocorre em sua insanidade, ou se ela realmente consegue tomar uma decisão final e se mudar para outra cidade.

BIANCA

Sinopse	Como? Expansão da sinopse
Bianca tem 29 anos, é nômade e já passou por diversos lugares do Brasil, sendo criada desde criança nessas condições por seus pais.	(pré-história) Os pais de Bianca foram nômades durante grande parte da vida e a criaram assim. Mudando-se constantemente, cedo ela se viu independente e continuou a morar por diversas comunidades pela Brasil.
Cursou história, se interessa por biologia e possui uma alimentação de frutas e raízes.	Chegou a se formar em história e aprendeu em suas andanças a se alimentar de plantas e raízes, assim como confeccionar praticamente tudo o que usa, como ervas medicinais.
Vivendo em uma comunidade alternativa, engravida, mas não sabe quem é o pai. Resolve fugir	Acostumada a manter relações sexuais com diversos parceiros, ela engravida e resolve fugir da comunidade em que vive para procurar ajuda espiritual.
e pensa muito em sua família, viajando até um determinado local para ver as cartas que recebeu deles.	Não sabe exatamente em que lugar seus pais moram, mas eles possuem uma cabana ao qual mandam cartas para ela se comunicar, mandando um novo endereço para ela responder. Ela vai até lá para ler as correspondências antigas e passar um tempo sozinha. Pensa em contar para seus pais, e manda uma carta, ao qual não conhecemos seu conteúdo.
Apesar de estar sempre cercada de natureza, não se sente mais em casa (ou talvez nunca se tenha sentido). Na tentativa de obter respostas, realiza um ritual de Ayahuasca	Bianca pondera sobre como foi sua vida e se ela quer ou não ter um filho. Não se sente mais tão à vontade sozinha, mas também não se vê ao lado de outra pessoa, formando uma família estável. Para isso, ela procura uma curandeira conhecida sua e realiza um ritual de Ayahuasca.
e resolve partir em uma viagem de autodescoberta atrás de uma planta abortiva, para decidir se terá ou não o filho.	No ritual, ela recebe um guardião animal que a indica partir em uma trilha no meio da mata em busca de uma planta abortiva. Ela, então, resolve partir e encontra algumas pessoas pelo caminho, assim como seu animal em sua forma física. No final, Bianca contar a seus pais sobre o filho e recebe uma carta de sua mãe dizendo que seu pai morreu. No funeral, Bianca aparece grávida e ambas resolvem se juntar para criar a criança.

ANEXO C – Criação da Personagem Sophia

Figura 11 – Quadro de Referências para a criação de Sophia



Fonte: Pinterest

1. Ideia Geral de Personagem

Sophia é uma jovem lésbica em plena descoberta de sua sexualidade. Abandonada na infância pelo pai, possui um irmão mais novo com problemas neurocognitivos que sua família tenta colocar em sua responsabilidade. Sua mãe é depressiva e para escapar da realidade recorre ao álcool. Isso pode ter acarretado o nascimento problemático de seu irmão, motivo pelo qual a mãe carrega uma culpa alimentada por toda a família. Morando em Porto Alegre, é estudante de psicologia do 3º semestre e tenta encontrar no curso uma maneira de lidar com o irmão e solucionar esse problema. Sua perspectiva de vida muda quando conhece uma ciclo-ativista que está fazendo uma viagem pela América Latina. Resolve que quer se mudar para São Paulo para montar um ateliê de arte com as amigas. Ainda não sabe o que fazer da vida, por isso vive mudando de arte, e começa a frequentar grupos de escultura, desenho vivo e experimentações artísticas pela cidade. Apesar de se dizer artista, não gosta de museus, não vai ao teatro, não vê filmes e lê quase nada. Possui um grupo grande de conhecidas e convive intensamente no mundo gay da cidade. Sua família não aceita suas escolhas enquanto ela tenta conciliar os cuidados com seu irmão (que envolvem um mundo masculino do qual tenta rejeitar), suas descobertas e suas vontades para o futuro. Na infância, ganhou diversos prêmios de hipismo, mas ao virar vegetariana larga o esporte, e só volta a ter contato com cavalos ao descobrir neles um tipo de terapia que ajuda seu irmão. Por fim, acaba por ter uma desilusão amorosa com a ciclo-ativista e resolve ir embora para São Paulo. Nessa jornada, compreende mais a perspectiva de sua mãe, e muda a visão sobre seu pai (antes figura de inspiração).

2. Elementos Definidores Concretos

Idade: 19 anos

Signo / Aniversário: 21 de setembro - Virgem

Escolaridade: cursando o terceiro semestre de psicologia na PUCRS

Localidade: Porto Alegre / RS

Condição Social: classe alta em decadência

Aparência: fisionomia: rosto com traços angulares, olhar de superioridade - **corpo:** alta (1,74m), muito magra (50kg), cabelo curto e ondulado - **roupas:** calças de tecido leve e fino, regatas estampadas da Farm, sapatos da Insecta, acessórios coloridos e fofos de alpacas e anda constantemente com uma bolsa de estampa peruana o qual carrega uma Instax azul bebê - **atitude:** preponderante, misteriosa, irônica - **trejeitos:** andar elegante, movimentos refinados.

3. Visão de outras pessoas sobre o personagem (preconceitos)

Fria e calculista, não pensa no sentimento dos outros.

É muito inteligente e entende do que fala, multitalentosa.

Sua apatia é um charme.

4. Características que são aparentemente paradoxais

Ela troca constantemente de amizades, mas sempre está tirando fotos das pessoas mais próximas e possui uma caixa na qual guarda todas.

Se diz vegetariana/vegana, mas procura no cavalo uma cura para o irmão.

É grosseira e cínica, mas sempre está cercada de pessoas interessadas nela.

Apesar de parecer fria ela possui momentos que considera bregas.

5. Pormenores que tornam a personagem objeto de curiosidade

Ela aparenta gostar apenas de duas coisas: ela mesma e a Aviv.

Seus amigos sempre concordam com o que ela fala, por mais que seja besteira.

Ela causa fascinação por sua juventude privilegiada e as possibilidades que permite.

6. Qual é questão essencial deste personagem? Ela se manifesta através de suas fraquezas (eu temo tal coisa) e necessidades (eu preciso de alguma coisa).

Sentindo-se abandonada por um pai que acredita ser o mais forte da família, Sophia sente-se rejeitada e quer mostrar-se forte diante das situações, afastando-se do universo masculino que vê representado em seu irmão deficiente. Aí dá-se sua QE:

contraditória, ela não enxerga no pai um inimigo, mas um aliado ao qual quer se juntar e provar-se como ele. Por causa desses problemas, seu irmão é infantilizado e reproduz comportamentos machistas, sem consciência de seus atos. Têm amigos que são outros homens que estão constantemente na casa de Sophia, assistem futebol e tratam as mulheres como objetos. Sentindo-se presa nesse ambiente (que sua mãe nunca conseguiu superar), ela sente ainda mais vontade de abandoná-los, já que sua família não aceita sua sexualidade e coloca nela a responsabilidade dos cuidados de seu irmão.

7. 5 coisas que a personagem jamais fará:

Sophia não vai deixar de fazer o que quer nem por amor.

Sophia não vai se sentir culpada pelos seus atos.

Sophia não vai querer estudar textos teóricos da psicologia e artes.

Sophia não vai deixar de gostar de andar a cavalo.

Sophia não vai ter vontade de aprender violão.

8. 5 coisas que a personagem com certeza fará:

Sophia vai, de certa maneira, continuar culpando a mãe.

Sophia vai desprezar quem se sente deprimido abertamente ou que se mutila.

Sophia sempre vai querer ser o centro das atenções ao mesmo tempo que finge não ser.

Sophia vai humilhar seus amigos quando eles erram coisas pequenas.

Sophia vai achar extremamente chato obras consideradas da alta arte.

9. Relações de Personagens

Mãe (Lígia – 41 anos): Lígia casou-se cedo com Ricardo. Sua família é tradicional da elite porto-alegrense e sempre motivou seu marido a subir de cargo enquanto estimulava ela a ficar em casa para ter filhos. Seu sonho era ter sido jóquei e possuir uma fazenda de criação de cavalos inspirada na figura de seu avô que foi um famoso jóquei e

ascendeu socialmente pelo turfe. É alcoólatra e sua família a culpa pela doença de seu filho pois acredita que ela bebia escondida antes da gravidez, quando na verdade ela passou a beber logo depois.

Pai (Ricardo – 50 anos): Ricardo é um homem de poucas palavras com a mulher e os filhos. No trabalho é visto como alguém muito sério e comprometido, sempre atarefado. A família da Lúcia o respeita muito e possui veneração pela sua figura, como uma pessoa que vai dar continuidade ao poder do sobrenome. Após o nascimento de Lucas, ele começa gradualmente a se afastar da família e diz passar mais tempo no escritório até o ponto de não ir mais para casa e dizer que está sempre viajando a trabalho, aparecendo apenas em datas comemorativas. Manda cada vez menos dinheiro todo mês para os tratamentos do Lucas e a manutenção da casa.

Irmão (Lucas – 15 anos): Lucas teve um parto complicado e nasceu com sequelas. Sua doença é desconhecida, mas possui dificuldades de aprendizado e motoras, surtos de raiva e de extremo afeto. Mais novo que Sophia, a família ainda vê nele uma cura para se tornar o próximo patriarca, relevando suas atitudes. Estudando em um colégio que não é apropriado para suas especificações, possui colegas que se dizem amigos e que aproveitam das situações e do seu dinheiro. Gosta muito de futebol e animais. Sophia esconde o carinho que tem por ele com medo de se apegar demais e não conseguir seguir sua vida.

Amigos do irmão (Rodrigo, Nicolas, Henrique): Rodrigo é o líder do grupo e é o que mais incentiva o machismo entre eles. Nicolas é irmão de Rodrigo e tenta repetir o que ele faz. Henrique de vez em quando discorda de Rodrigo, mas não tem coragem para enfrentá-lo. Por fim, descobre-se que Rodrigo já ficou com um dos amigos de Sophia.

Aviv - 21 anos: Ela diz que seu nome é Aviv - viva ao contrário – mas no final descobrimos que é Juliana. Muito do que conhecemos sobre ela é descoberto como mentira. Juliana chegou a visitar alguns lugares da América Latina, e até chegou a andar de bicicleta por eles, mas a viagem foi custeada por seu pai, que quer vê-la trabalhando como blogueira de viagens e por isso investe dinheiro nisso, situação que ela tenta esconder passando a imagem de alguém independente e aventureira.

Amigos da Sophia: Sophia possui um grande número de amigos, que na verdade são mais seus seguidores do que realmente pessoas íntimas na sua vida. Por circular em diversos meios (frequentemente muda a área do curso de arte que faz), nem sempre aparecem seus nomes, muitas vezes apenas algumas vozes, ou a indicação de que lugar ela os conhece. Ela possui duas conhecidas que querem montar junto com ela o ateliê em SP: Laura e Isabela. Laura tem 22 anos e quer seguir a carreira de administradora de empresas. Isabela também tem 19 anos e é colega de Sophia no curso de psicologia, que também pretende largar.

10. CAPÍTULOS

Capítulo 1

Sophia está no bar com diversos amigos conversando. Um dos assuntos é o projeto de montar um ateliê de arte com Laura e Isabela. Todos admiram Sophia. Ela sai para fumar e vê uma garota prendendo uma bicicleta na sua. Elas se olham. Aviv se aproxima, elas conversam sobre juventude, viagens e liberdade. Sophia pela primeira vez demonstra interesse em alguém. Ela pede o *whats*. Aviv diz que perdeu o celular, mas diz que vai entrar em contato. Sophia pega sua bicicleta e volta para casa. Chegando em casa sua mãe está bêbada e elas brigam. Sophia a humilha dizendo que todo o dinheiro vem do pai. Ela vai para o quarto.

Capítulo 4

Sophia acorda com gritos (acha que é um surto de Lucas). É o barulho dos amigos de seu irmão. Sua mãe bate na porta do quarto pedindo desculpas. Ela desce para tomar o café da manhã. (descrever a decadência da casa) Os amigos de seu irmão estão na casa (Rodrigo, Nicolas e Henrique), comentando sobre ir ao jogo. Seu irmão é violento com ela, sem querer. Sophia conta para a mãe que já está encaminhando a ideia de montar o ateliê de artes. Ela muda de assunto e pede para Sophia não se atrasar para a PUCRS e pergunta se ela não pode mais tarde levar seu irmão na consulta. Sophia pede para o motorista particular para colocar a bicicleta no carro. O motorista comenta sobre o atraso do salário. Sophia encontra Isabela e as duas vão para a aula. Ambas divagam na aula, desenhando cada uma em seu caderno. Isabela comenta que a viu conversando com Aviv, ela desconversa. Sophia sai no horário do intervalo e vai para uma aula de cerâmica. Na saída, acha ter visto Aviv andando de bicicleta, segue-a e atrasa-se no horário para levar seu irmão na clínica, perdendo a consulta.

Capítulo 7 (7 de agosto)

Sophia escuta seu telefone amarelo tocar. Corre para atender, mas não há ninguém na linha. Pega o telefone e liga para a clínica confirmando horário. Verifica se há alguém na casa além dela e do irmão. Vai até o quarto dele e verifica que há brinquedos espalhados por ali. Ela o acorda, ele fica nervoso e pede para não contar para a mãe. Ambos guardam as coisas. Ela arruma uma mochila para ele, com lanche. Descem para falar com os motoristas, mas o seu não se encontra mais ali (ela nunca decorou seu nome). Os dois entram no carro e ela fica observando o celular. Seu irmão fica tentando lhe chamar a atenção. Na clínica, a atendente reclama que está faltando uma parte do dinheiro. Ela tenta ligar para o pai e não consegue (pensa que mãe deve ter gastado tudo com bebida). O branco da sala lembra-a do parto complicado de seu irmão. Ela desce para fumar e encontra Aviv. “Como você sabia que eu estaria aqui?” (a mãe da Aviv é dona da clínica) Aviv dá uma resposta sobre o destino e as correntes energéticas. Elas marcam de fazer algo e Aviv diz que vai entrar em contato em seguida, que elas vão se encontrar por aí. Na volta, Sophia está respondendo mensagens de Isabela sobre o dinheiro necessário para montar o ateliê quando seu irmão volta a chamar sua atenção. Ela olha pela janela e vê o hipódromo.

Capítulo 10 (18 de agosto)

Sophia está arrumando a mochila de Lucas e olhando imagens de cavalos no celular quando os amigos dele chegam em casa. Rodrigo comenta que eles estão prontos para jogar futebol. Sophia comenta que o Lucas não pode fazer isso devido às últimas vezes. Rodrigo e Sophia brigam. Ela concorda em acompanhar. No meio do jogo Lucas tem um acesso de raiva e bate em Nicolas, do mesmo time. Rodrigo acha engraçado enquanto Henrique, o motorista de Lucas, e Sophia ajudam a colocá-lo no carro. Ela lhe dá comprimidos que não adiantam. Sophia conversa que vai levá-lo para ver cavalos. Ele se aquieta um pouco. Ela comenta com o motorista que isso é sigilo. Ele então combina para que não atrasem o salário dele. Sophia confirma que isso não acontecerá. Eles levam Lucas para dentro do hipódromo em que são atendidos por uma equoterapeuta. Ela pergunta sobre o histórico dele. Sophia responde que ela e sua família não sabem qual a doença do seu irmão. Ele tem surtos de raiva, não possui nenhuma deficiência física, mas de vez em quando perde a força dos braços e pernas, manca, e possui momentos em que se desconecta do mundo e não responde a ninguém. Num geral, age como uma criança e é muito tímido. Apesar de estar no segundo ano do ensino médio, Sophia sabe que ele vai muito mal nas provas. A equoterapeuta pergunta sobre os pais. Sophia diz que é a responsável por ele. A equoterapeuta apresenta Sophia ao cavalo e ela lembra-se da primeira vez que andou com um. Sophia lembra-se da primeira vez que sentiu tesão – no lombo de um cavalo, e da sensação de liberdade.

Capítulo 13

Sophia está desenhando olhos riscando com a chave na mesa, ao lado de Isabela. Isabela comenta que a Laura está pressionando para irem logo embora e pergunta sobre o seu irmão. Sophia pergunta se Laura sabe da condição de Lucas. Isabela diz que nem ela sabe direito. Sophia comenta que ele parece estar melhorando, e logo depois diz que não devem mais tocar no assunto. Isabela comenta que não vê a hora de mudar de ares e conhecer novas pessoas, novos bares. Sophia concorda. Isabela pergunta como ela tem ido na aula de cerâmica. Sophia desconversa e diz que viu Aviv há pouco tempo. Isabela responde: tipo agora a pouco? Aviv chega na mesa e elogia os desenhos de Sophia. Elas bebem e fumam um pouco. Decidem ir jogar sinuca no bar ao lado. Sophia pede para ela contar sobre suas viagens. Aviv diz que esse tipo de coisa não se conta, se vive. Ela mostra algumas fotos, de uma câmera analógica. Sophia a convida para voltarem juntas para casa. Elas se beijam e Aviv diz que elas vão se ver em breve. Sophia tenta não parecer ansiosa. Isabela bebe demais e diz que precisa ser levada pra casa. Sophia vê sua mãe saindo de um bar ao lado com um homem desconhecido. Ela avisa que é hora de irem embora, pois seu irmão vai precisar de cuidados. Ela divide um Uber com Isabela, que comenta que não gosta de Aviv. Sophia acha que é ciúmes. Chegando em casa, R Sophia vai ver como está seu irmão e ele está dormindo. Então, vai para seu quarto e liga para seu pai, que não atende. Abre seu aplicativo e ver que há dinheiro em sua conta. Fica fumando, atenta para ver se seu irmão não vai gritar. Ele não grita e ela dorme.

Capítulo 16 (31 de agosto)

Sophia e suas amigas vão em um protesto contra o impeachment. Isabela está nervosa pois tem um date logo após, com uma amiga de Aviv. ("O que você tanto olha para o relógio?" "Ainda não estou atrasada.") Seu grupo de amigos se encontram com Aviv e passam parte do protesto conversando. Sophia e Aviv tiram uma foto juntas. Sophia tenta marcar ela em uma foto e ela diz que não tem Instagram. Em um determinado momento, perto da ZH há uma certa dispersão. Ativistas ateiaram fogo em pneus, a polícia revidou com gás lacrimogênio. Sophia fica procurando Aviv. O protesto vai até um local em que atiram pedras nas fachadas das lojas. Sua mãe costumava levar ela em uma dessas lojas. Sophia fica lá, observando a quebra dos vidros.

Capítulo 19

Sophia sonha com a imagem de um lobo-guará comendo o filhote defeituoso da ninhada. Ela acorda e vai se olhar no espelho. Sophia sente-se bem pelo fato de que não possui a probabilidade de engravidar e nem a vontade. Procura traços de síndrome de Down. Ela recebe uma mensagem de Laura, combinando um almoço juntas num restaurante perto dali. Ao descer as escadas da casa, percebe que ela está quase vazia, com móveis faltando. Quando desce para a sala, que fica antes da cozinha, sua mãe está olhando fotos de cavalos e Sophia acha que ela descobriu o que está acontecendo. Lígia conversa com ela sobre a época em que Sophia praticava o esporte e conta um pouco da sua história com cavalos e de seu avô. Sua mãe pergunta por que ela parou de praticar equitação. Sophia fala da liberdade dos animais e que se sente presa naquele lugar decadente. Sua mãe diz que nunca quis ter tido filhos, mas que deu tudo o que tinha por eles. Lígia começa a chorar e Sophia vai embora para não fazer o mesmo. Ela vai a pé até o restaurante e fica segurando o choro. Ela então almoça com Laura, que comenta que está indo embora, só falta a parte do dinheiro dela. Sophia a diz também está pronta, e que logo, logo vai entregar a parte dela do dinheiro. Elas se despedem, Sophia diz que precisa almoçar em casa para ver o irmão. Na volta pra casa, ela percebe que Rodrigo e Nicolas estão lá com seu irmão. Rodrigo implica com Lucas, que diz não querer mais ir aos jogos de futebol. É a primeira vez que Sophia vê seu irmão se defender. Eles discutem e Lucas pela primeira vez não se altera. Ele fica nervoso, mas aguenta a situação. Rodrigo vai embora. Nicolas diz que ele tem que ficar com sendo só amigo do boiola do Henrique mesmo e também vai embora. Lucas diz que ainda gosta de futebol, só não gosta mais deles. Sophia se tranca no quarto. Ela abre o aplicativo do seu banco e olha para sua conta no negativo. Passa um tempo atualizando o aplicativo até ver que entrou dinheiro novamente.

Capítulo 22

Sophia e suas amigas decidem fazer uma festa da perda do hímen. É uma piada por serem lésbicas, e também para comemorar o fato de que têm dinheiro para ir para São Paulo e encontraram o ateliê – que vai se chamar hímen. Sophia é a responsável por adentrar primeiro no local, rasgando uma parede formada por papel crepom rosa. Neste momento, suas amigas riem e uma delas comenta que só tem mulher na festa. Sophia lembra novamente do parto complicado de sua mãe e do trauma do acontecido, mas pela primeira vez ela repara que seu pai estava ausente no dia, transformando sua visão do acontecido. Na festa, a maioria é de mulheres e alguns amigos gays. Bêbada, Isabela

está com sua nova namorada, que é amiga de Aviv. Isa comenta novamente que não gosta de Aviv. Sophia não dá muita bola até a namorada de Isa comentar que ela não se chama Aviv. Sophia descobre o perfil de Aviv (Juliana Moretti) no Instagram. Lá está seu sobrenome, que é o mesmo de uma das médicas da clínica que Sophia levou seu irmão. Sophia fica observando as fotografias de viagem, que aparecem algumas vezes a bicicleta. Sophia percebe, então, que a bicicleta estava muito nova para ter passado por tantos lugares e que ela não havia visto Juliana pedalando nenhuma vez.

Capítulo 25

Sophia está no aeroporto. Seus amigos fazem uma despedida. Um deles conta que já havia ficado com Rodrigo uma vez. Ela encontra seu pai. Eles conversam sobre a família. Ela percebe que não era ele quem estava dando mais dinheiro para a família, e sim, sua mãe, que começou a cortar as despesas da casa e vendeu-a. Ela tem a confirmação de que não o vê mais como uma inspiração e perdoa, de certa forma, sua mãe.

Capítulo Final (28)

Uma personagem – que podemos entender que é Sophia – chega em seu novo apartamento em São Paulo. Descobrimos que antes ali morava uma menina chamada Marília. Sophia abre as janelas do local, e começa a planejar as mudanças: mudar a cor do apartamento, repintar as janelas, colocar quadros...

ANEXO D - Criação da Personagem Marília

Figura 12 – Quadro de Referências para a criação de Marília



Fonte: Pinterest

1. Ideia Geral de Personagem

Marília teve um relacionamento abusivo durante muitos anos, o que deixou várias sequelas psicológicas e emocionais. Tentando se livrar dessas memórias, resolve levar uma vida sem relações que a machuquem, mudando-se para São Paulo e focando na sua carreira. Com isso, explora o sonho da primeira personagem, que deseja mudar-se para São Paulo e reflete acerca dessa mudança. Não querendo voltar para Porto Alegre por medo de enfrentar os resquícios de seu último relacionamento, também não enxerga mais nas grandes cidades um local de existência. Ela resolve abandonar a agência de publicidade em que trabalha, e tenta descobrir a cidade em que se encontra. Ela sente-se desconectada do universo que a rodeia, achando que, por exemplo, a natureza pode ser seu novo lar. Numa tarde de compras, possui um ataque de pânico no supermercado que a faz correr até a sessão de floricultura. Lá encontra Naoki, que a socorre. Aos poucos, começam a se aproximar. No seu apartamento pequeno e vazio, ela tenta enchê-lo de plantas com o intuito de criar um ecossistema ao qual ela se sinta pertencente, mas aos poucos as plantas vão morrendo por falta de cuidado. Ela começa a achar que a cidade está invadindo seu espaço, e conseqüentemente sua mente. Quer calar as vozes que adentram ao seu apartamento, acabando por lacrar janelas e portas e isolar-se de contato com humanos.

2. Elementos definidores concretos

Idade: 24 anos

Signo: peixes - aniversário: 17 de fevereiro

Escolaridade: formada em Publicidade e Propaganda pela PUCRS

Localidade: São Paulo

Condição Social: classe média

Aparência: fisionomia: rosto com traços arredondados, olhar distante - **corpo:** estatura pequena (1,58m), acima do peso (65kg) e carnuda (ao final do livro ela está anoréxica, tendo emagrecido ao ponto de não caber em suas roupas), cabelo comprido e desordenado - **roupas:** casacos largos e calças compridas, em geral usa roupas maiores que o seu tamanho - **atitude:** tímida, assustada, fantasiadora - **trejeitos:** mãos nervosas e escondidas nos bolsos; andar de cabeça baixa e desajeitada.

3. Visão de outras pessoas sobre o personagem (preconceitos)

Desligada, não presta atenção no que acontece a sua volta.

Mal-educada, pois não olha nos olhos quando conversa e não cumprimenta na chegada, na saída ou quando passa pelas pessoas na rua.

Desleixada ou brega, pois costuma usar sempre as mesmas roupas que não seguem um estilo esperado de sua idade ou cargo.

4. Características que são aparentemente paradoxais

Escreve muito bem, mas não liga para ganhar prêmios ou ser reconhecida pelo que faz.

Gosta muita de estar próxima da natureza, mas vive em São Paulo.

É quieta, mas possui opinião para tudo e ama discutir até os mínimos detalhes de todas as coisas ou acontecimentos que a cercam ou que passem por sua cabeça.

5. Pormenores que tornam a personagem objeto de curiosidade

Costuma ser muito atenta com tudo ao seu redor, refletindo sobre diversos aspectos da vida.

É muito sensível e imaginativa, criando novas maneiras de se relacionar com o seu entorno.

Possui um conhecimento maior do que aparenta sua idade.

Tudo lhe pesa, por isso tudo lhe é muito poético e poderoso, como se quase não suportasse o peso da existência.

6. Qual é questão essencial deste personagem? Ela se manifesta através de suas fraquezas (eu temo tal coisa) e necessidades (eu preciso de alguma coisa).

Marília é teve um relacionamento abusivo durante muitos anos, o que deixou várias sequelas psicológicas. Tentando se livrar desse problema e na tentativa de focar em uma vida sem relações que a machuquem, resolveu mudar-se para São Paulo, sonho de vida que reflete o objetivo de diversos publicitários porto-alegrenses. Trabalhando em um

meio também abusivo, ela tenta a partir disso se distanciar de seus sentimentos, formando uma bolha à sua volta. Aí surge a QE de Marília, que possui dificuldades de tomar até pequenas decisões e isola-se do mundo. Ela tenta convencer a si mesma que fugir é sempre uma solução, e enxerga na natureza uma forma de evitar o contato com as pessoas, e conseqüentemente, com os seus problemas. Não decide se quer voltar para sua cidade-natal e enfrentar o seu passado ou se deseja mudar-se para uma cidade pequena, em um local em que ninguém a conheça.

7. 5 coisas que a personagem jamais fará:

Marília jamais vai pagar muito caro por alguma coisa.

Marília jamais vai deixar de ouvir e entender a opinião de alguém, por mais que discorde.

Marília jamais vai esquecer algo que fizeram para ela, bom ou ruim.

Marília jamais vai querer vingança.

Marília jamais vai gostar da cor amarela.

8. 5 coisas que a personagem com certeza fará:

Marília vai parar algo que é considerado importante (como ir para o trabalho) para fazer algo considerado desimportante (como observar uma borboleta).

Marília vai ter medo de se aproximar até das pessoas as quais ela ama e tem vontade de estar perto.

Marília vai continuar acreditando que um dia alguém vai aprender a voar.

Marília vai se esquecer de coisas consideradas óbvias, como chavear a porta de casa antes de sair.

Marília vai pensar em suicídio quando estiver perto de janelas.

9. Relação de Personagens

As antigas relações de Marília são desconhecidas: seus pais, familiares, colegas de trabalho e a pessoa com a qual ele teve um relacionamento abusivo.

Naoki – 23 anos: Se conhecem quando Marília tem um surto no supermercado e corre para o setor de floricultura e jardinagem, onde ela trabalha. Naoki tem uma família pobre que vive de restos. Na infância, ela pegava roupas femininas e se vestia com elas. Naoki é trans, mas ninguém toca muito no assunto. Marília gosta muito de Naoki, mas traumatizada, tenta se afastar e negar a relação, o que acaba por machucar as duas. Naoki continua a tentar algo com Marília pois seu vô a ensinou: Tudo pode ser consertado.

Seu Yamamoto (avô de Naoki) – 67 anos: Não chegamos a conhecer seu nome completo, pois chamam-no apenas pelo sobrenome, como aquele que fundou e sobreviveu para passar adiante seu legado. O avô de Naoki possui uma loja de conserto e venda de antiguidades como relógios, rádios e outros objetos.

10. CAPÍTULOS

Capítulo 2

Marília está olhando para fora da janela. Está chovendo. Sua agência de publicidade é um local grande e agitado, ocupando mais de um andar do prédio, em que todas as salas são de vidro, com exceção da cozinha e banheiro. Ela está trabalhando há dois dias em um cartão de inauguração de um condomínio de luxo. Marília fica ouvindo a conversa de seus colegas em vez de trabalhar, pois não consegue mais entender o que o cliente quer. Ela é chamada para uma reunião em que precisa apresentar um trabalho que não é dela, pois seus colegas estão trabalhando em uma concorrência. Marília lê alguns slides, confunde-se e passa grande parte da reunião observando a janela. Então, joga o aparelho projetor enquanto se imagina cair do 13 andar. A agência para e a observa. Forma-se um silêncio, logo seguido de reclamações sobre o projetor ser importado. Ela se demite. Seus colegas se importam mais com o aparelho do que com ela.

Capítulo 5

Marília está no metrô, segurando o projetor quebrado. Ela decide que deve conhecer mais a cidade e visita o bairro Liberdade, que há tanto tempo ouve falar. Chegando lá, não fica tão encantada. Depara-se com um local sujo, entra em becos, movimentada-se atordoada. Para e come algo. Pede um cigarro para um desconhecido. Tenta adivinhar o que estará escrito em kanji. Sai perguntando em que lugar pode arrumar o aparelho. Indicam um local. Ela vai até a loja e conhece Seu Yamamoto. Ele diz que não vai sair caro. Ela aceita o serviço e eles conversam sobre tecnologia e dinheiro. Ela começa a perguntar sobre os objetos que estão ali pois sente afinidade com aquele lugar. Ela pergunta sobre a fotografia de um gato, pois sempre quis ter um animal em casa, mas como seu apartamento é pequeno e ela não parava em casa nunca quis dar esse destino a um bicho. Ao sair, uma abelha bate em sua cabeça, e cai ao chão, agonizando. Ela repara que tem outros corpos de abelhas espalhados pela rua.

Capítulo 8 (7 de agosto)

Marília está fazendo as contas de como vai conseguir se sustentar e até quando seu dinheiro vai durar (indicar que é dia 7 de agosto). Pega o celular e tenta ligar para um DDD 51, mas está sem crédito. Ela então pega um dinheiro separado e vai para o supermercado. Não está mais acostumada a ver tantas pessoas. Esbarra por algumas nos corredores. São muitos produtos e ela não sabe o que escolher com o pouco dinheiro. Ela pega algumas embalagens e fica lendo seus slogans. Alguns foi ela mesma que fez. Começa a ter um ataque de pânico. Corre pelo corredor de floricultura e esconde-se embaixo de algumas plantas. Naoki, atendente daquele setor e a socorre. Ela traz um cobertor e conversa até Marília se acalmar.

Capítulo 11 (18 de agosto)

Marília ouve a campainha de noite. Ainda está usando pijama. Naoki vai fazer uma entrega no final do turno de alguns itens do supermercado no apartamento dela. Ao atender a porta, pede para que ela entre. O apartamento tem algumas plantas espalhadas. Elas conversam sobre as plantas. Naoki começa a nomear algumas. Marília fica encantada. Naoki pergunta se ela quer fazer algo. Marília pede para não irem num lugar não muito lotado e vai trocar de roupa. Na volta, pede se Naoki não quer algo para vestir além do uniforme, e oferece seu guarda-roupa. Naoki aceita muito feliz e pergunta se ela não teria maquiagem. Marília diz que não usa, mas que ganhou algumas de clientes antigos da agência, e que as guarda numa gaveta. Marília aproveita o tempo para escrever o nome de cada planta enquanto Naoki se arruma. Marília elogia a maquiagem azul com olhos de gatinho. Naoki pergunta sobre um dos livros que está na estante de Marília: Terra Avulsa, de Altair Martins. Ela comenta que ganhou de uma antiga colega e que recém começou a ler. As duas caminham pela noite, e Naoki leva ela até um karaokê japonês (o prédio fica na Rua Maceió, 110 - ao lado da Rua Consolação). Elas entram e Marília pede para que Naoki consiga uma música. Elas bebem um pouco. Marília pergunta se Naoki sabe falar outra língua. Naoki diz que só tem contato com seu avô, e que eles só falam português entre si. Chega a vez de elas cantarem. "Já vi isso em algum filme." Cita Lost Translation. "O que você acha de São Paulo?" "Eu não acho nada." Marília fica com vergonha de cantar e pede que Naoki leve ela em casa, pois ela também não teria dinheiro para continuar ali. Marília sobe tonta as escadas caracóis de seu apartamento.

Capítulo 14

Está anoitecendo e Marília observa da sua janela o movimento das pessoas na rua. Imagina como deve estar a saída do metrô. Sente que nunca vai conhecer alguém tão bem pois vê apenas recortes espaço-temporais das pessoas (pensa em seu último relacionamento). Naquele momento, ela só consegue ver o que o quadrado de sua janela permite. Então observa pessoas saindo do shopping até que um grupo de jovens entra no prédio da frente. Ela acha esquisito a maneira como os prédios se sustentam, em como eles são próximos. Enquanto isso, imagina-os cair. Observando a cor das janelas logo a sua frente, uma luz é acendida. São o grupo de jovens, que ligaram uma música. Então, ela pega um banco alto, conecta seu computador no projetor e mira-o contra a janela dos vizinhos da frente, tapando-se com a cortina de veludo vermelha. Digita "oi", tampa o projetor e espera uma resposta. Contra o veludo, vê a resposta: "oi, como vai?".

Ela pede uma música para o grupo, que coloca o que ela pediu. Ela pergunta sobre cada um dos que estão ali. Um por um respondem ela. Perguntam sobre quem ela é, e ela fica um tempo sem responder. Então, digitam para ela escolher” A) uma nova música ou B) descrever o espaço onde ela está. Ela observa a sua volta e muitas das plantas estão um tanto murchas. Ela responde com a projeção da imagem de uma floresta.

Capítulo 17 (31 de agosto)

Marília está abrindo a geladeira (que possui poucos alimentos) quando a luz do apartamento é cortada. É de manhã cedo. Então, ela se senta e reúne todas contas que ainda não pagou e cola-as contra os vidros da janela, tornando o local ainda mais escuro. Ela pega um caderno e umas canetas coloridas e começa a nomear todos os objetos. Depois, começa a nomear as plantas por seu nome científico, e depois alguns pequenos insetos espalhados, como moscas e formigas. Por fim, não sabe se nomear e reflete sobre a origem do seu nome, sobre o que seus pais pensaram quando o escolheram. Sente a água escorrer pelos canos. Descreve os barulhos dos vizinhos. Começa a ouvir as vozes vindas da rua. Vai anoitecendo e ela termina de tapar toda a luz que acredita vir de fora, tentando tapar também os sons da rua.

Capítulo 20

Marília está no escuro quando não tem a certeza se ouviu ou não a campainha tocar. Então ouve a voz de Naoki e abre a porta. Naoki está preocupada e visita ela pois Marília não fez mais pedidos pelo supermercado. Marília diz precisar de velas. Naoki pergunta sobre as janelas fechadas. Marília pediu para que continuasse assim, no escuro, e em silêncio. Naoki acha que ela está com enxaqueca e respeita sua decisão. Então, Naoki pergunta sobre a luz e repara que as plantas da casa estão mortas. Marília disse que não conseguiu pagar as contas. Naoki pergunta se ela ficou sabendo das notícias e dá um resumo sobre o impeachment, os protestos da outra semana. Então, diz ter uma ideia e pergunta se ela ainda tem bateria no computador. Marília diz que acha que sim e Naoki pega o projetor, conecta nele e começa a descrever como seria passear com ela por São Paulo, mostrando pontos turísticos famosos, passeando pelo Google Maps (escrever no futuro, talvez na segunda pessoa).

Capítulo 23

Marília sonha que está atrasada para uma reunião de trabalho (sentimento de opressão e fracasso). Acorda com um barulho na janela. Ela tira algumas folhas da frente e vê um pássaro se debatendo. Ele machuca-se. Ela não consegue ajudá-lo por não conseguir sair de casa. Ela, então imagina-se conversando com Naoki. Percebe que sente mais falta dela do que medo de se relacionar.

Capítulo 26

Descrever o apartamento sendo esvaziado, com pessoas limpando as plantas mortas, tirando os quadros da parede e empacotando os objetos de Marília. A última coisa a ser levada é um bonsai (dar a entender que Naoki começou a morar com ela).

[Frases soltas]⁴⁷

Capítulo 5

Ao tomar café descompromissado, tinha a insistente companhia de um sachê de açúcar da marca união que dizia: "Viva Intensamente".

*

Conversa com Seu Yamamoto sobre a foto do seu gato que morreu:

— O amor dos animais caseiros nos dá de presente a concepção da morte.

Capítulo 14

Enquanto trovejava os rostos se voltavam para observar os relampejos enquanto ela virava-se para ver o reflexo da luz nos prédios. Não que ela fosse diferente, mas lhe chamava a atenção o único poste de luz desligado da praça.

*

Os prédios são como avalanches. Temia que ao ficar parada eles se transformassem em uma onda de concreto e derramassem em sua cabeça. Que cada bloco se desprendesse e ela fosse soterrada por um mar de corpos. Ou então que eles se dobrassem como um único corpo que pende ao chão. Inteiramente intacto nos milésimos antes da queda, como um suicida que se joga sem ver quem passa. O suicida que rompe o asfalto não difere da flor de Drummond. Ambos não suportam o peso do asfalto e procuram no seu rompimento uma saída. Não faz som a flor que abre as cicatrizes da rua. São como as pessoas que rastejam pelos muros e trepam nos postes à procura de um olhar atento. Os distraídos são seus alvos favoritos. Aqueles de sensibilidade aflorada, os que olham para o chão quando caminham e que se esquecem de como é andar durante a troca de pernas e pendem o corpo como ponteiros de relógio em direção a qualquer coisa que não sejam a si mesmos.

*

Ontem a janela estava vermelha. Hoje está azul. Azul é a cor da profundidade, dos naufrágios, das embarcações afundadas, dos afogados, dos que lutam contra a voracidade das águas penetrando os pulmões. Da troca de oxigênio por moléculas de hidrogênio. Dos que se despedem e nunca voltam. Dos que não tem de quem se despedir.

Capítulo 17

As palavras nunca lhe bastavam. Achava que elas não eram suficientes, mas nunca se deu ao trabalho de tentar outra coisa. O que significa ter um nome? Sentir o peso das letras. Como se saboreia um nome? Tinha medo de ficar presa às letras que nunca lhe pertenceram.

*

"As palavras podem nos salvar", mas ela não conseguia dizer nada e lembrava de Clarice como uma velha amiga. Sentia a inércia de seu corpo como uma não-vontade. Um ato involuntário ao qual não tinha controle, como quando nos entregam um recém-nascido nos braços e uma voz nos pergunta: e se os deixarmos cair?

⁴⁷Trechos e frases que sobraram das versões anteriores que eu ainda vou utilizar no romance, nos próximos capítulos.

Ninguém deveria presenciar a fragilidade de um ser que acabou de chegar ao mundo quando não vemos a hora de partir.

Capítulo 23

- O que nos difere dos animais é que podemos viajar no tempo-espaço.
- Como assim?
- Estamos eu e você aqui neste quarto, com essa mosca. A mosca faz isso e isso, pousa em tal lugar, talvez até tenha a memória de tal coisa, mas ela não pode se lembrar da história de outras moscas, suas antecessoras.
- Onde você leu isso?
- Eu e você não. Não podemos voar e fazer isso e isso. Mas se eu fechar os olhos, posso viajar até o início do universo se eu quiser.
- E quem me garante que a mosca não tem essa habilidade?
- A escrita. Já viu alguma mosca deixando algum rastro histórico o qual outra mosca pudesse compreender/ler?
- E a genética?
- Marília mata a mosca
- Que fique registrado que hoje, dia XX de tal mês, eu, Marília (sobrenome) matei esta mosca, ...
- E o que você vai fazer agora? Comer uma barata?

ANEXO E – Criação da Personagem Ana Clara

Figura 13 – Quadro de Referências para a criação de Ana Clara



Fonte: Pinterest

1. Ideia Geral de Personagem

Ana é nômade como seus pais, que a criaram com a ideia de liberdade tão pregada nos anos 60 e 70 pelos Estados Unidos. Por mudar-se constantemente, ela nunca teve um lugar que considerasse seu lar. Apesar de já ter morado em diversas comunidades alternativas em pequenas cidades, estranha o conceito de morar em cidades (principalmente as grandes) ou de possuir residência física. Ao engravidar de um homem com o qual manteve um rápido relacionamento livre, ela vai ao encontro de um ritual de Ayahuasca, para saber se vai ou não querer ter um filho, e se sim, em que lugar vai querer criar essa criança. No ritual, ela depara-se com um guardião animal que guia ela a fazer uma trilha sozinha, mata adentro para encontrar uma planta. Partindo em sua trajetória aparentemente solitária, guiada pela visão da flor branca, ela reflete sobre esse retorno à natureza, assim como a imagem da mãe como algo "natural". Ela fica em constante dúvida sobre querer formar uma família que acredita nunca ter tido, em um local específico. Mas isso seria fazer o esperado de uma sociedade, fato que ela também tenta lutar contra. Por fim, ela descobre que a planta que encontrou é abortiva. Ela decide por não usar e procura seus pais para contar sobre a gravidez. Então, ela e seus pais resolvem formar uma família mais concreta para cuidar da criança.

2. Elementos definidores concretos

Idade: 29 anos

Signo: sagitário - aniversário: 15 de dezembro

Escolaridade: iniciou uma graduação história pela UFG, mas não concluiu o curso.

Localidade: entre Goiás, Mato Grosso e Amazônia

Sua localidade muitas vezes aparece como incerta pois é uma representação geral de comunidades alternativas e ecovilas, assim como um imaginário sobre a natureza brasileira.

Condição Social: classe média baixa

Aparência: fisionomia: rosto quadrado, olhar focado - **corpo:** média (1,65m e 58kg), cabelo longo e preto - **roupas:** calças de pano com estampas místicas, blusas de tecido leve, bota de trekking, acessórios de acampamento (lanterna, faca) à mão - **atitude:** ativa, questionadora, perspicaz - **trejeitos:** movimentos precisos, aura mística.

3. Visão de outras pessoas sobre o personagem (preconceitos)

Quer liberdade a qualquer custo e não se apega a nada.

Usa o seu constante deslocamento para fugir das responsabilidades e de seus problemas.

É evoluída espiritualmente, e, portanto, possui uma inteligência emocional maior que os outros.

Não sente raiva, inveja ou ciúmes.

4. Características que são aparentemente paradoxais

Ela é atenta no uso de tecnologias, mas não gosta de usar o celular.

Apesar de viver em comunidades alternativas e possuir um estilo de vida que prega a sustentabilidade, o desapego material e o fim do sistema econômico vigente, usa roupas de marca e paga caro em utensílios.

Apesar de pregar a força do amor, nunca manteve um longo relacionamento.

5. Pormenores que tornam a personagem objeto de curiosidade

Ana explora os limites, sejam eles do ser humano x animal, cidade x natureza, e as derivações do comum x anormal.

O estágio em que se encontra lida com diversos assuntos polêmicos e de curiosidade geral: ervas como drogas e cura (ayahuasca); aborto; a procura da liberdade através dos relacionamentos e a inconstância de uma moradia.

Ana também retoma questões relacionadas com a origem, seja ela da vida, do ser mulher ou do brasileiro.

6. Qual é questão essencial deste personagem? Ela se manifesta através de suas fraquezas (eu temo tal coisa) e necessidades (eu preciso de alguma coisa).

Ana foi criada por seus pais através da maneira que eles consideraram ser a mais livre, mudando-se constantemente e com poucas restrições. Nascida de um casal que prega os conceitos de paz-e-amor, nunca teve um lugar que considerou ser o seu lar, seguindo

um estilo de vida que não prioriza uma única carreira profissional ou a aquisição de bens como um apartamento próprio e veículos automotivos. Apesar de seus pais serem resultado da tentativa de colocar em prática o movimento hippie, Ana sempre se sentiu como o produto do amor deles por si mesmos, e não parte de uma família. Então, sua QE existencial relaciona-se com o fato de querer formar uma família que acredita nunca ter tido, em um local específico. Mas isso seria fazer o esperado de uma sociedade, fato que ela também tenta lutar contra. Partindo em uma trajetória física e espiritual (fantástica), ela reflete sobre o retorno à natureza e ao ventre; sobre a concepção da existência do instinto materno; sobre o lugar do ser humano e da mulher.

7. 5 coisas que a personagem jamais fará:

Ana jamais vai fazer algo que coloque a vida de seu futuro filho em risco, ainda que pense em abortar.

Ana jamais vai culpar seus pais, ainda que não concorde com o que fizeram/fazem.

Ana jamais vai usar nada branco.

Ana jamais vai descuidar de sua saúde.

Ana jamais vai acreditar em céu e inferno.

8. 5 coisas que a personagem com certeza fará:

Ana vai usar aparelhos tecnológicos quando necessário.

Ana vai confiar em tudo que alguém de origem indígena lhe contar, ainda que nem sempre faça como lhe disseram.

Ana vai matar um animal para comer apenas se estiver em risco a vida de seu filho.

Ana vai tentar bloquear ou apaziguar seus sentimentos amorosos.

Ana vai procurar contato com o pai de seu filho (ainda que isso não apareça necessariamente no romance).

9. Relação de Personagens

Ísis - 35 anos: Dona da pousada e comunidade alternativa na qual Ana encontra-se. Tornaram-se amigas durante uma trilha que fizeram na Chapada Diamantina. Ísis conhece os pais de Ana, sendo, muitas vezes, o ponto de conexão entre eles. Por manter um local fixo, quando Ana precisa ela mantém guardada os pertences da amiga. É descendente por parte de vó de indígenas, apesar de manter poucos traços físicos, saber apenas falar português e espanhol e não ter um contato tão direto com a cultura.

Maya (mãe) – 56 anos: Ana tem certeza de que os nomes de seus pais não são os mesmos do batismo. Se autodenominada Maya, nasceu em 1960. Viveu apenas resquícios da cultura da paz e amor desta década, pois ainda era criança, enquanto o Brasil passava pela ditadura. Maya perdeu os pais aos 8 anos, por um motivo desconhecido e fugiu aos 16 anos da casa de seus tios autoritários. Foi freira por um período, e no final de 1985, aos 25 anos, conheceu Dilan, com quem se casou um ano depois.

Dilan (pai) – 48 anos: Ana acha que seu pai mudou de nome em homenagem ao músico Bob Dylan. Casado há 30 anos com Maya, Dilan continua extremamente apaixonado por ela. Ele não fala sobre o passado de sua família, e toda vez que lhe perguntam diz que Maya é sua família. Obedecendo tudo que sua mulher fala, ele parece ainda ser o ingênuo adolescente de 17 anos. Tenta ser sempre positivo e faz muitas piadas.

Samuel (último companheiro) – 34 anos: Originário do Peru, Samuel viveu os últimos 3 anos pelo Brasil. Juntando dinheiro trabalhando em bares de Santa Catarina, resolve, então, fazer uma segunda viagem pela América Latina, encontrando Ana no meio do caminho. Os dois viajam para encontrar Isis, e ele acaba passando um tempo com Ana, trabalhando como cozinheiro na comunidade.

10. CAPÍTULOS

Capítulo 3

Ana acorda com vertigem ao sonhar que está caindo, mas é apenas a falta de Samuel, seu companheiro de curto relacionamento que partiu para continuar sua viagem e não está mais dormindo ao seu lado. Logo que ela sai da barraca uma criança a pega pela perna. Ela tenta praticar ioga, mas ainda sente mal-estar durante as posições, não conseguindo se concentrar e pensando sobre suas relações, incluindo seus pais. Ela sua muito, vai banhar-se no rio e lá percebe que uma camisinha estava perdida dentro de si.

Capítulo 6 (dia de Pachamama)

Ela volta para guardar a barraca e levar suas coisas para dentro. Encontra Isis e pergunta se Samuel deixou as coisas pagas. Elas conversam sobre os próximos planos, enquanto revisita as conversas que teve com o Samuel (ele partiu para não pegar temperaturas tão baixas). Ana comenta que talvez tenha que mudá-los. Ela pergunta se está tudo bem. Ana chora e Isis pergunta se tem a ver com Samuel. Ana diz que sim, e conta sobre a

camisinha. Isis a convida para participar de um ritual sagrado entre mulheres. No meio da conversa chega uma caixa como encomenda. São de seus pais.

Capítulo 9 (7 de agosto)

Isis contrata uma nova cozinheira e deixa a comunidade ao encargo de um amigo. As duas preparam-se para ir até outra comunidade e Ana leva a encomenda consigo. Elas pegam um ônibus em que se encontram outras mulheres que também vão para lá, realizar o ritual da lua cheia. O ônibus quebra. Na espera, uma das mulheres comenta com Ana que quer engravidar e não consegue. Sentindo-se frustrada, resolveu fazer um ritual de Ayahuasca para refletir sobre esse momento. Ana é convidada a participar. Isis comenta que conhece a xamã responsável. Elas chegam no local e recebem instruções sobre a dieta. Ana coloca seu celular em um saco lacrado. Realizam um ritual de benção do útero. Quando vai dormir, Ana escuta uivos (grave).

Capítulo 12 (18 de agosto)

As mulheres passam cerca de uma semana sem muito contato e pouca conversa, apenas meditando e realizando uma dieta. É noite e a xamã chega. À luz da lua elas montam uma fogueira. Ana toma a Ayahuasca com mais 3 mulheres. Depois de 15 minutos Ana começa a sentir-se mais leve. Isis e as outras mulheres começam a cantar. Ana não sente bem o tempo passar. Vomita. Uma outra mulher, careca, começa a chorar e a falar sobre seu câncer. Ana começa a questionar-se sobre sua existência. Mira a lua e não sabe mais se está de olhos fechados. Vê um lobo-guará enquanto escuta a voz de uma mulher falando com ela. Animal-guardião. Essa voz manda-lhe imagens. Essas imagens formam uma trilha na floresta e terminam em uma flor branca. Caminhar para o Oeste. A lua cheia. Ela ouve alguns choros e cantigas. Ela levanta-se e caminha procurando pelo uivo. Um lobo guará a observa.

Capítulo 15

É dia e Ana está desviando de um caminho formado dentro da floresta. Cada vez que ela encontra algo que parece ter tido contato com humanos ela desvia o caminho e tenta adentrar-se ainda mais na mata fechada. Ela observa a forma das folhas, tenta ouvir o canto dos pássaros e de anfíbios. Ela verifica se ainda tem água e observa as nuvens. Resolve procurar por cogumelos comestíveis quando ouve a voz de dois homens. Ela segue-os pela mata, escondida. Ela escuta a conversa deles sobre a caça à cogumelos alucinógenos. Um animal faz barulho, e Ana foge mata adentro.

Capítulo 18 (31 de agosto)

Ela está passando sede quando encontra um riacho para tomar água. Ela aproveita para lavar a roupa e observa os peixes. Resolve não matar eles e sobe em uma árvore. Encontra pequenas frutas vermelhas, e joga para eles comerem. Os peixes vão até elas e não as comem. Então ela sobe em outra árvore e encontra alguns frutos laranjas pequenos mordiscados. Joga para os peixes. Eles comem. Então, ela recolhe e come alguns. Ela sobe em cima do riacho e olha a continuação distante do rio. Coloca seu braço na frente e percebe que suas veias fazem o mesmo caminho serpenteado. Quando ela olha novamente vê uma inundação (esqueci e não encontro a palavra correta) vindo. Ela põe a mão na barriga, e corre para pegar sua mochila e a caixa, e começa a subir a

maior árvore que têm. No meio, uma forte corrente de água leva a caixa, sobrando apenas o papel, que ela guarda. Sua barraca é levada pela correnteza.

Capítulo 21

Está anoitecendo na floresta e Ana escuta rugidos ferais. Ela procura por abrigo no tronco rachado de uma árvore, desiste e começa a escutar uivos e segue-os. Vê a sombra de um mamífero grande que a ronda. Continua seguindo os uivos até uma pequena entrada em formato de vulva. Depois de caminhar um pouco ela acende sua lanterna e pega os restos de gravetos que havia catado. Junta-os e acende uma fogueira, iluminando uma parte da caverna com pinturas rupestres. Reflete sobre mitologias, a figura do ovo, as origens do mundo, a simbologia da serpente. Ela ouve um sibilar por perto, e encontra um ninho de cobras, que novas, ficam mais perto do fogo. Por fim, Ana se deita e fica a observar as imagens até dormir.

Capítulo 24

Ana decide abandonar seu tempo na caverna e parte para uma nova rota dentro da floresta. Ela encontra raízes comestíveis e guarda-as. Ela encontra um riacho e vai olhar sua aparência. Suas roupas estão muito rasgadas e remendadas. Observa sua barriga, e nota a diferença em seu tamanho. A visão é interrompida pela visão de uma sacola plástica branca. Ana se enfurece e ingere a sacola plástica.

Capítulo 27 (3 meses)

Ana está caminhando e sobe em um monte. De longe, consegue enxergar uma pequena casa. Confusa, pensa em desistir de procurar pela flor branca. Quando está caminhando em direção à casa, volta a ouvir um uivo. Ela começa a correr, mas diminui um pouco o passo, para não cair. Encontra uma loba-guará fêmea prenha. Arisca, ela está com a pata machucada. Ao lado, a flor branca. Ana lembra-se que em uma de suas viagens Isis havia dito que essa espécie é abortiva. Ana vai pegá-la quando quase é atacada pela loba. Então, Ana pega seu casaco e joga por cima dos olhos dela. Depois, com seu cobertor, enrola-a com cordas para poder puxá-la. Pesada, o animal reage um pouco, mas logo parece se aquietar de cansaço. Ana aproveita o momento para pegar a flor. Ana, então, dirige-se a casa, na qual é atendida pela mulher que dividiu com ela o ritual de ayahuasca. A mulher comenta feliz que pelo menos para uma delas o ritual da fertilidade funcionou. As duas conversam sobre o ritual e Ana conta que já estava grávida quando o realizou. Elas conversam sobre desejos e maternidade. A mulher diz que vai ligar para um centro de ajuda a animais, enquanto disponibiliza novas roupas para Ana, que vai tomar um banho. No banho, Ana pega a flor e faz uma concha com água quente por cima da barriga. (não entendemos se ela ingere ou não). Ana sai do banho com as roupas emprestadas. A loba guará está no porta malas da caminhonete, dormindo. A mulher liga sua camionete e pergunta se Ana quer ajuda ou carona para algum lugar. Então, Ana mostra o endereço de seus pais.

[Frases soltas]

A cada mensagem trocada Ana sentia que não voltava a conectar-se com seus pais. A cada mensagem trocada ela sentia que era outra pessoa, uma estranha a cada nova palavra *trocada*. Sua vida não seguia um rumo certo, apesar de achar que estava seguindo uma boa direção.

O fio das deusas do tempo é como um grande cordão umbilical que liga as mulheres de todas as gerações. Elas são o tempo, a vida e a morte.

O amor é uma arma biológica para nos manter vivos.

Não nos ensinam a amar mulheres.

Frequentemente nos esquecemos que raiz é parte do corpo de uma planta.